



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA - UnB
FACULDADE DE EDUCAÇÃO – FE

GÉSSICA CÂNDIDA MASCÊNE BRAZ

O ITINERÁRIO ALFABETIZADOR
DE DOIS IDOSOS: ALDERICA E DENIS

BRASÍLIA- DF
2014

GÉSSICA CÂNDIDA MASCÊNE BRAZ

**O ITINERÁRIO ALFABETIZADOR
DE DOIS IDOSOS: ALDERICA E DENIS**

Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) apresentado à Banca Examinadora da Faculdade de Educação da Universidade de Brasília, como requisito parcial e insubstituível para a obtenção de título de Graduação do Curso de Pedagogia da Universidade de Brasília.

**Orientador: Prof. Doutor
Renato Hilário dos Reis**

**BRASÍLIA – DF
2014**

BRAZ, Géssica Cândida Mascêne.

O itinerário alfabetizador de dois idosos: Alderica e Denis. - Brasília, 2014. 115p.

Trabalho de Conclusão de Curso – Universidade de Brasília, Faculdade de Educação, 2014.

Orientador: Dr. Renato Hilário dos Reis

1. 2. 3. Alfabetização de adultos idosos, significativo, amorosidade.

GÉSSICA CÂNDIDA MASCÊNE BRAZ

**O ITINERÁRIO ALFABETIZADOR
DE DOISIDOSOS: ALDERICA E DENIS**

Trabalho de Conclusão de Curso(TCC) apresentado à Banca Examinadora da Faculdade de Educação da Universidade de Brasília, como requisito parcial e insubstituível para a obtenção de título de Graduação do Curso de Pedagogia da Universidade de Brasília.

Aprovado por:

Prof. Doutor Renato Hilário dos Reis

Orientador – Faculdade de Educação da Universidade de Brasília

Profa. Doutora Maria Clarisse Vieira

Membro titular da banca – Faculdade de Educação da Universidade de Brasília

Profa. Mestre Nirce Barbosa de Castro Ferreira

Membro titular da banca – Faculdade de Educação da Universidade de Brasília

Profa. Mestre Cléssia Mara Santos

Membro Suplente – Secretaria de Educação do DF / GENPEX – FE – UnB

À minha amada e guerreira mãe, Onice, meus mestres e avôs, Alderica e Denis, meu tutor e anjo na Terra Agostinho, meu falecido pai João Braz. Aos meus tios e primos e ao meu amado companheiro e encorajador Rafael. À professora Nirce por ter me dado o norte para realizar este processo, bem como a todos os professores da Faculdade de Educação que contribuíram para a minha formação. A todos os meus amigos, bem como a todos os pedagogos e pedagogas que se empenham no caminho da alfabetização humanizante, bem como a todos os jovens e adultos que não desistiram do seu sonho de aprender a ler e escrever.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente à Deus pelo lar em que nasci e de que tanto me orgulho, pelos caminhos que percorri e pelas diversas aprendizagens e ensinamentos de amor que obtive ao longo da minha jornada.

Sou e serei eternamente grata à tamanha dedicação de minha amada mãe Maria Onice Cândida Mascêne que promoveu o diálogo amoroso comigo desde a minha gestação e que se intensificou e promoveu minha formação emocional, moral, ética e física. É uma honra tê-la como minha mãe, és minha maior referência de mulher guerreira, doce e dedicada ao próximo. Amo-te incondicionalmente e estarei sempre aqui para você e com você.

Ao pai de coração que Deus me deu, Paizinho Agostinho Teotônio de Almeida que com tanto amor ajudou na minha educação e formação. Meu querido pai o senhor completou o vazio que sentia em meu coração, me proporcionando um lar físico e emocional formado por pai e mãe que eu tanto sonhava. Ensinou-me valores tão importantes como a fé e a paciência. O amor que sinto pelo senhor é inexplicável unido a tamanha gratidão que sinto. Desejo então que de coração, um dia se orgulhe dos meus passos e veja o quanto mudou minha vida e de minha família. O senhor não é só meu pai, o senhor é o pai de toda a minha família.

A meu falecido pai, João Braz, que, embora não convivêssemos, durante nossos encontros anuais sentia o seu amor e orgulho por mim. Obrigada por ter acreditado em mim, na minha capacidade de entrar na Universidade de Brasília, embora o senhor não tenha tido tempo de ver o meu nome na lista de aprovados.

Agradeço aos meus avôs que foram de fato meus segundos pais, à minha vó Alderica Martins Mascêne por me ensinar a me comportar bem, ao meu vô Denis Candido Ornelas pelas longas conversas enquanto capinava e as brincadeiras antes da

janta. Obrigada por toda a formação que vocês me forneceram. Essa é a maior riqueza e maior herança que possuo. Vocês são meus exemplos, minha base, minha origem. Eu sei que nem imagino o quanto foi custoso as suas vidas, mas sou eternamente grata por terem aberto seus sentimentos a mim, por terem acreditado que eu realizaria o maior sonho das suas vidas. É uma honra e uma grande responsabilidade, mas também uma grande oportunidade que Deus me deu para retribuir tudo o que vocês fizeram para que nossa família estivesse bem.

Agradeço a toda minha família pelos grandes ensinamentos morais que cada um me ensinou, não por palavras mas por gestos que mesmo quando criança os observava e aprendia. Agradeço à tia Durcelice Mascêne por me ensinar a importância da dedicação, à tia Cléo Mascêne por me ensinar o que é empenho, ao tio Zezânias Mascêne por me ensinar a importância e a leveza que a vida tem quando brincamos um pouco, ao meu tio Paulo Mascêne por me ensinar que não devemos descartar aquilo que não funciona mais, mas que devemos sim buscar concertar por vezes num movimento autodidático, à minha amada e terceira mãe tia Valdenice Mascêne que cuidou de mim junto com meus avôs e me ensinou que devemos defender aqueles que não conseguem se defender sozinhos. Agradeço ao meu querido tio Gonçalves Gomes que me ensinou a ser alegre, mas também a ser mais racional diante a vida. Agradeço aos meus amados primos, Peterson Ornelas, Sandro Ornelas, Juliana Ornelas, Rosângela Ornelas, Luís Lançanova, Mayara Lançanova, Letícia Lançanova, Luís Henrique Lançanova, Gabriel Gomes(que tenho como um irmão mais novo), Sophia Mascêne, Rafael Mascêne, Carlos Henrique e Alessandra Soares. Aos meus padrinhos Pedro Ornelas e Helena Ornelas. Certamente minha família é a maior riqueza e o maior presente que Deus me deu. É uma grande honra estar com todos vocês. Os amo imensamente.

Agradeço às amigas e irmãs de coração Priscila Diniz, Fernanda Duarte e

Tairine Rodrigues por todos os pelo menos 10 anos de caminhada juntas. Nosso vínculo de amor é tão grande que nem mesmo a distância e as dificuldades da vida nos distanciaram. Quero ter vocês em minha vida até meu último dia. As amo muito e não cansarei de dizer.

Sabendo o valor do professor não poderia deixar de agradecer às minhas professoras e professores desde a pré-escola com a professora Eneida, ensino fundamental do SMU onde fiquei até a 4ª série, em especial a amável professora Odete, aos professores do Centro de Ensino 01 do Cruzeiro onde cursei minha 5ª série, bem como aos professores do Colégio JK onde estudei desde a 6ª série até o 3º ano do ensino médio. Se não fosse por eles, eu certamente não estaria fazendo uma Universidade, nem cursando Pedagogia e muito menos seguindo um processo de alfabetização. Se tive motivação, ela veio dos bons momentos que vivi no meio escolar.

Agradeço a todos que promoveram um ambiente escolar adequado para que houvesse ensino-aprendizagem para mim e meus colegas, sendo todas e todos os trabalhadores da segurança, limpeza e alimentação das escolas, um especial agradeço ao Seu Raimundo e à Dona Nalva do Colégio JK.

Agradeço imensamente ao meu amado namorado Rafael Brasil, que chegou em minha vida trazendo tamanha luz e me fazendo viver há quase nove anos um sentimento tão maravilhoso e poderoso. Graças a você entrei na UnB, você foi quem me fez acreditar que poderia. Obrigada por acreditar nos meus sonhos, por lutar comigo, por me dar aquela força quando pensei que não conseguiria mais. Você é um presente maravilhoso que Deus trouxe para minha caminhada vivencial. Te amo muito.

Agradeço às minhas companheiras e aos meus companheiros de luta para ingresso na Universidade de Brasília Naianne Lira, Mariana Braga, Hadassa Ramos e Israel Leite. Aqueles tempos de cursinho foram custosos, tivemos dias de determinação,

de risadas e enfim pudemos ver nossos nomes na tão sonhada lista de aprovados.

Agradeço às minhas colegas de curso, em especial Liliane Lacerda e Débora Félix, fomos o trio que ficou junto até o final e como temos histórias ao longo desses anos de curso para contar. Entre as aulas e as caronas, estivemos juntas nas dificuldades e nas alegrias. Agradeço também aos demais amigos de curso, Andréa Martins, Andreia Cerqueira, Stefany Melo, Flávia Franco, Michelly Belinda, Jéssica Cena, Jéssica Morrone, Paulo Faro, Françoise Moncada, Fernanda Plents, Fernanda Nascimento, Marina Timm, Paula Lôbo, Ligia Teixeira, Telma Casanova, Valéria Ventura, Fabiana Yop, Carol Poly, Priscilla Fava, Fabio Meira, Fernando Constancio, Francisco Garcia, Samia Daniz, Ricardo Sousa, Débora Félix, Adriana Silva, Vívía Lira, Fernanda Nascimento e Sérgio Moreira. Ter estudado e trocado conversas com vocês pelos corredores da UnB foi maravilhoso, vocês fizeram e fazem parte da minha história. Vocês são muito especiais para mim e para minha vida. Agradeço também à minha grande amiga e revisora deste trabalho Leticia Figueiredo.

Agradeço por todos os professores que promoveram meu crescimento profissional, tendo um espaço especial no meu coração; professor José Villar, Patrícia Raposo, Carla Castro, Silvia Orrú, Silmara Dornelas, Claudia Sanz, Leda Breitenbach, Catarina de Almeida, Angela Silva, Vera Freitas, Norma de Queiroz, Solange e Amato, Nirce Ferreira e por fim, mas não menos importante, Renato Hilário.

Agradeço a todas as pessoas com quem convivi em meus estágios e que muito me ensinaram nesse percurso. Listo aqui algumas coisas que me foram marcantes de cada um, iniciando pela Escola Bem-me-quer com Rebecca Navarro, Thamyra e Tayza Teixeira que me ensinaram a sorrir sempre, no PIBID onde tive as instruções das maravilhosas Patrícia da Conceição, Fabiana Saraiva, Marília Moura, Cristiane Lopes, Márcia e Daguima Borges na Escola Classe 406 Norte, em nenhum lugar vi pessoas tão

compromissadas profissionalmente, foi encantador, e elas certamente me ensinaram sobre dedicação, amor ao que faz e responsabilidade. Agradeço a toda a equipe do Colégio Carmen Salles em especial Thaynara da Silva, Géssica Souza e Jéssica Araújo que foram companheiras e tanto e que ensinaram o poder da amizade em seu processo de ajuda mútua. Agradeço pela dedicação em me ensinar todos os trâmites burocráticos da universidade e também boas risadas juntamente aos amigos André Vitalino e Thiago Koerich no Departamento de Nutrição da Universidade de Brasília. Foi um curtíssimo período, mas fui muito feliz no convívio com pessoas tão animadas e determinadas em suas metas. Vocês me ensinaram dedicação e determinação. E em meu último e recente estágio na empresa Anderson Marques Fotografia que listo abaixo os agradecimentos.

Tenho uma enorme gratidão pela professora Nirce Ferreira em que na sua disciplina Educação de Adultos, não somente me ajudou a realizar meu sonho e meta de alfabetização, como mobilizou todas as três turmas de 1º/2012, 2º/2012 e 1º/2013 a coparticipar do processo de alfabetização dos meus avôs. Foi tamanha a nossa alegria. Obrigada por essa porta aberta, por seu coração tão amoroso e sua disposição para ajudar ao próximo no desenvolvimento da autonomia. Meus avôs têm um grande carinho por você. Dentre essas turmas não poderia deixar de agradecer a todos os alunos e alunas que coparticiparam também das aulas e que conseguiram um lugar especial no coração e na lembrança de meus amados avôs. Agradeço em especial alguns de cada turma que mais fortaleceram um laço afetivo com meus avôs: Mayara Soares, Fernando Ribeiro, Anna Carollina Mendonça, Flávia Franco, Andréa Martins, Larissa de Menezes, Thalyta Rezende, Marina Timm, Paula Lobo, Carol Sampaio, Clécio Ferreira, Jéssica Quintas, Elizabete Klava, Clara Machado, Giovanni Capuzzo, Mariana Lira, Lohana Mayra, Adriana Silva, Halison Fonseca, Júlio Cesar Cavalcante, Lucas Lasara e Cristiane Klüssner. Tenho certeza de que todos vocês serão ótimos profissionais e

humanos ao lidarem seus alunos, como o foram com meus avôs. Gostaria de conseguir retribuir a vocês por tudo que fizeram por eles. Eles contavam os dias para ir para a sala de aula e estar com vocês, certamente não teria chegado até aqui sem vocês.

Agradeço a todo o grupo do Genpex: Julieta Borges, Karla Cruz, Lizandra Magalhães, Jack Durães, Nirce Ferreira, Janaína Segatto, Pâmela Alencar, Maria Clarisse Vieira, Hugo Antonini, Julieta Borges, Bárbara Brennda, João Souza, Marina Corrêa, Ester Martins, Mariane Ribeiro e Renato dos Reis. Fui ao encontro de vocês por meio do projeto a convite da Nirce e não imaginava quão maravilhosa seria a experiência e quanto crescimento e aprendizagem teria. Estar com vocês é acreditar que uma educação de verdade é possível, que ela existe, que existem pessoas na mesma luta. Com vocês e com a Nirce na disciplina de Educação de Adultos foram um dos pouquíssimos espaços na Faculdade de Educação em que vivenciei a práxis de Paulo Freire. Agradeço muito por todo acolhimento, carinho e amizade de todos.

Agradeço aos meus amigos de trabalho, da minha tão sonhada e amada fotografia. Agradeço primeiramente ao Anderson Marques e à Débora Lima pela amizade de vocês e por terem me fornecido a chance dos meus sonhos, ingressar na fotografia profissionalmente. Eu lembro como se fosse hoje, da mensagem do Anderson me convidando para trabalhar com ele, e eu chorando de soluçar de tanta alegria. Os primeiros meses não queria sem sair do escritório, mal acreditava no que eu estava vivendo e, pra ser sincera, às vezes eu ainda paro e penso se é real. Depois do meu nome na lista de aprovados na UnB, da oferta dos meus avôs estudarem na UnB, essa foi a terceira maior emoção da minha vida. Obrigada meus amigos por confiarem em mim. Como é bom trabalhar entre amigos e falando em amigos agradeço demais ao meu outro “padrinho” de fotografia, Rodrigo Pertoti que estava comigo no dia da realização do meu grande sonho (e só Deus sabe como foram os cinco anos juntando centavo a

centavo com ajuda de amigos e familiares para adquirir minha primeira câmera). Graças a você meu amigo Rodrigo, eu adquiri a minha primeira câmera, foi muito importante para mim. Agradeço a parceria da minha amiga Luana Lucena também, que faz dos meus trabalhos e dos nossos grupos de fotografia bem mais divertidos. Os dias em que acompanhamos o “chefe” são muito mais alegres com a sua presença. Conseguimos segurar bem a barra juntas também, não é mesmo? Obrigada pela confiança e amizade de todos vocês, os amo muito, me sinto em família com vocês.

Obrigada Anderson, por compreender esse processo final da minha graduação e aceitar reduzir minhas atividades para que eu pudesse me dedicar mais ao Trabalho de Conclusão de Curso. Eu sei o quanto é complicado com a sua demanda de trabalhos abrir mão assim durante tanto tempo. A cada dia vejo que Deus me mandou um amigo e chefe com coração imenso e que de todas as formas, mesmo que às vezes por sermões, me motiva a crescer, a ser melhor e, o mais difícil para mim, a acreditar nas minhas potencialidades. Em nenhum emprego por aí vejo uma postura de liderança como a sua.

Agradeço a meu amigo Guilherme Carvalho por sempre estar comigo trilhando, por vezes, um pouco em falso os caminhos de nossa amada fotografia. Obrigada pela amizade e por todo apoio que recebi ao longo deste trabalho.

O que seria da vida sem amor, se posso agradecer por algo na minha vida são os doces perfumes de amor de todos que passaram por ela e que promoveram minha constituição.

*“O importante não é o que se dá, mas o amor com que se dá.
Por vezes sentimos que aquilo que fazemos não é senão uma
gota de água no mar. Mas o mar seria menor se lhe faltasse
uma gota.”*

(Madre Teresa de Calcutá)

RESUMO

Este Trabalho de Conclusão de Curso decorre da alfabetização realizada pela graduanda com seus avôs maternos Alderica Martins Mascêne (74 anos) e Denis Cândido Ornelas (74 anos) em uma perspectiva humanizante e libertadora iniciada em março de 2012 paralelamente a turma da disciplina Educação de Adultos ministrada e sob orientação da professora Nirce Barbosa de Castro Ferreira na Universidade de Brasília (UnB) dentro da Faculdade de Educação (FE). A escolha do tema deu-se pelo vínculo afetivo, mas também pelas inquietações que o processo de alfabetização, não concluído, mas iniciado diversas vezes, causou aos alfabetizandos. Apresento aqui uma Educação de Adultos Idosos baseada no método Paulo Freire aliado às práticas de Renato Hilário dos Reis, em que a alfabetização tem seu norte fundante na incorporação e valorização do conhecimento de mundo de Denis e Alderica. O método utilizado baseia-se no estudo de caso participante etnográfico em uma abordagem qualitativa. A divisão deste trabalho é sequenciada em três partes. A primeira constitui o memorial em que apresento o relato de minha história de vida. A segunda parte é a monografia em si, contemplando a justificativa, objetivo geral e específico, procedimentos metodológicos/resultados, considerações finais, anexos, apêndices e referências. E a terceira e última parte é o projeto de vida profissional.

Palavras-chave: alfabetização de adultos idosos, significativo, amorosidade, acolhimento.

ABSTRACT

This final paper is regarding the literacy conducted by the graduating student with her maternal grandparents Alderica Martins Mascêne (74) and Denis Cândido Ornelas (74) in a humanizing and liberating perspective started in March of 2012 in parallel with the Educação de Adultos subject given and under orientation of Nirce Barbosa de Castro Ferreira at Universidade de Brasília (UnB) in the Faculdade de Educação (FE). The theme choice was given by the affective bond, but by the concerns that the incomplete, but started several times, literacy process caused to the learners as well. In this paper an Educação de Adultos Idosos based on the Paulo Freire method combined with Renato Hilário dos Reis practices, which literacy has its North in the incorporation and appreciation of world knowledge of Denis and Alderica. The method used is based on the case study participant ethnography in a qualitative approach. This paper is divided into three parts. The first part constitutes a memorial where I present my life story report. The second part is the monograph itself, contemplating justification, general and specific objectives, methodological/results procedures, final considerations, attachments, appendix and reference list. The third and final part is the professional life project.

Key-words:elderly literacy; significative, amorosidade, welcoming

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	1
1. MEMORIAL	4
2. MONOGRAFIA	16
2.1 Justificativa	16
2.2 Objetivo Geral	18
2.3 Objetivo Específico	18
2.4 Procedimentos /Resultados	19
2.5 Considerações Finais	86
2.6 Anexos	89
2.7 Apêndices	95
2.8 Referências	97
3. PROJETO DE VIDA PROFISSIONAL	99

INTRODUÇÃO

Este Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) tem como foco a alfabetização realizada pela graduanda com seus avôs maternos Alderica Martins Mascêne (74 anos) e Denis Cândido Ornelas (74 anos). Ao decorrer do trabalho, serão apresentadas abordagens teóricas referentes à Educação de Jovens e Adultos (EJA), voltada para o público idoso. O processo de apropriação da escrita e leitura se volta para aulas em que ocorre a promoção do ensino e aprendizagem por meio da valorização do conhecimento prévio de mundo do alfabetizando a fim de que seja significativa. Ao passo que se apresenta a alfabetização de dois idosos o trabalho também discorre sobre a desvalorização de idosos na sociedade.

A alfabetização inicia-se em março de 2012 com o grupo de alunos da disciplina: Educação de Adultos por três semestres até agosto de 2013. Juntamente com a caminhada dentro da Faculdade de Educação na UnB, inicia-se o processo de alfabetização realizado pela autora deste trabalho, iniciado em maio de 2012 em espaço domiciliar dando sequência até setembro de 2014 data inclusa na análise deste trabalho. A base de análise aqui utilizada deriva em sua maioria da leitura de Paulo Freire, Renato Hilário dos Reis juntamente com o Diário de Alfabetização escrito pela autora deste Trabalho de Conclusão de Curso.

O problema ora trabalhado e ao mesmo tempo pesquisado tem origem da luta contra uma alfabetização bancária e a favor da alfabetização que valorize o conhecimento prévio de mundo, como elucida FREIRE (2009, p. 20), na alfabetização as palavras com que organizar o programa de alfabetização deveriam vir do universo vocabular do aluno. Deveriam vir carregadas da significação de sua experiência existencial e não da experiência do educador.

Esta luta por uma alfabetização crítica só é possível mediante a troca, na qual o educador é educando e o educando também se faz educador. Para que isso ocorra, faz-se necessário o acolhimento amoroso do exercício de valorização da palavra do educando de maneira dialógica. Valorização no sentido de escutar e compreender a riqueza sociocultural que a compõe num movimento até de internalização. É dar voz àqueles que foram silenciados em um sistema opressor.

Este trabalho tem como objetivo geral a apresentação do registro analítico de uma possível ressignificação da subjetividade dos sujeitos da pesquisa, considerando o

início e o término do processo de alfabetização em língua materna de adultos com dois idosos na faixa etária de 72 anos (março de 2012) a 74 anos de idade (agosto de 2014). O objetivo geral alicerça-se em três objetivos específicos, sendo eles: desenvolver com intervenção-ação o processo de alfabetização domiciliar de dois idosos, Alderica Martins Mascêne e Denis Cândido Ornelas¹, ambos com 72 anos de idade no início do processo, em março de 2012; avaliar o seu conhecimento em língua materna em março de 2012 e na fase conclusiva em agosto de 2014; analisar relatórios de aulas ministradas pela graduanda.

O que me motivou a realizar este trabalho foi, em primeiro lugar, o processo de alfabetização que meus avôs tiveram em ambientes escolares, parecido com o que eu tive com o uso da cartilha. Em segundo lugar, pelo fato de terem passado por muitas escolas e nelas não conseguirem permanecer, não podendo assim concluir seus estudos. E em terceiro lugar, pela necessidade que vi crescer em mim de poder lhes retornar a educação e amor que me deram, agora realizando o grande e maior sonho de suas vidas.

Creio que uma possível relevância deste trabalho esteja voltada para ajudar nos primeiros passos daqueles que almejam seguir os caminhos da educação de adultos voltada para o público adulto idoso e da área rural. Claro que o processo de educação é infinito e não quero dar aqui um “modelo”, mas sim trazer a forma como conduzir e como ver este público que traz tamanha riqueza histórica e cultural dentro de si. Eles têm muito a nos passar, a nos ensinar e espero que com este trabalho, o leitor sinta também essa admiração e amor por cada prosa e troca que alfabetizar o público de adultos e em especial idosos, nos proporciona.

A metodologia que alicerça este trabalho é do estudo de caso participante etnográfico. Além dos autores como Paulo Freire e Renato Hilário dos Reis, a base deste trabalho está no Diário de Alfabetização que fui construindo ao longo destes dois anos e meio com informações de algumas aulas em aspectos técnicos e também emocionais dos alfabetizados, incluindo suas histórias e suas falas fielmente escritas.

A divisão deste escrito é particionada em três partes: memorial, monografia e projeto de vida profissional. No memorial, apresento o relato de minha história de vida, da minha constituição como pessoa e educadora e como os alfabetizados Alderica Martins Mascêne e Denis Cândido Ornelas são presentes nela. Neste trecho, relato a

¹ Alderica Martins Mascêne ao longo do texto será chamada de: Alderica, avó ou vó. Denis Cândido Ornelas ao longo do texto será chamado de: Denis, avô ou vó. Ambos serão chamados também ao longo do texto de avôs ou alfabetizados.

minha trajetória até chegar na pedagogia e mais especificamente os meus passos até a turma de Educação de Adultos ministrada pela professora Nirce Barbosa de Castro Ferreira, onde o sonho da alfabetizações se fez não só possível, mas realizável.

Na segunda parte, apresento todo o corpo do texto da monografia, incluindo: justificativa, objetivo geral, objetivos específicos, procedimentos metodológicos/resultados, considerações finais, anexos, apêndices e referências. A estrutura que utilizei acaba por fugir um pouco dos padrões para melhor se adequar à particularidade deste trabalho. Dentro destas divergências, trago peculiaridades em dois momentos. O primeiro, é no memorial em que falo sobre a minha vida. O segundo, é a divergência do porquê de os procedimentos estarem juntos com os resultados. Aqui o disponho desta forma, pois não posso e nem consigo desvencilhar as aulas, o processo de aprendizagem e o desenvolvimento humano com os resultados que tenho no dia em que as aulas ocorrem. Dentro dos procedimentos e resultados, apresento as informações sobre os dados analisados, a metodologia, a explicação da relevância do diário, uma pequena reflexão sobre a alfabetização no Brasil, bem como o papel dos idosos em nossa sociedade. Dando sequência, exponho o histórico de vida dos alfabetizados com algumas contribuições de suas falas, bem como os pensamentos de algumas referências bibliográficas. Em um terceiro momento explico os procedimentos das aulas de modo geral para, depois, partir para a análise direta de algumas aulas, trabalhos divididos por semestres e anos.

E, por fim, há o projeto de vida profissional, no qual apresento meus planos para depois da graduação de continuidade da alfabetização e de passos na educação de adultos e dentro de outros caminhos da arte, como a fotografia.

1. MEMORIAL

Nasci em Brasília no dia 25 de novembro de 1989, filha de um casal de mineiros: Onice, trabalhadora doméstica, e João Braz, motorista particular, que estiveram juntos durante alguns anos, mas se separaram antes do meu nascimento. Vivi então com minha mãe na casa dos meus padrinhos por um curto tempo. Como minha



Figura 1: Meus avôs, na cidade de Passa três.

mãe precisava voltar a trabalhar e não poderia me levar para o trabalho ou ter alguém para ficar em casa comigo, teve de me deixar no interior de Minas, na cidade de Passa Três com meus avôs Alderica e Denis e três tios, Zezânias, Valdenice e Paulo onde morei por

um ano. Nossa casa era humilde, não tínhamos a tecnologia da televisão, como era na cidade. Segundo meus avôs e tios, minha alimentação favorita era arroz com feijão e farinha. Vivi a simplicidade e a riqueza dos costumes mineiros até que, em 1991, nos mudamos para uma chácara em Brasília. Fomos todos, até mesmo o Crioulo, velho e amado cavalo de meu avô, que veio a falecer em 2011. Assim que chegamos à chácara, alguns tios que já moravam e trabalhavam em Brasília foram residir junto a meus avôs também, exceto minha mãe que trabalhava na casa da família de um diácono² no Setor Militar Urbano.



Figura 2: Meu vô no interior de Minas em seu cavalo, Crioulo

Enquanto meus tios trabalhavam e estudavam o dia inteiro, era com meus avôs e tio Paulo que eu passava o dia. Lembro-me bastante do convívio na chácara com meus avôs, de brincar com os cachorros e com a terra ao ar livre, de subir nos pés de mangueira, de pegar direto no pé frutas como manga, goiaba, mexerica e jabuticaba, de ficar ao lado de minha vó vendo-a peneirar o arroz, cuidar da casa, fazer deliciosas comidas, cuidar das galinhas, porcos e de sempre levar água para meu avô que capinava a chácara inteira. Lembro-me que quando andávamos pelo cerrado meu vô e vó me falavam o nome de cada árvore e planta e para o que elas serviam e a minha alegria era achar pelo chão os pés da fruta sangue de



Figura 3: Chácara em Brasília.

² Diácono: segunda das três ordens maiores, inferior ao sacerdócio. Os diáconos ajudam no rito da Missa Solene e podem pregar e ministrar a Sagrada Comunhão.

Cristo para comer, que para mim era a mais deliciosa. Algumas vezes acompanhava meu vô quando ia capinar a chácara e nesses dias, passava o dia a longos diálogos além de andar de carroça ou mesmo andar no nosso cavalo Crioulo, o xodó de meu avô. Ao final da tarde, retornávamos para casa e meu amado vô sempre me colocava nos ombros e eu colocava minhas pequenas mãozinhas em sua cabeça, querendo protegê-la do sol. Tive a alegria de desfrutar desse convívio com a natureza e com meus avôs e se aqui acrescento tantos detalhes em meu relato, é por compreender e desejar que o leitor perceba que, antes mesmo de lhes ensinar o mundo das letras, eles foram os meus mestres, os meus professores da vida. Antes que eu me firmasse na ação de alfabetizar, eles me alfabetizaram como ser humano; antes que eu compreendesse nos livros a importância da amorosidade, eles me educaram baseados nela. O poder dos laços afetivos que construímos ao longo da nossa caminhada nos transforma e nos constitui como seres sociais. Creio que nesta fala tenha me direcionado mais aos meus avôs, mas tomo a liberdade de direcionar o foco a eles neste momento, eles que são o centro deste trabalho.

Seguindo a narrativa sobre a minha trajetória e constituição humana, ao longo desse período na chácara, minha amada mãe vinha me visitar aos finais de semana, visto que durante a semana trabalhava na casa do diácono. Em cada final de semana que a via, sentia em mim uma explosão de alegrias, afinal, que filho não deseja a mãe consigo? E eu desejava tanto, que às vezes fugia rumo ao portão da chácara com a inocente esperança de poder vê-la novamente. Coitados dos meus avôs que iam atrás de mim desesperados achando que havia me perdido, mas nunca consegui sair do portão por ver que o mundo era muito grande lá fora e não saber em qual daquelas minúsculas casinhas a minha mãe estava. Sempre senti um forte amor e admiração pelos meus avôs, mas sabia que não poderiam ser meus pais de verdade. Em meus pequeninos pensamentos, sonhava com o dia em que estaria com a minha mãe em todos os dias da semana e acho que esses pensamentos foram ouvidos, pois aos 4 anos de idade saí da chácara dos avôs e fui morar na casa onde minha mãe trabalhava a convite do próprio dono da casa, Senhor Agostinho, que falou que filho não deve ficar longe de mãe e que na casa havia espaço para mais um. Na casa residiam senhor Agostinho Teotônio de Almeida, diácono militar já da reserva e viúvo, seu filho mais novo, Lucinaldo Almeida, e minha mãe que cuidava dos afazeres da casa. Seu Agostinho tinha mais outro filho, já casado, chamado Luciano Almeida pai dos três netos de Agostinho, Thiago, Aimée e

Amanda. Fiquei feliz por estar com minha mãe e em um lar com uma família de origem mineira como a nossa, com os mesmos costumes e simplicidade. O vínculo entre as duas famílias ficaram tão fortes e repletos de afetos que para mim pareciam uma só. Então em menos de 1 ano, na sala da casa perguntei a Seu Agostinho se poderia chamá-lo de pai, pois, para mim, ele fazia a figura de pai ao cuidar de mim, ao me dar educação escolar e também me ensinar a como me portar diante da vida. Em resposta, fomos eu, minha mãe e ele ao conselho tutelar, onde ele pediu a minha tutela. Vivendo com meu pai (tutor) e minha mãe, lembro-me de uma infância de muitas trocas e de muito, mas muito diálogo o tempo todo, não que com meus avôs não houvesse, mas sabia que meus avôs, apesar de cuidarem de mim não poderiam se pôr no papel de meus pais. Pela primeira vez eu me senti como as outras crianças, em um lar com pai e mãe que me ajudavam a me desenvolver e a aprender, que respondiam minhas perguntas, que se orgulhavam de pequenas vitórias da filha, enfim meu dia dos pais na escola não seria diferente de outras crianças, eu tinha para quem entregar meu trabalho. Ao mesmo passo que senti em meu coração a vontade de chamar Seu Agostinho de pai, também acabei sentindo que seus filhos, Lucinaldo e Luciano foram dois irmãos mais velhos que a vida me presenteou e que também me orientavam e conversavam comigo, então desde meus quatro anos os chamo carinhosamente de “maninhos”. De certa forma, meu pai foi e é como um tio ou até mesmo um pai para minha mãe também. É um pouco engraçado explicar essa relação de que a pessoa que é um pai para minha mãe é meu pai também.



Figura 4: Foto tirada em 2014 com minha Mãe Onice eu e meu Pai Agostinho, hoje Padre.

Graças a Deus e à criação e amor que tive de todos os meu redor, obtive em minha vida muitas conquistas, me refiro aqui não àquelas conquistas que o adulto acha incrível, mas àquelas simples e pequenas do nosso cotidiano. Se eu pudesse dizer qual foi a fase da minha vida em que fui completamente feliz, certamente eu diria que foi em minha infância, seja por ter convivido com meus avôs, pelo sonho realizado de poder ter minha mãe comigo todos os dias e pela nova família que tão bem me acolheu. Enquanto durante a semana eu ficava no Setor Militar Urbano com minha mãe, meu tutor e sua família, no final de semana íamos (eu, meu pai e minha mãe) para a chácara onde meus avôs residiam. O final de semana em nossa família era sinônimo de confraternização, de reencontros, risadas, conversas, churrascos, almoços, muito amor e muita alegria.

Ainda no Setor Militar meu pai (tutor) me proporcionou a oportunidade de estudar desde cedo. Minha primeira escolinha foi em um Jardim da Infância particular que havia em uma residência dentro da área militar, chamada Escola Estrelinha, onde criei um vínculo muito bom com as professoras e desenvolvi minhas habilidades motoras por meio de diversas atividades de desenho, pintura, recorte e colagem. Lembro-me do quanto gostava do cheiro do lápis de cor, do giz de cera e da felicidade que era ver a professora distribuindo os desenhos para colorir.

No ano seguinte, mudei de instituição de ensino e fui para outra escola particular dentro da área militar, na rua de trás de onde morava, o nome dela era Escolinha Peixinho Dourado, onde fiz meu pré-escolar e onde fui alfabetizada. Na Escola Peixinho Dourado, junto à professora Eneida, vivi momentos muito ricos e marcantes em minha vida. Foi onde conheci grandes amigas como minha amiga Laura Reis, minha amiga Camila Costa (Camila reencontrei em minha 6ª série no JK com quem estudei até o 3º ano na mesma escola e a Laura reencontrei na UnB, hoje formada em Veterinária).

A respeito do meu processo de alfabetização, confesso que tinha dificuldades em entender como aquelas letras separadas poderiam formar a palavra. Esse processo

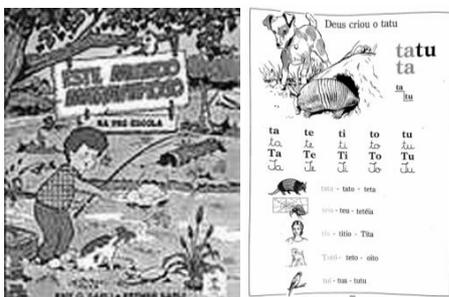


Figura 4: Cartilha Este Mundo Maravilhoso. Edição com a qual fui alfabetizada.

sempre me pareceu muito fragmentado, tinha dificuldades de associar as sílabas e suas junções gerando uma palavra com significado como “tatu”. Eu sabia bem todas as letras do alfabeto, mas entender que “ta” + “tu” dava “tatu” que era um bicho que meu vô dizia que tinha muito na roça, era bem complexo.

Lembro-me do cheiro e da cor azulada das folhas que saiam do mimeógrafo, a salinha de aula com nossas canequinhas penduradas ao lado (a minha era uma amarela meio transparente), dos ditados e até mesmo da cartilha que usei e que ainda tenho guardada (intitulada: “Este mundo maravilhoso”), da minha primeira festa junina, de sentir pela primeira vez a tinta nos meus dedos, das minhoquinhas feitas com a massinha de modelar, dentre tantas outras coisas. Hoje compreendo cada pintura, cada processo de escrita elaborado pela professora Eneida, pois foram importantes para o meu desenvolvimento psicomotor, social e cognitivo. O meu gosto foi tão grande pelas pinturas e o processo de escrita que meu passatempo favorito era pintar pequenos

girassóis ou montanhas com rios preenchendo uma folha A4 inteira, também amava escrever cartinhas, mesmo que ainda com muitos erros gramaticais, as escrevia principalmente para minha mãe em grande quantidade, cartas e desenhos esses que ela guarda até hoje.

Após finalizar o Jardim em 1996, segui os estudos indo para a Escola Classe do Setor Militar Urbano que era também próxima de casa. Ia com minha mãe e na volta retornava com os meus colegas para casa. Entrei para ser aluna da primeira série do ensino fundamental, mas como eu já era alfabetizada fiz uma prova e acabei passando para o 2ª série do ensino fundamental, onde segui estudando até o 4ª série do ensino fundamental. Das aulas que tive o momento mais mágico da escola era na quarta-feira, em que era reservada uma parte da manhã para a turma ir à biblioteca escutar a bibliotecária contar histórias. Naquele momento parecia que o mundo se desvelava para mim e todos ficavam atônitos pensando no que viria depois. De todas as professoras a que mais marcou a minha passagem por essa escola foi a professora Odete, uma senhora muito amorosa que tratava os alunos com muito carinho, atenção e sempre estava disposta a nos ajudar. Lembro que durante esse período havia pedido um quadro negro de presente para o meu pai e lembro-me de chamar minha amiga de rua, Juliana ou mesmo a Laura com quem estudei no Peixinho Dourado e que morava na rua de trás, para brincarmos de escolinha e depois brincarmos na rua ou de boneca. Na nossa escolinha cada uma ensinava para a outra aquilo que tinha aprendido na escola e toda a nossa rotina de entrar em sala em fila, de perguntar se fizeram a tarefa de casa, tudo como vivíamos na escola.

Como a escolinha só atendia até a turma de 4ª série, na 5ª série fui estudar no Centro de Ensino 01 do Cruzeiro Novo, onde alguns colegas da antiga escola me acompanharam. Nesse mesmo período, mudamos do Setor Militar Urbano para o Cruzeiro. Apesar de minha breve passagem pelo Cruzeiro, tive alguns professores que marcaram também minha formação, professora de Biologia bem baixinha e muito amorosa com suas aulas sobre saúde e as famosas tênias, amebas, lembro que pela primeira vez descobri o que era conjuntivite, pois ela havia tirado licença por essa razão. Lembro-me da professora de Geografia que fez com que latitude e longitude fossem umas das atividades mais divertidas a se fazer. Lembro-me do professor de educação ambiental que nos ensinou a plantar uma horta nos fundos da escola e a plantar um pé

de Pau-Brasil no pátio da escola que neste ano ao passar por lá estava já com uns 4 metros ou mais.

Na 6ª série acabei sendo sorteada para usar o Cheque Educação em que meu pai pagava apenas metade da mensalidade da escola particular. Fui então para o Colégio Juscelino Kubistchek na 913 Norte onde estudei da 6ª série do Ensino Fundamental até o 3º ano do Ensino Médio, foi onde encontrei amizades de outras escolas como a Camila Costa, que estudou comigo no Peixinho Dourado, e o Manoel, que estudou comigo na Escola Classe do Setor Militar Urbano. Lá fiz amizades duradouras e intensas com Fernanda Duarte e Priscila Diniz que tenho como irmãs até hoje e dentre elas foi no Colégio JK, em meu 1º ano do Ensino Médio, que conheci meu melhor amigo Rafael Brasil e que no 3º ano viria a ser meu namorado com quem estou há quase 9 anos. Fora do ambiente escolar, descobri por meio da família uma grande amizade que hoje tenho também como irmã e que a vida me proporcionou escolher, Tairine Rodrigues.

No ensino médio tive professores que muito me motivaram em todas as áreas, profissionais dedicados e comprometidos com a educação e formação de seus alunos. Dentre os professores mais marcantes, estão os de Geografia, Professor César, com seu inesquecível vídeo do Pink e Floyd que assistimos retratando bem o processo de produção dentro do ensino; o Professor Helle que contava história de uma maneira fantástica e envolvente; a Professora Zel (hoje diretora do Elefante Branco) que me ajudou a aprimorar minha escrita de acordo com os gêneros literários; a Professora Inara, de Literatura, que me encantou falando sobre o romantismo e o barroco de maneira tão única; o Professor Cância que explicava a matemática tão detalhadamente, apesar de eu não ter me dado muito bem com ela; o Professor Alex Sandro, de Química, com seu jeito despojado que ao mesmo tempo em que dava sermão na turma uma vez ou outra, também nos ensinava muito bem e me fez ficar encantada pelos catalisadores; o Professor Guilherme, de biologia, que me fez me apaixonar por psicologia. Além deles, os zeladores que ordenavam aquele monte de adolescentes colocando todos pra dentro de sala ou chamando atenção de quem aprontava, seu Raimundo e a Dona Nalva.

Saindo do Colégio, no primeiro semestre de 2007, meu namorado passou na UnB para Química e, graças a ele, tive inspiração e motivação para estudar para o vestibular. Ele me fez acreditar que era capaz e também me ajudava a estudar. Lembro até hoje que em meu 3º ano do ensino médio, final de 2006, quando já namorávamos,

descia a pé do colégio na 913 norte para a biblioteca da UnB, lá estudávamos a tarde inteira junto com Gabriel Craesmeyer (hoje formado em química pela UnB) e André Barros (hoje formado em biologia pela UnB) e depois íamos no final da tarde andando para a rodoviária para pegarmos o ônibus para casa. A partir de 2007 fiz dois anos de cursinho na companhia de grandes amigas, Naianne Lira, hoje psicóloga pela UnB, Mariana Braga, hoje cursando Enfermagem na UnB, Hadassa Ramos hoje formada em química pela UnB, Patrick Cassimiro hoje formado em comunicação social pela UnB e Israel Leite formado em Administração pela UnB. Nessa fase tentei vários cursos, sem saber ao certo onde realmente desejava estar. Tentei Psicologia, Administração e Comunicação Social. Sempre tive grande apoio dos meus pais e meu namorado. Vi muitos amigos da escola nesse mesmo período entrando na UnB, Fernanda Duarte em Psicologia, por exemplo, dentre outros 10 amigos de Ensino Médio também espalhados em diversos cursos como: Física, Música, Psicologia, Letras, Antropologia, Arquivologia, Biblioteconomia, Administração, etc.

No 2º semestre de 2009 passei no vestibular para o curso de Pedagogia que escolhi por eliminação de 13 cursos que passaria com o argumento médio dos meus vestibulares anteriores. Fiz a prova sem ter estudado nada durante um semestre e ainda passando muito mal. O resultado foi a aprovação para ingressar no curso de Pedagogia com argumento para Administração e Psicologia, que havia concorrido no ano anterior. No dia em que saiu o resultado lembro-me que fui levar minha cachorra para vacinar e chegando em casa recebi a ligação da minha mãe me dando os parabéns. Imediatamente liguei o computador e vi meu nome e acho que foi o momento mais feliz da minha vida, cai de joelhos e só sabia agradecer a Deus por esse sonho realizado. Nenhuma emoção da minha vida até hoje se comparou ao que senti neste dia. Após a aprovação e no primeiro semestre pela UnB encontrei minha amiga da época da Peixinho Dourado, Laura Reis, cursando Veterinária pela UnB, depois de um tempo também encontrei minha amiga Priscila Diniz cursando Letras Japonês e posteriormente Biblioteconomia.

Iniciando o curso de Pedagogia, sinceramente não sabia muito bem o que faria ali, mas estava aberta a aprender e compreender os processos de ensino. Em meu segundo semestre desejei adquirir meu primeiro net para me ajudar nos estudos na faculdade. Como meu pai não tinha condições de me fornecê-lo, passei o segundo semestre vendendo brigadeiros pela UnB (pavilhão, ICC, IQ e FE) e então ao final dele tive a alegria de adquirir meu primeiro computador que me acompanhou quase o curso

inteiro. Em relação às buscas de conhecimento e experiência no curso, as encontrei nos diversos espaços da atuação do pedagogo como na Classe Hospitalar com a professora Carla Castro, tendo experiências dentro do HUB, onde aprendi o sentido de humanização e a incrível capacidade de resiliência das crianças em ambientes hospitalares, bem como a participação do pedagogo nesse meio; na Creche Bem-me-quer localizada no Cruzeiro, pude vivenciar as teorias de reforço positivo ensinadas pela professora Silmara Dornelas com os pequenos de 1 ano de idade e soube respeitar a individualidade e o corpo deles ao trocar de roupa e dar banho, graças à Classe Hospitalar; no PIBID possuí a oportunidade única de entender o funcionamento da Escola Pública do DF aliando a teoria adquirida na universidade com a realidade dos alunos e por meio da ludicidade aprendi a lidar com alunos com dificuldades de aprendizagens na Escola Classe 405 Norte com as professoras Daguima, Márcia, Fabiana e Patrícia. Ali certamente encontrei professores motivados e dedicados ao ensino-aprendizagem de seus alunos, foi uma grande e rica experiência. Em meio a esse momento no PIBID, em 2012, na turma de Educação de Adultos com a professora Nirce Barbosa Castro Ferreira, percebi qual o sentido de estar neste curso de Pedagogia, que era o de alfabetizar meus avôs que muitas vezes haviam tentado aprender a ler e a escrever, mas ainda não obtiveram sucesso. Foi aqui que a realização do sonho deles, e do meu em vê-los realizados, teve início.

Antes de falar de processo de alfabetização iniciado dentro das salas da UnB-FE, faço um parêntese para falar do histórico dos meus avôs na educação de adultos. Residindo na cidade de Brasília, meus tios, desde 2001, iniciaram uma busca da realização da alfabetização de minha vó. Sim, quem quis estudar e aprender primeiro foi ela, só depois esse desejo se estendeu ao meu avô.

Meus tios encontraram vários locais e também pessoas capacitadas a tal fim, no entanto, ocorria o problema de residirem longe do centro de Brasília, em área rural, onde o acesso ao transporte sempre foi muito difícil, sendo necessário andar 2 km de estrada de chão até chegar na rodovia para de lá pegar um ônibus para o centro, o que era um agravante principalmente por ser de noite e pela osteoporose de minha vó. E como pegar um ônibus sem saber ler e andar a noite na estrada? A chácara também não poderia ficar sozinha, se os dois resolvessem estudar, não poderiam fazer isso juntos ou ia um ou outro, ou cada um ia em uma dia diferente, não dando sequência a todos os dias de aula. Outro entrave para esse processo de ensino-aprendizagem deles era que as

salas eram muito cheias e principalmente meu avô com problemas auditivos tinha dificuldades em se concentrar, além de que o conteúdo era passado de forma maçante, em que eles deveriam mais decorar para passar numa prova do que de fato aprender. Os livros e matérias utilizados ao longo desse processo foram infantilizados, sem ter quase nenhuma associação ao cotidiano dos alfabetizados, desvalorizando seus conhecimentos prévios de mundo, tratando-os como folhas em branco, em um processo no qual o professor é detentor de todo conhecimento e o aluno é aquele que não sabe nada. As vezes minha vó ou ambos (meu avô e minha avó) iam em um grupo no Cruzeiro Velho perto do Cruzeiro Center, mas pararam por não poderem mais ir. Apesar de todos os entraves acima, aos olhos dos meus avôs e até mesmo da família houve um ganho, que foi o de terem refeito suas identidades podendo agora assinar os seus respectivos nomes (mesmo que decorados). Em seguida, passaram para aulas particulares na casa de uma professora no Cruzeiro, mas pararam por não poderem mais ir também. Posteriormente, minha vó participou da EJA no Cruzeiro Novo, mas novamente teve que parar por não poder mais ir. Por fim, entraram no DF Alfabetizado no Varjão, mas as aulas acabaram, porque a professora se aposentou. Esse processo de início e parada foi muito traumatizante para ambos, que quando foram para a UnB comigo, já não acreditavam que iria dar certo, falavam que ia ser bom, mas que depois ia acabar como em todas as outras vezes.

Voltando ao primeiro semestre de 2012, em meu 6º semestre do curso de Pedagogia na disciplina de Educação de Adultos ministrada pela professora Nirce Barbosa Castro Ferreira, surge a indagação dela para toda a turma: sendo a disciplina optativa, qual era o motivo/motivação da escolha desta disciplina por nós, alunos? Todos os alunos se apresentaram em sua maioria dando a justificativa de não terem conhecimento sobre a alfabetização voltada para o público adulto e que a disciplina não obrigatória deveria ser fundamental na formação do pedagogo, mesmo que ele não venha a atuar nesse campo. Em minha fala, justifiquei a escolha da disciplina argumentando que resolvi que iria alfabetizar meus avôs e precisava de um norte para isso e que seria vergonhoso me formar como pedagoga e tê-los ainda analfabetos. Todos então se alegraram com o propósito e em meio a este pensamento a professora Nirce resolveu fazer uma surpresa para a turma, convidando meus avôs em um outro dia a irem à aula, para que todos os conhecessem.

No segundo momento da aula do dia 30 de março de 2012, meus avôs compareceram à sala acompanhados da minha mãe, e filha mais velha deles, para se apresentarem. Em meio a esta apresentação, percebi falas e comportamentos interessantes de ambos. Um deles foi que meu avô respondia sempre de olhos fechados e falava muito baixo, tendo que minha mãe repetir a fala dele para que todos da turma escutassem ao passo que minha vó falava com mais segurança e se sentindo mais à vontade. Segundo a professora Nirce, é possível que o comportamento do meu vó possa ser devido a vergonha de não ser alfabetizado, não se sentia à vontade de encarar as pessoas olhando-o como um analfabeto. Ao decorrer do relato, meu avô também atropelava muito as falas da minha avó, isso ocorreu possivelmente pela cultura de que o homem é quem fala pela família, a figura do patriarca. Ambos trouxeram informações de como viveram no interior, de como a vida era mais complicada em questões de afazeres e trabalhos, que hoje as pessoas tem muito mais oportunidades e facilidades. Falaram também nas tentativas de serem alfabetizados que não deram certo.

Finalizando a roda de conversa com eles, a professora Nirce então pergunta se o que eles realmente querem é estudar e, recebendo a resposta positiva de ambos, resolve perguntar à turma se aceitariam iniciar o processo de alfabetização dos dois, e, caso aceitassem, ela junto com a turma se proporia a alfabetizar Seu Denis e Dona Alderica em sala de aula, realizando uma práxis dentro da Faculdade de Educação da Universidade de Brasília. Desde a pergunta da professora até a aceitação da turma não consegui conter a emoção, assim como ainda me emociono ao ler e escrever este relato e em especial esse momento. Foi um conjunto de emoções que tomou conta de mim, inicialmente a minha única reação foi olhar para cima, fechar os olhos e, em meu pensamento falar, “Obrigada Senhor, obrigada”. Em seguida agradei ainda emocionada à turma, mencionando que nem nos meus maiores pensamentos eu imaginava que isto ocorresse e que eu estava grata de me ajudarem a retribuir a eles toda a educação e formação que me deram e que realizar o sonho deles seria realizar um sonho meu também. Em retorno, o aluno Lucas (um dos que mais esteve presente com meu avô durante todo o semestre) respondeu que a turma era quem agradecia pela oportunidade, que a alegria não era somente minha e de meus avôs, mas da turma também. Em seguida outra aluna Carol (esta ficou todo semestre com a minha vó) disse que agradecia à professora Nirce por proporcionar essa práxis dentro da Faculdade de

Educação, que, em geral, era tão teórica. Foi neste dia que todo o meu e nosso (da professora Nirce e de toda a turma) trabalho com os meus avôs foi iniciado.

As aulas seguiam dentro da universidade na turma de Educação de Adultos e fora da universidade, na minha casa ou na casa dos alfabetizados por meio das aulas que eu ministrava para eles. Na UnB a turma era dividida em dois grandes grupos com até 3 pessoas para cada alfabetizando, com os demais escrevendo observações e fazendo análise crítica do processo, em casa eu ministrava as aulas. Nos dois ambientes a alfabetização de Seu Denis e Dona Alderica era orientada de acordo com aquilo que eles nos traziam, ou seja, informações sobre o seu cotidiano e suas rotinas diárias. A partir daí trabalhávamos por meio do som a formação das palavras. Por exemplo, era perguntado: o que o senhor fez essa semana Senhor Denis? E ele respondia que havia cortado o mato. Seguíamos perguntando sobre como ele fez isso, que instrumentos utilizou, onde aprendeu e com quem. A partir dessa fala, trazíamos para a escrita palavras-chave como: mato, enxada, chácara, terra etc.

O processo com a turma de Educação de Adultos prosseguiu durante três semestres, com aceitação de todas as turmas. No segundo semestre eu estagiava no colégio Carmen Salles, onde tive a felicidade de promover, por meio do vínculo afetivo, a formação de crianças entre 2 e 3 anos de idade. Nas férias acabei saindo da escola e conseguindo um estágio no setor administrativo do Departamento de Nutrição, onde, apesar de ter ficado apenas um mês, conheci todos os trâmites burocráticos das documentações dentro da Universidade de Brasília. O motivo da minha saída do Departamento de Nutrição foi ter conseguido a oportunidade profissional que tenho almejado há pelo menos 5 anos, trabalhar como fotógrafa e concomitantemente com a fotografia. Desde julho de 2013, estagio na área de fotografia na empresa de um grande amigo Anderson Marques junto a sua noiva Débora Lima e com os amigos Luana Lucena e Rodrigo Pertoti, realizando um grande sonho, o qual gostaria de futuramente seguir profissionalmente.

Voltando ao caminhar dos meus avôs na UnB-FE, no último semestre de 2013, a aula foi encerrada antes do período letivo, pois a professora Nirce era temporária e seu contrato havia terminado. Alguns alunos se emocionaram muito na última aula, dando relatos marcantes de que não poderiam deixar meus avôs assim. E então veio a segunda surpresa de todo esse processo, um grupo de alunos: Giovanni Capuzzo, Mariana Lira, Júlio César, Thalyta Rezende e Halison Fonseca resolveram que iriam até a chácara

onde os alfabetizandos moram para dar aulas para eles. Todas as sextas-feiras à noite eles iam lá dar aula para ambos e, em conjunto com esse trabalho, eu dava as aulas para meus avôs em outro dia, geralmente no final de semana. Em decorrência das divergências de horários de cada um e também de suas demandas acadêmicas, não foi possível para eles continuarem as aulas na chácara. Então continuei a caminhada rumo à alfabetização com Dona Alderica e Seu Denis com as aulas uma vez na semana.

Em meio a esse encerramento na UnB-FE e também a não ida dos alunos à chácara, percebi um certo receio da parte deles de não conseguirem mais uma vez seguir os estudos, de terem seus sonhos parados novamente. Mas, por meio do diálogo, mostrei a eles que as aulas domiciliares permaneceriam até que fosse finalizada sua alfabetização. Foi um processo longo e trabalhado durante todo o semestre, até que conseguiram construir uma relação de confiança muito forte comigo, e se tranquilizaram quanto à sequência dos seus estudos. Desde o semestre passado, tenho não apenas continuado as aulas com os meus avôs na chácara onde eles residem, mas também auxiliado minha tia Valdenice, que agora é professora na área rural Córrego do Urubu (no mesmo setor de chácaras onde meus avôs residem) e descobri meu lugar na Pedagogia mais ainda. Mesmo com a experiência incrível com crianças, percebo no grupo de jovens e adultos não só a independência, mas a sua real vontade de aprender, de crescer socialmente com essa aprendizagem, além dos seus conhecimentos adquiridos ao longo da vida que são tão ricos de significados. Acabo sentindo que eles me ensinam muito mais do que eu ensino a eles. Neste contexto, lembro-me de um desejo dos meus avôs que era o de ter aula todos os dias, até que no ano de 2014 a filha mais nova Valdenice, formada em Pedagogia, resolveu ser professora na área rural em que eles residiam e, desde então, eles têm aula no galpão de uma chácara com amigos que os conhecem desde a vinda para a chácara de segunda-feira a quinta-feira e na sexta-feira ou no final de semana eu permaneço fazendo a alfabetização dos dois.

Em meu quarto projeto fase dois no curso de Pedagogia, organizado pela professora Maria Clarisse, consegui a alegria de realizá-lo acompanhando minha tia Valdenice (professora regente) na turma da área rural, onde continuo auxiliando e construindo junto o ensino até hoje.

2. MONOGRAFIA

2.1. Justificativa

Por que trabalhar com o público de jovens e adultos?

Primeiramente, quase toda a minha trajetória no curso de Pedagogia dentro da Universidade de Brasília foi com a educação infantil. O curso em si é muito voltado para o processo educacional desse público e pouco se fala dos jovens e adultos na alfabetização. Acredito que a semente para essa vontade foi plantada a partir do momento em que acompanhei, desde o início em 2001, a jornada dos meus avôs em busca de se tornarem alfabetizados. Fui para dentro de sala de aula com eles algumas vezes e lembro-me de salas cheias de adultos de todas as idades, alguns bem mais novos e outros mais velhos que meus avôs. O processo de alfabetização da primeira escola deles, lembro que era parecido com o que tive, com o $B+A=BA$, o processo de repetição e de cópia também. Em uma das últimas escolas, em que apenas minha avó pôde frequentar, pois tinha que dormir em minha casa no Cruzeiro e meu avô não poderia vir para não deixar a chácara vazia, lembro de uma aula com reagrupamento. Nesta última que fui junto com minha avó, algo me inquietou um pouco: ver os alunos agrupados entre vários níveis e uns ajudando os outros. Aquilo me deixou um pouco intrigada, principalmente pela ausência de mediação da professora neste momento dentro de sala de aula, juntamente com as fases de provas e avaliações que viriam a ocorrer na semana seguinte a essa. Minha avó havia entrado na escola há uma semana e já estavam falando de prova e visualmente essa questão da avaliação a deixou incomodada e com medo. Algum tempo se passou e meus avôs começaram a frequentar a escola no Varjão, perto de onde residiam, quanto a essa não cheguei a frequentar, logo, só posso dizer que a professora construiu um laço afetivo muito forte com ambos, a ponto de, mesmo tendo de deixar a escola, desejar continuar as aulas com meus avôs. Bom, não acabou ocorrendo, por problemas familiares da parte da professora e o longo deslocamento que seria feito pelos meus avôs. De todo o relato que trago aqui, desejo fundamentar que talvez a minha principal escolha, dentro do curso de Pedagogia, de pegar uma disciplina não obrigatória como Educação de Adultos, foi pela inquietação que me causou esses processos divergentes de ensino dentro da alfabetização de adultos e dessa árdua caminhada dos meus avôs em busca de realizar o sonho de suas vidas, que sempre tinha um novo começo, mas nunca uma continuidade. Fui percebendo em suas falas o desânimo e a tristeza de toda essa fragmentação, falas repletas de incredulidade em seu

aprendizado da leitura e da escrita, chegando a atingir a autoestima, a ponto de começarem a se inferiorizar e se acharem incapazes, acreditando que o erro estava neles.

Até o fim do primeiro semestre de 2012, eu não sabia ao certo qual era a função da Pedagogia na minha vida, além de me trazer mais conhecimentos. Ao fazer a avaliação das disciplinas que pegaria para o próximo semestre, veio a inquietação sobre os meus avôs e então pensei que se estou no curso de Pedagogia, poderia pegar a disciplina de Educação de Adultos para conseguir os fomentos para enfim alfabetizar meus avôs. Senti dentro de mim que uma luz se ascendia, era isso! Eu entrei na Pedagogia para alfabetizar meus avôs! Como eu não havia pensado nisso antes? Como posso me formar pedagoga ainda tendo meus avôs como analfabetos? Senti que poderia fazer algo e então foi o que fui buscar no 1º semestre de 2012 com a professora Nirce Barbosa de Castro Ferreira.

Em suma, o tema foi escolhido devido ao envolvimento com os meus avôs. Um envolvimento afetivo familiar e educacional que me fez ter a alegria de tornar seus maiores sonhos uma realidade. Desde o início do processo de alfabetização com meus avôs em 2012, fui me envolvendo cada vez mais com a Educação de Idosos, seus comportamentos e processos de aprendizagem. E, diferentemente do público infantil, os jovens, adultos e idosos já possuem um rico uso social da escrita, bem como já conseguem desenvolver suas próprias estratégias para agir em uma sociedade letrada. É o caso de terem vivido e sustentado toda a família por meio de seus conhecimentos derivados de uma cultura oral, são os cálculos mentais que sabem fazer dentre tantas outras práticas.

Para além do vínculo afetivo e familiar, apresento também, para enriquecimento ao leitor, mais um porquê de minha escolha em me dedicar à educação de adultos e não mais à infantil.

2.2. Objetivo Geral

Apresentar o registro analítico de uma possível ressignificação da subjetividade dos sujeitos da pesquisa, considerando o início e o término do processo de alfabetização em língua materna de adultos com dois idosos na faixa etária de 72 anos (março de 2012) a 74 anos de idade (agosto de 2014).

2.3. Objetivos Específicos

- Desenvolver com intervenção-ação o processo de alfabetização domiciliar de dois idosos: Alderica Martins Mascêne e Denis Cândido Ornelas, no período de março de 2012 até agosto de 2014.
- Avaliar o seu conhecimento em língua materna em março de 2012 até agosto de 2014.
- Analisar relatórios de aulas ministradas pela graduanda.

2.4. Procedimentos/ Resultados

Como dito na introdução, este tópico é composto por procedimentos e resultados simultaneamente, visto que aqui analisarei algumas aulas, conhecimentos e comportamentos dos alfabetizados Alderica e Denis¹. Mas por que os procedimentos estão unidos aos resultados? A questão é que não tenho como separar ambos, pois na aula, no momento que ensino, eu obtenho os resultados, sejam cognitivos ou emocionais, dos meus alfabetizados. O que quero dizer é que, no momento da aula, eles vão me apresentando suas dificuldades, ao passo que eu vou desenvolvendo condutas para ajudá-los e no mesmo momento em que faço esses procedimentos e técnicas, eles reagem imediatamente superando ou não seus desafios de aprendizagem.

Nem sempre serão possíveis resultados imediatos e positivos referentes às expectativas mecânicas que muitos têm no processo de alfabetização. O público idoso necessita de tempo, paciência e amorosidade para que haja uma aprendizagem significativa.

Dentro das análises dos procedimentos, utilizei como fontes de acesso de dados fotografias, imagens do caderno dos educandos, o Diário de Alfabetização onde escrevo informações sobre quase todas as aulas ocorridas nestes dois anos de alfabetização, bem como dentro deste diário a entrevista com falas dos próprios alfabetizados. As análises utilizarão esses instrumentos alicerçados, em autores de duas frentes: educacional e psicológica.

A coleta de dados será realizada por meio de observação participante, com entrevista gravada e escrita no Diário de Alfabetização, e análise de conteúdo da história de vida dos alfabetizados. Por fim, a análise e interpretação dos dados serão explicadas promovendo as relações existentes entre o fenômeno apresentado e outros fatores e conceitos.

A divisão dos processos de aprendizagem dentro da alfabetização de meus avôs, Alderica e Denis, após detalhada análise, serão contemplados com uma tabela que sintetiza o seu conhecimento naquele dado período, os avanços, as superações e os desafios.

A metodologia escolhida para a realização deste trabalho é o estudo de caso de base etnográfica, por meio da técnica de observação participante natural em que o pesquisador participa da comunidade ou grupo, no caso na família dos alfabetizados. O que não poderia ser diferente, já que alfabetizo meus avôs e claramente temos uma troca

¹ Alderica Martins Mascêne ao longo do texto será chamada de: Alderica, avó ou vó. Denis Cândido Ornelas ao longo do texto será chamado de: Denis, avô ou vó. Ambos serão chamados também ao longo do texto de avôs ou alfabetizados.

de ideias, conhecimentos fomentando então uma alfabetização que de fato consolida a aprendizagem e o desenvolvimento deles e o meu simultaneamente.

Em sua designação, o método de estudo de caso enquadra-se na abordagem qualitativa que se faz adequada quando desejamos compreender, explorar ou desenvolver acontecimentos e contextos complexos, nos quais estão simultaneamente envolvidos diversos fatores (YIN, 2001). O estudo se adapta perfeitamente às investigações dentro do meio educacional, em especial e neste caso, quando o objetivo se volta pra descrição e análise de um fenômeno que ocorre de forma profunda.

Num pensamento mais aprofundado, a ideia do estudo de caso é justamente a de ser uma pesquisa que tem forte cunho descritivo e, em específico, este trabalho é também questionador e analítico. Há o confronto com autores que podem promover novas formulações e novas questões, para promover futuras investigações.

Por fim, antes de iniciar o desenvolvimento dos procedimentos e seus resultados o estudo de caso aqui mencionado traz uma abordagem etnográfica que, segundo LAKATOS (2010, p.94), é a “análise descritiva das sociedades humanas, primitivas ou ágrafas rurais e urbanas, grupos étnicos etc., de pequena escala. Diz respeito a aspectos culturais”. A contribuição desta linha de pesquisa está em mostrar da melhor forma o estilo de vida ou a cultura específica, no caso, de dois mineiros do município de Formoso mediante suas falas e histórias de vida.

POR QUE O USO DO DIÁRIO?

O diário a que recorro muitas vezes para falar dos procedimentos e resultados traz anotações de algumas aulas em questões técnicas e também referentes ao comportamento e parte emocional dos alfabetizandos ao decorrer das aulas, bem como entrevistas realizadas com estes.

Segundo GALIAZZI (2003, apud ZABALZA, 1994, p. 104) o professor, ao escrever sobre a prática, aprende e reconstrói, pela reflexão, sua atividade profissional. De sua análise, distinguem-se três tipos de diários: o diário como organizador estrutural da aula, o diário como descrição das tarefas e o diário como expressão das características dos alunos e dos próprios professores. Esses tipos de diários não são excludentes e o mais comum são diários mistos.

É por meio do diário que consigo repensar e analisar minha prática pedagógica. Por meio dele também consigo visualizar mais concretamente o desenvolvimento da alfabetização que realizo e tomar decisões de como manter ou modificar a forma como ela é conduzida. Embora sejam os alfabetizandos, meu avós, a trazerem os temas e o que será escrito no dia, posso encontrar em suas falas e na escrita oportunidades de trabalhar suas dificuldades.

Como bem sabemos, é impossível guardarmos os detalhes e as informações de cada evento, imagina guardar todas, ou quase todas as aulas realizadas ao longo desses dois anos e meio. Então aqui se encontra a maior contribuição do diário, pois é nele que encontro informações concretas e detalhadas do que ocorreu.

Mas você deve estar se perguntando, para que sejam tão fidedignos e que eu não esqueça de detalhes, em qual momento os escrevo? Em sua maioria, os relatos são escritos durante a aula que vou ministrando com os alfabetizandos, raramente são feitos posteriormente. Como alfabetizo duas pessoas, há momentos em que eles estão concentrados e realizando atividades de forma mais autônoma e é aí nesse instante que registro as reações e as dificuldades em um papel ou no computador. E não, isso não atrapalha a condução da aula. Mas porque prefiro escrever durante a aula? Aqui, caro leitor, trago a questão de que em quatro ou cinco horas de aula ocorrem muitos momentos e alguns são muito rápidos, certamente se os deixasse para anotar depois me esqueceria de algum ponto. O que costumo fazer depois é relê-los e buscar na literatura e na autocrítica uma reflexão sobre a minha prática alfabetizadora, se devo ou não modificar a forma de conduzi-la com meu avô ou com minha avó. Se considerei que

aprenderam bem de tal forma ou seria mais eficiente para eles que eu tentasse outro meio.

Eu sempre dialogo e pergunto a meus avôs como pensam a aula e a forma que acham melhor, mas isso não me tira a necessidade e a responsabilidade de pensar criticamente a forma como conduzo as aulas. Neste ponto, encontro a adversidade e dificuldade não só de pensar sobre o meu agir, mas de vencer o histórico vivencial de aceitação e não de reflexão crítica dos meus avôs. Faz-se necessário ir ao encontro do exercício de escuta não apenas dentro da aula, mas em todo o seu processo de constituição. E aqui acrescento FREIRE (2011, p.79) quando ele nos diz sobre um dos tipos de relações entre educador e educandos dentro da educação bancária que é a narração de conteúdos, por isso mesmo, tende a petrificar-se ou a fazer-se algo quase morto, sejam valores ou dimensões concretas da realidade. Narração ou dissertação que implica um sujeito – o narrador – e narrados – os educandos.

São dois anos e meio de alfabetização, trabalhando e buscando fazê-los sujeitos de voz, e começo a ter retorno apenas agora no segundo semestre de 2014. A partir deste final de ano eles enfim começaram a dizer dentro das aulas o que estava mais complicado ou mais fácil. Não quero dizer que tem de sempre ser fácil, os desafios são necessários, mas é necessário pensar em ações e técnicas que sejam facilitadoras para os próprios alfabetizados.

É nessa construção conjunta da aula que se promove a aprendizagem e não a ideia de que os alunos são vasilhas prestes a serem preenchidas com o meu conhecimento. Como nos diz REIS (2011, p.71):“Nessa lógica diferente de alfabetização, alfabetizados são chamados a falar, a se expressar, rompendo o silenciamento que trazem consigo. [...] Esse falar leva ao domínio da fala, da oralidade, à descoberta do poder falar e que esse poder falar significa ter poder”.

O PÚBLICO IDOSO

Apesar de aqui tratar da alfabetização de dois idosos, no caso meus avôs, a realidade deles é bem recorrente no Brasil, no sentido de serem migrantes de zonas rurais que chegam às grandes metrópoles buscando o estudo tardiamente, visto que não puderam realizá-los devido à necessidade de ajudar a família por meio do trabalho.

Mas como a nossa sociedade enxerga o idoso? Segundo MARQUES (2009, p. 52) atualmente, a visão do envelhecimento é diferente da imagem passada por séculos, o mundo se mostra conscientizado pelo conhecimento do processo através de níveis, quer sejam sociais ou no âmbito do governo. Há maior visibilidade sobre o processo de envelhecimento, através de políticas públicas e de mídia, como expressam muitas pesquisas.

Mas, por outro lado, ainda temos em alguns momentos uma sociedade que defende e valoriza os meios de produção e a força de trabalho acaba por também colocar o idoso num local de inutilidade. No contexto sociocultural e histórico, em nossos estudos escolares podemos observar movimentos de exclusão do idoso em relação ao seu físico em sociedades primitivas, por exemplo, ao passo que em outras sociedades, como na Grécia, o seu conhecimento era valorizado fazendo-o uma figura respeitável.

E aqui, nesta alfabetização libertadora trago ao leitor a importância de se valorizar o conhecimento que os idosos possuem, mas não apenas por simples propagação cultural, mas pela riqueza e poderosa fonte vivencial e histórica que eles comportam. Na cultura dos meus avôs, o fazer e o ensinar a fazer eram práticas ancestrais, motivo de orgulho, que os mantiveram vivos e que promoveram a vida dos seus familiares. Posso dizer que o conhecimento de mundo para eles é conhecimento sobre a vida e uma forma instrutiva de como vivê-la, superando suas adversidades, como demonstra a fala de Alderica quando diz que: *“Quando adoecia a gente já pensava como é que ia fazer. Tinha que fazer chá... Aprendi os chás com a minha madrinha, com os amigos, as pessoa que usava e dava também pros meu filho, um falava pro outro”*(BRAZ, G.C.M. Diário de Alfabetização. Fala de Alderica, 2014, p.66).

Segundo informações do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) referentes ao ano de 2012, o número total de habitantes no Brasil é estimado em 203 milhões. O censo 2012 traz informação de que o índice de analfabetos no Brasil para pessoas de 15 anos ou mais é de 8,7%, o que corresponde a 13,2 milhões de analfabetos.

Dentro desse percentual, 24% da população brasileira com mais de 60 anos, considerados idosos no Brasil, não é alfabetizada. Em seu trabalho voltado para educação de Adultos Idosos, Marques nos traz importantes dados sobre o percentual de idosos segundo algumas pesquisas:

No mundo, o número de pessoas com idade igual ou superior a 60 anos têm aumentado rapidamente. Eram estimados 590 milhões de indivíduos nessa faixa etária, ao final do século passado. Para o ano de 2025 é projetado 1 bilhão e 200 milhões, atingindo 2 bilhões em 2050. Neste século, pela primeira vez na história da humanidade, o número de pessoas com mais de 60 anos superará o das crianças com idade entre 0 e 14 anos, respectivamente, 22,1% e 19,6%, segundo a Organização Mundial de Saúde (OMS) (MARQUES, 2009, p. 52).

Para pensarmos nesses valores, devemos compreender que o crescimento do número de idosos se dá por três fatores: primeiro, pelos altos índices da taxa de fecundidade nas décadas passadas; segundo, derivado avanço da medicina com medicamentos e tratamentos de doenças promovendo maior expectativa de vida; e terceiro, que traz uma nova realidade familiar por meio das baixas taxas de natalidade. Pensando sobre este aspecto dos filhos, no interior, quanto mais filhos se tinha, melhor era, pois estes poderiam ajudar em casa, na roça e na produção domiciliar.

Sobre os aspectos de migração rural, dentro do Brasil, Brasília, por ser uma cidade muito nova, é composta em sua maioria por idosos que vieram de outras regiões do País, assim como meus avôs que migraram de Minas Gerais. As salas de jovens e adultos se fazem repletas de histórias que trazem sua origem em diversas culturas e o processo de alfabetização precisa abraçá-las, pois o alfabetizando só aprende quando o ensino se faz significativo. E aqui trago a fala de Freire para fundamentar esse exercício de escuta da vivência e conhecimento do idoso. Em sua máxima, FREIRE (2009, p.11) diz que:

A leitura do mundo precede a leitura da palavra, daí que a posterior leitura desta não possa prescindir da continuidade da leitura daquele. Linguagem e realidade se prendem dinamicamente. A compreensão do texto a ser alcançada por sua leitura crítica implica a percepção das relações entre o texto e o contexto.

Mas como é este idoso dentro da nossa legislação? A Constituição Federativa do Brasil de 1988 prevê no título: Da Ordem Social, em seu 230º artigo a informação de que a família, a sociedade e o Estado têm o dever de amparar as pessoas idosas,

assegurando sua participação na comunidade, defendendo sua dignidade e bem-estar e garantindo-lhes o direito à vida.

Dentro desta máxima, a nossa constituição delinea alguns artigos que defendem o direito do idoso quanto ao: exercício de sua cidadania, proibição do preconceito sobre esta faixa etária, direito ao voto, direito de usufruir da previdência social, disponibilidade de assistência social e proteção contra a violência.

Já no Estatuto do Idoso, provem da Lei nº 10.741, de 2003, aparecem artigos que defendem o direito do idoso de usufruir da educação, da cultura, do esporte, do lazer, da diversão, dos espetáculos, dos produtos e dos serviços; traz a responsabilidade ao poder público da criação de oportunidade ao acesso à educação de acordo com sua condição, incluindo cursos voltados para o uso de tecnologias como computação; dão-lhes o direito de usufruir de comemorações cívicas com a finalidade de transmitir seus conhecimentos e vivências às demais gerações; assegura descontos de 50% em atividades culturais, bem como acesso preferencial aos locais; meios de comunicação deverão ter também espaços ou horários especiais voltados ao público idoso; além do direito de criação de universidades abertas para as pessoas idosas.

O Brasil se configura em um dos poucos Países que pensa e apresenta dentro da lei o direito voltado para o público idoso de acordo com suas necessidades. Ao decorrer do processo de alfabetização, como é o caso, faz-se necessário construir e/ou mostrar aos alfabetizando os seus direitos como cidadãos, a fim de que possam se apropriar deles de forma crítica e reflexiva.

Antes que se pense no trabalho de educação e no caso alfabetização de idosos, faz-se necessário refletir e conhecer alguns aspectos singulares desta faixa etária, sendo eles: vulnerabilidade social, transformações físicas, transformações sensoriais, cognição e aspecto emocional.

A vulnerabilidade social deriva possivelmente da falta de compreensão sobre o público de 60 anos ou mais. Nesta faixa de idade, surgem naturalmente algumas delimitações (biológicas, psicológicas e sociais), no entanto, o problema reside em achar que a delimitação impede a participação na sociedade em que vive. São muitos os casos de idosos com ao menos uma ou mais doenças crônicas, no caso dos meus avôs são diversas, que requerem mais de 6 medicamentos para uso diário individualmente. No entanto, é preciso que se compreenda que esta vulnerabilidade não os impede de agir em sua realidade, visto que eles são ainda ativos ao cuidar das tarefas do lar utilizando seus conhecimentos prévios de mundo. A sua condição ou idade não os impede de trabalhar

e muito menos de estudar. Muito pelo contrário, de acordo com a minha experiência, ao se alfabetizar idosos há um enriquecimento muito grande que decorre de suas vivências e experiências, que vão obrigatoriamente para dentro do processo de aprendizagem da escrita e da leitura da palavra assim como afirma FREIRE (2009, p. 19) ao dizer que a alfabetização é a criação ou a montagem da expressão escrita da expressão oral.

O segundo aspecto supracitado, é mais perceptível a todos, que são as transformações físicas que derivam das alterações biológicas nas estruturas e funções fisiológicas, resultando em limitações corporais. Segundo estudos e o que observo em meus avôs, há nesta fase: o enfraquecimento muscular, menor lubrificação nas cartilagens, calvície, cabelos brancos, fragilidade óssea (no caso da minha vó, osteoporose), ressecamento e aspereza da pele, atrofia de alguns órgãos, perda de células no sistema nervoso (mais especificamente no córtex humano), sofrimento com insônia mais recorrente, tempo de recuperação após uma atividade ou trabalho é maior gerando maior cansaço e dores pelo corpo. Se o alfabetizador não consegue compreender esses fatores estruturais, tampouco consegue realizar uma aula proveitosa, pois, em alguns momentos, os educandos estarão cansados ou inviabilizados de realizar algumas atividades. Aqui então, caro leitor ou leitora, entra a sensibilidade e a capacidade pedagógica de criar uma aula diversificada de maneira que possa suprir as necessidades do alfabetizando idoso.

A percepção sensorial também é afetada no idoso. Sua movimentação e deslocamento que se faz de forma mais lenta e quando feito de forma brusca pode levar a perda de equilíbrio resultando em quedas e lesões que são mais difíceis do organismo recuperar. Além do movimento, enquadram-se aqui alguns problemas visuais (no caso em estudo, ambos, Alderica e Denis, usam óculos), auditivos (no caso, Denis tem leve dificuldade na escuta e, portanto para dar aula necessitamos de ambientes sem interferências sonoras), bem como a redução também do paladar, tato e olfato. Dentre essas adversidades o pedagogo pode facilitar buscando, como dito acima, locais mais silenciosos, com melhor iluminação, falando mais próximo do alfabetizando, em outros momentos pedindo que ele olhe para você ao produzir determinado som e em outros pedindo que ele mesmo ponha a mão na garganta, por exemplo, para sentir a vibração quando fala a letra “a”, a fim que identifique na palavra “casa” onde está o “a”, portanto, onde ele sente essa vibração e como a boca é aberta. Aqui ressalto que sempre que encontro os alfabetizando com dificuldades em identificar as letras de uma sílaba e conseqüentemente de uma palavra que desejam ler, recorro sempre e primeiramente à

pronúncia. Neste método eu pronuncio e peço para que eles pronunciem aquele fonema, a fim de que, de forma autônoma, aprendam a reconhecer os sons de cada letra e conseqüentemente suas diversas formas de se ligar, formando os sistemas silábicos.

No âmbito cognitivo, como afirma MARQUES (2009, P. 62), grande parte da população idosa mantém suas funções cognitivas preservadas. As funções cognitivas são um sistema de atividades mentais integradas e interdependentes que se caracterizam basicamente por: a) memória; b) estrutura e velocidade do pensamento; c) praxias; d) funções executivas; e) linguagem.

Sigo a explicação sobre cada uma, tendo como base o trabalho de Marques e minhas observações a respeito dos meus avôs, Alderica e Denis.

A memória é composta por quatro componentes. A primeiro é o operacional/trabalho que é a capacidade do idoso de registrar e resgatar informações referentes a determinadas formas de ação, como, por exemplo, quando meus avôs trazem relatos dos seus dias e da sua história de vida. O segundo é o reconhecimento em que lembra-se espontaneamente de certas situações significativas, porém, podem apresentar certa dificuldade de se lembrar de conteúdos recentemente aprendidos, casos isolados e episódios. Como exemplo do reconhecimento, trago aqui as falas dos alfabetizandos que conseguem me trazer ricos detalhes sobre o seu passado, mas que por vezes, dentro da aula, esquecem de alguma letra que mostrei ou mesmo daquelas que eles mesmos haviam pronunciado e falado e que grafam outra quando escrevem. Seguindo sobre os componentes dentro da mente, o terceiro é o recente/imediato que é a dificuldade em lembrar-se do que ocorre imediatamente, e, conforme a idade vai avançando, este esquecimento imediato vem sendo mais recorrente. Por fim, o quarto é a semântica que se mantém intacta na capacidade de registrar e recordar o significado conceitual de palavras, objetos e comportamentos. Como exemplo, aquele momento em que minha avó me fala como se faz o crochê ou como se usa o enxó (ferramenta de carpintaria).

Antes de passar para o próximo aspecto, abro um pequeno parêntese para falar sobre a memória, em específico da dificuldade de memorização do meu avô, diagnosticada por sua psicóloga. No início do processo de alfabetização, meu avô não conseguia se situar temporalmente, se perguntávamos em qual data estávamos ele dava um número qualquer, um mês aleatório e os anos não passavam de 1960. Passei então em todas as aulas a desenvolver as datas antes de começarmos nossos diálogos e práticas de escrita, a fim de que ele pudesse se situar no tempo. Em raríssimos casos,

meu avô perde um pouco a noção temporal também e aqui buscamos trabalhar com o referencial espacial que ele tinha, de Minas Gerais, da chácara onde reside, da cidade onde reside, tudo com auxílio de recursos gráficos como imagens fornecidas pelo site *google maps*. O que quero trazer com esse pequeno parêntese é que devemos fazer o processo de alfabetização ir além do mero aprendizado do universo letrado, mas devemos também fomentar o desenvolvimento do nosso alfabetizando.

Em relação à estrutura e velocidade do pensamento no público idoso, ocorre uma lentidão do curso do pensamento e aqui, caro leitor, trago a importância de sabermos dar tempo para que o alfabetizando perceba na palavra que deseja escrever, mesmo levando alguns segundos ou até minutos, que “enxó”, por exemplo, começa com a letra “e”, como aconteceu no caso do meu vô.

Nas funções executivas são exigidas a atenção concentrada, o planejamento de estratégias de execução das ações e a capacidade de autocorreção do próprio desempenho se necessário. Trago como exemplo os momentos em que eles estão construindo/escrevendo cada palavra que compõe a frase que desejaram escrever no dia da aula.

Por fim, para encerrar os aspectos dentro do contexto cognitivo, falo da linguagem. A linguagem, para Marques, compreende a escrita, a leitura, a produção e a compreensão da fala. A autora afirma que os idosos em geral buscam leituras pequenas e com letras maiores. Há mudanças na voz devido à fraqueza muscular ou ao mau ajustamento da dentadura no momento da projeção vocal. Aqui apresento o exemplo do meu vô que, ao falar por longo período, em especial em tempos secos, a sua voz fica embargada, chegando a falhar, ao passo que, minha vó teve de mudar sua dentadura e, devido ao mau ajustamento, passou por dificuldades em falar e se alimentar. Parece uma atitude simples e sem muito sentido, mas desde que percebi um ressecamento na voz dos alfabetizando, passei a deixar disponível um copo com água para ambos, o que muito tem ajudado, além de mantê-los hidratados. Mais uma vez faz-se necessário que o alfabetizador utilize de sua sensibilidade.

Quando o idoso já escreve, a autora afirma que surgem alterações em sua caligrafia devido à deterioração física, mas como aqui eles estão seguindo o caminho da alfabetização o movimento acaba sendo o contrário, possivelmente devido ao forte estímulo para o desenvolvimento da coordenação motora fina no momento em que escrevem e desenham. Ambos não conseguem ter muita firmeza na escrita e por vezes

desfazem a letra que acharam que não ficou boa, refazendo-a ou reforçando-a no próprio caderno de forma espontânea.

Dando sequência às características do público idoso, apresento o último aspecto de relevância e vínculo com meus avôs, Alderica e Denis, o aspecto emocional que envolve a espiritualidade, a morte, a autoestima e a adaptação.

A espiritualidade traz para o idoso uma compreensão do mundo, de si e das relações sociais que estabelece num âmbito transcendental. A sua importância está na ajuda diante das negatividades aliadas às adversidades vivenciais, as perdas de entes queridos, os aspectos físicos que já não são mais os mesmos de sua juventude que era mais ativa e por vezes eles a veem como um pesado fardo. A espiritualidade renova as esperanças e o otimismo, além de melhorar sua autoestima e aceitação. E aqui, informo que, no caso de meus avôs, a espiritualidade é de fato a base que os leva a seguir em frente. É por meio dos seus vínculos com Deus que foram educados e então educaram toda a família. A base de suas ações e gratidões derivam de Deus e do exemplo do amor que Ele nos traz por meio do exercício de ajuda ao próximo.

Ambos vieram do interior de Minas e de famílias com uma forte religiosidade católica. Eles relatam muitos históricos sobre o processo de cura vinculado às orações como era o caso da mãe de Denis, que era parteira e nunca perdia nenhuma criança e que durante o processo de parto, fazia várias orações. Demonstro aqui um momento muito forte da vida de Denis em relação à doença do pai de acordo com a própria fala dele: “[...] *de veiz (vez) em quanto ele sofria uma coisa assim, aquela ronqueira e pono (pondo) aquela espumera (espuma) pela boca como quem tivesse mistura com sangue, aquela coisa enorme. E a mãe pegava ele e ficava gritando tudo quanto é santo assim, pegava água fria no pote e ia despejando na cabeça e pedindo a menino – traz uma vazia (vasilha) com água e com ele no colo, e aquela lucura (loucura) inté (até) que ia passando e ia melhorando. Aí passaram muitas (muitas) veiz (vezes) assim. A Vóvó Tumaza falava, Urbano você tem que ir numa mulher, aí tinha a Dona Marcelina (espécie de benzedeira) que dava aquelas garrafa mas ela conhecia tudo*” (BRAZ, G.C.M. Diário de Alfabetização. Fala de Denis, 2014, p.68).

“Mas até num (não) sinto falta lá do interior não, porque eu sofri muito lá com doença, com as coisa da vida. Sobrevivia mas era benzendo, era tomando o remédio, os chá das folhas” (BRAZ, G.C.M. Diário de Alfabetização. Fala de Alderica, 2014, p.66).

Essa religiosidade é tão forte que acaba por também influenciar nas relações que os dois alfabetizandos têm, quer seja no meio familiar ou em outros espaços de convivência social. Meu avô, especificamente, tem uma enorme facilidade em se socializar, em fazer amizades e acredito que essa arte dele de construir laços amorosos derive da humildade, simplicidade e do grande sentimento de gratidão à atenção que o outro lhe oferece. Para ele o outro também o constitui e o engrandece, o processo de troca por meio da conversa é de uma felicidade que é visível em seu sorriso e olhar. De fato, Marx, Engels e Vygotsky acertam quando nos dizem que o homem se constitui nas relações sociais, exatamente o que ocorreu na vida de meus avôs, aprendendo com os mais velhos de sua época, ensinando os mais novos, em todos os momentos houve uma troca significativa de vivências e de conhecimentos de mundos.

Dentro dos aspectos emocionais, se inclui também a morte. E aqui vem um assunto que a maioria evita discutir ou pensar sobre, pelo fato de não aceitá-la, embora saibamos que somos seres mortais. Em particular, esse tema até hoje não veio à aula, os alfabetizandos nunca o apresentaram. Mas, fora dela, meus avôs trazem a dor e sofrimento derivado da perda dos seus pais antes de completarem seus 6 anos de idade. Em suas falas, são dores e saudades que trazem até hoje. Às vezes, meu avô sonha com o pai e com a mãe e chega a tocar no assunto, no desejo de poder estar com eles novamente.

Embora aqui estejamos voltando este trabalho para os alfabetizandos, como educadora também exponho a vocês meus anseios e limitações. E essa é uma das dores que me tocam e sobre a qual não consigo pensar ou falar sem que meu coração aperte e os olhos se encham de lágrimas. O vínculo que tenho com meus avôs é muito forte e tem se engrandecido ainda mais nesta troca que vimos tendo ao longo desta alfabetização. Para mim, pensar que um dia meus avôs não estarão comigo é sinônimo de dor, de não aceitação aliada a um desejo de que esses momentos de diálogo e aprendizagem sejam eternos. Mas convenhamos, quem não sofre com o pensamento de um dia não mais ter quem ama fisicamente? É em parte por isso que aceitei essa missão, caro leitor, para retribuir o amor com que meus avôs me criaram e para fazê-los, em vida, realizados com seus sonhos e para que, dentro deste processo, eles possam se sentir amparados e amados, além de terem a certeza de que alguém acredita em suas potencialidades. Um dos meus principais propósitos de vida inclui fazer o sonho da alfabetização deles, uma realidade.

Embora tentemos ser polivalentes e desejarmos dar conta de tudo, há limitações constitutivas dentro de nós que fazem necessária, por meio da nossa conscientização, esforço e superação. A minha é a morte que aqui relatei. Uma das ações e falas mais marcantes dos meus avôs e que, por vezes, me emociona muito, deriva do momento em que nos despedimos após o fim da aula e quando volto para minha casa. Meus avôs ao se despedirem, em todas as vezes, me abraçam, me fazem carinho na cabeça com um sentimento de imenso amor e suas falas parecem tecer uma linda oração desejando paz, saúde e o amparo de Deus em minha jornada aliado aos: *“Obrigada fia, Deus e Nossa Senhora a abençoe viu? Eu rezo todos os dia pra modi ela te ajuda (ajudar)... Obrigada por vir aqui ajuda nós (nós)”*. Nenhuma profissão, nenhum dinheiro do mundo me traria tamanho amor e gratidão pela existência deles em minha jornada e pelos seus ensinamentos que me constituem a cada aula, a cada dia. Como não querer a eternidade desses momentos, não é mesmo? Em troca do medo da perda pela morte, eu revento todas as minhas forças e dedicação na realização da alfabetização deles, aí o medo se transforma em um sentimento de se ver útil, de receber e trocar atenção e alegrias.

Bom, por fim devemos pensar no idoso também associado a sua autoestima e sua adaptação, que em muitas vezes depende das relações familiares junto ao seu próprio olhar sobre a vida e sua atual condição física e mental. MARQUES (2009, apud PELISSONI, 2005) nos acrescenta dizendo que:

O idoso carrega todas as características mais importantes do processo de amadurecimento que difere de pessoa para pessoa. Uns tendem a ser mais tristes, céticos, encaram o envelhecimento como uma fase cheia de problemas e sofrem mais. Outras são alegres, positivos e olham os problemas da vida de maneira amena. O equilíbrio do idoso depende da sua adaptação à sua existência presente e passada e da sua realidade na qual está presente.

Dentro do conceito abordado anteriormente, sem esquecer de trazer os meus avôs para dentro de cada informação, percebo comportamentos diferentes nas formas de cada um se ver. Minha vó, Alderica, é mais positiva diante da vida e vê que hoje, na cidade, ela tem muito mais recursos do que tinha na roça, ao passo que meu avô é a figura que se lamenta da velhice, da sua falta de disposição física e aprecia bem mais a vida que teve no interior. Analisando essas divergências, percebo que para a minha vó a sua atual realidade se traduz num sentimento de liberdade, que hoje ela consegue ao

realizar o sonho de aprender a ler e escrever que lhe foi impedido, e hoje ela tem acesso à saúde de forma mais fácil e rápida. Para ela, esse conjunto de fatores é considerado melhor do que a lida/cuidados na roça. Já para o meu avô, a época da roça significava força e total capacidade de realizar trabalhos, para ele, a roça se vincula ao tempo vivido com os pais que lhe fazem falta até hoje. No interior, meu avô não precisava da escrita como sente que precisa hoje. Lá, ele era valorizado e tinha a liberdade de fazer aquilo que desejasse, ao passo que hoje ele depende dos filhos para se deslocar, precisa da leitura e da escrita para saber onde ir.

São formas divergentes de se ver no mundo, mas claro que esse comportamento mais dominante em ambos não impede que eles sintam em seus cotidianos os sentimentos contrários. Não anula a ocorrência de que minha vó sinta falta de algo em seu passado (a pequena vivência com os pais, o aprendizado do crochê), que se sinta infeliz com algo no presente (o comportamento de alguém que a incomoda), ou que meu vô se sinta feliz com algo no presente (a possibilidade de estar aprendendo e estudando) e não sinta tristeza por coisas do passado (a perda do pai e a impossibilidade de estudar).

A superação ou amenização destes sentimentos de tristeza e/ou raiva que afetam o equilíbrio psíquico do idoso, podem ser trabalhadas por meio do acolhimento, em especial daqueles que são de seu convívio, como os familiares e amigos, ou na escola e no supermercado. A necessidade da amorosidade para com o público idoso traz dentro dele o sentimento de pertencimento, de valorização da sua imagem, potencialidade e de todos os conhecimentos que ele obteve ao longo de sua trajetória vivencial. Claro que esse acolhimento deve também estar presente durante a aula em seus movimentos de escuta, e de toque, como um abraço, com gestos e expressões de alegria, bem como com palavras encorajadoras. Para acrescentar e enriquecer o significado do acolhimento dentro do ensino, apresento o pensamento de REIS (2011, p. 72):

A descoberta do acolhimento, do ser acolhido, de ter direito a si mesmo sem ser rejeitado, sem ter medo de sê-lo. A possibilidade de falar e expressar seu sentir, seja dor, alegria, daquilo que o aflige no cotidiano: família, casa, emprego, rua. Aquilo que o aflige em si mesmo. Mas tendo alguém para partilhar e compartilhar. Ouvir. Acolher. Dar atenção. Contar sua história e trajetória. Rir de si mesmo. Rir com o outro. Brincar consigo e com o outro. Ser. Dar oportunidades ao outro de rir com meus “*causos*”, coisas, histórias

trágicas e alegres. Enfim, um mundo de cultura, historicamente produzida e acumulada, que passa pelo cantar, desenho, conto, poesia, repente, improviso, cordel, história de avôs, pais e entre gerações.

DUAS VIDAS E UM SONHO

O tema deste trabalho é o processo de alfabetização de um casal que mudou do interior de Minas Gerais para Brasília em 1991. Ambos são filhos de mineiros agricultores familiares e que não tiveram em sua trajetória de vida a possibilidade de serem alfabetizados, devido à demanda e importância direcionada ao sustento familiar por meio do trabalho. Na cultura da cidade onde nasceram, a leitura das palavras sempre foi algo prescindível, prevalecendo a cultura oral e do trabalho. Relato a história de vida desses dois guerreiros com complemento de suas falas, coletadas por meio de entrevistas e inseridas no Diário de Alfabetização, a fim de que este relato seja o mais fiel possível. O ponto de encontro deles não se faz apenas no ato do casamento, mas se firma também na busca do empoderamento e independência por meio da leitura e da escrita. Nos sabores doces e amargos de seus caminhos, eles são exemplo de persistência e luta. Os adultos aqui citados serão tratados por seus nomes originais, conforme sua autorização apresentada nos anexos deste trabalho.



Figura 6: Alderica Martins Mascêne (74 anos)

Alderica Martins Mascêne é filha de produtores rurais analfabetos, Brasilina e Manoel. Nasceu em 2 de agosto de 1939 em Palmeiras, Município de Formoso, e é a 2ª filha dentre 5 irmãos: Maria, Alderica, Lucilio, Joaquim e José. Seu pai faleceu quando tinha 5 anos de idade. Como a sua mãe não tinha condição de criar todos os filhos, ela deu Alderica para ser criada pela sua madrinha Leocaida na fazenda de São Domingo, município de Buritis.

“O que eu sinto é que num (não) pude ser criada com meu pai e minha mãe mais meus irmãos, porque num (não) tinha condição de ter eu. Aí eu fui morar com os padrinho, eu num via eles – referindo-se aos pais- porque era tudo difíci (difícil)... A gente ficava triste, tinha dia que a gente chorava, tinha dia que a gente ficava triste mas a gente tava levando (estava levando)” (BRAZ, G.C.M. Diário de Alfabetização. Fala de Alderica, 2014, p.65).

Lá, Alderica trabalhava para ter o que comer, vestir e onde dormir e não tinha direito a nada, nem mesmo estudar, pois não havia colégio e mesmo havendo uma irmã de sua madrinha que ensinava, não permitiram que Alderica estudasse, pois falavam que ela tinha de trabalhar e cuidar da casa.

“A casa da minha madrinha era bem, mas assim, tinha que trabalhar, tinha que fazer as coisa porque comia e bebia se fizesse as coisa, trabalhasse, desse de comer pros bichos, varresse casa, lavasse roupa, fazia tudo. Toda obrigação de casa, tinha que fazer tudo! Se não fizesse eles num (não) achava bom, brigava, batia na gente... Tinha uma senhora lá que ensinava. A gente tinha que ficar uma semana na casa dela. Ajudando na casa dela pra ela pudê (poder) ensiná (ensinar) a gente. Mas a minha madrinha num (não) quis que eu fosse...Porque fica distante e eu num (não) podia (podia) ficar em casa para fazer as coisa que tinha que fazer. Aí ela num (não) aceitou. Ela irmã dela mas ela num (não) aceitou prucausa (por causa) que ela não podia (podia) ficar sozinha. Eu tinha que tá lá pra ajudar ela. Quem perdeu foi eu. Perdi eu não perdi, não sei (sei). Eu ajudei ela e ela me ajudou – referindo-se aqui à tê-la acolhido em casa quando foi deixada pela mãe”(BRAZ, G.C.M. Diário de Alfabetização. Fala de Alderica, 2014, p.66).

Embora não pudesse estudar, aprendeu muito bem a cuidar de todos os afazeres da casa e da roça (capinar, plantar, colher), e mesmo sua madrinha não querendo que ela aprendesse a costurar, Alderica aprendeu a fazer ponto cruz escondida, desmanchando um guardanapo que a sua madrinha havia ganho e refazendo-o sozinha. Alderica então aprendera muito sobre como viver, embora tivesse a sua paixão pela costura nunca deixou de querer realizar seu grande sonho, estudar.

“Foi difíci (difícil) porque eu queria tanto aprender, ir na escola, aprender lê (ler) e escrever e num (não) aprendi. A coisa que mais me faz falta inté (até) hoje é isso.. o que me faz falta na minha vida é a leitura pramodi (para) eu saber, porque eu não sei...Intendê (entender) as coisa, os nomes como é que fala, como é que conversa, como é que tem que ser”(BRAZ, G.C.M. Diário de Alfabetização. Fala de Alderica, 2014, p.61).

Denis Cândido Ornelas nasceu em 31 de dezembro de 1940. É filho de produtores rurais, Maria Dominga e Urbano, que residiam no interior de Minas Gerais, na fazenda de Ponte Grande Município de Formoso, não foram alfabetizados e nunca tiveram acesso à escola, pois os mais velhos naquela época priorizavam o trabalho para sustento familiar.

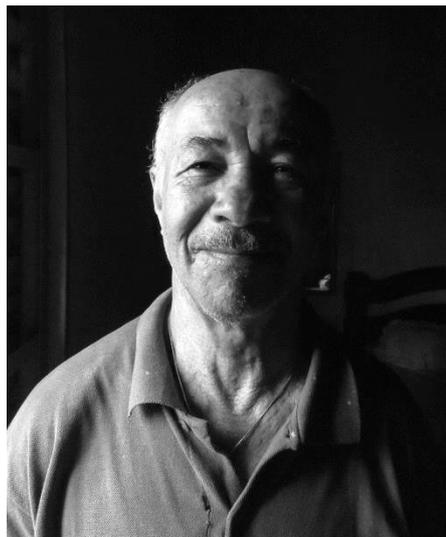


Figura 5: Denis Cândido Ornelas (74 anos)

“A vida era assim né, era trabalhando, era cuidando de tudo. Onton (então) levantava de manhã cedinho, tinha muita coisa pra cuidar: ia pro currali (curral), mexia com bode, era porco no chiqueiro. Enton (então) era aquela vida que você acordava cedo de manhã ia cuidar daquelas coisa tudo...Uma coisa que eu num (não) tive foi essa portunidade (oportunidade) porque se fosse uma coisa assim... Porque tudo que mãe mandava eu fazê (fazer), onton (então) eu obidicia (obedecia)...Num (não) sei porque acontecia isso de eu sem estudar”(BRAZ, G.C.M. Diário de Alfabetização. Fala de Denis, 2014, p.67).

Denis era o 3º dentre 5 irmãos: Anita, Adão, Denis, Eva, Pedro e Urbano. Aos 4 anos Denis presenciou a morte do pai quando o acompanhava na roça.

“de veiz (vez) em quanto ele sofria uma coisa assim, aquela ronqueira e pono (pondo) aquela espumera (espuma) pela boca como quem tivesse mistura com sangue, aquela coisa enorme. E a mãe pegava ele e ficava gritando tudo quanto é santo assim, pegava água fria no pote e ia despejando na cabeça e pedindo a menino – traz uma vazia (vasilha) com água e com ele no colo, e aquela lucura (loucura) inté (até) que ia passando e ia melhorando... na roça... Aí a gente tava pra lá capinano (capinando) e onton (então) ele começou isso. Aí eu fiquei pensando como é que eu vou fazer. E ele com aquele ronqueira, aquela coisa assim e eu gritando e gritando a mãe, mas a mãe num ouvia... Aí eu deixei ele aí e saí na carrera (correndo/ de pressa) e ele encostado no cabo de enxada assim e aquela ronqueira, aquela coisa ruim assim. Aí eu corri depressa gritando a mãe, gritando a mãe aí quando a mãe saiu aí eu falei – chegue aqui que papai ta passando mali (mal). Aí ela veio correndo, quando ela chegou ele já tava deitado. Aí ela chegou botou a cabeça dele no colo e ele só fez abrir a boca e morreu. Foi aquela dor. Eu fiquei sem meu pai, que eu sempre ficava de pareia (junto/

ao lado) dele. Até hoje eu sinto né” (BRAZ, G.C.M. Diário de Alfabetização. Fala de Denis, 2014, p. 68).

Dentre os filhos, somente Denis não estudou, pois escolheu ficar o dia todo com a mãe na roça, ajudando-a. Apesar de não ter ido à escola e não ter aprendido a decodificar o universo das letras, Denis era um dos poucos que domava animais bravos como touros e cavalos e também virou um carpinteiro de mão cheia, fabricando todos os tipos de móveis, carros de boi e até mesmo caixões, o que aprendera apenas olhando e copiando os feitos dos carpinteiros da roça. A carpintaria era a forma de se doar ao próximo, de ajudar a todos que conhecia.

“Então pra mim era uma felicidade muito grande, nem que eu estragasse as mão o corpo duía (doía) tudo mas eu tava(estava) feliz porque eu tava fazendo aquilo que eu gostaria de fazer pras pessoa. Eu tinha aquela vontade de trabalhar que quando eu tava trabalhando eu começava e só parava de trabalhar na hora em que dava o sono que eu ia dormir... Diz que a primeira caneta que teve no mundo foi a enxada, porque foi a primeira caneta que Deus deu pra Adão foi a enxada que era o alimento do cidadão. Porque a enxada hoje puxa o chão, cava a terra e tudo, mas é alimento do cidadão. Significa que a enxada era mais que a caneta naquela época” (BRAZ, G.C.M. Diário de Alfabetização. Fala de Denis, 2014, p.73).

O ÍNICIO DA FAMÍLIA CANDIDO MASCÊNE

Na cultura mineira, os jovens se casavam muito cedo e não foi diferente com Denis e Alderica, que acabaram se unindo por meio de um casamento arranjado pelo tio de Denis, tio Gabriel, com uma moça da fazenda São Domingo, a Alderica. Apesar de temer não poder sustentar a moça, Denis e a família viajaram dias a cavalo para chegar à cidade de Buritis assim como Alderica também fora pra lá. Em julho de 1962, assumiram o compromisso e se tornaram marido e mulher, morando em uma casa construída por Denis, confeccionada com palha de Buriti, barro e cipó, localizada na cidade de Ponte Grande.



Figura 6: Alderica e Denis com todos os filhos

Formaram sua família com seis filhos; Maria Onice, Durcelice, Cleonice,

Zezeanias, Paulo Cesar e Maria Valdenice. Os quatro filhos mais velhos nasceram pelas mãos da Maria Dominga, mãe de Denis, uma grande parteira de aparência franzina, um pouco parecida com Alderica, que nunca perdera uma criança em seus partos no interior de Minas. Ao longo do nascimento e boa parte da infância dos filhos, Alderica e Denis moraram em dois locais, na fazenda de Ponte Grande e na fazenda de São Domingo.

Sobre o casamento: *“De primeiro namorava de longe e num (não) podia nem abraçar, nem beijar e nem nada. Era fala de longe e não podia ver sempre, era de vez (vez) em quando. Não podia (podia) tá junto...”*. Sobre os filhos: *“Ai, era muito difícil (difícil) porque a gente ficava muito preocupada, as vezes (vezes) os filho era pequeno. Lá num (não) tinha médico, só tinha um farmacêutico que era um dia de viagem, um dia pra ir e outro dia pra vim. Se adoecia uma criança... Os meninos só vivia quando era um, era outro doente. Quando adoecia a gente já pensava como é que ia fazer. Tinha que fazer chá, dar aqueles comprimido que um grande tomava, dava pra criança a raspaginha (raspa pequena) pra uma febre e um chá pra poder cortar. Aprendi os chás com a minha madrinha, com os amigos, as pessoa que usava e dava também pros meus filho, um flava pro outro”* (BRAZ, G.C.M. Diário de Alfabetização. Fala de Alderica, 2014, p.66).

Em meio às adversidades, o casal transmitiu aos filhos tudo aquilo que aprenderam, Denis com a mãe e Alderica com a madrinha: o trabalho na roça, o manejo com animais, os contos antigos e aqui entramos na educação oral passada pelas orações e cantigas do interior, a carpintaria, os cuidados com o lar, a ética, moral, ou seja, sua cultura. Em citação Denis menciona que: *“A rotina era de trabalhando. De manhã eu ia ajudar Alderica, a mãe morava ali pertinho então todo dia eu ia lá intá (pedir) benção e depois ia pra roça... Eu ficava sempre na roça, retirado uns dois quilômetro ou mais. Eu levantava ia cuidar dos bichos, dos porco, galinha, tudo. Ia ajudar Alderica, ia lá pegar dois galão de água... Meus filhos não trabalhavam comigo nem Alderica nunca que precisou trabalhar na casa dos outros ou na roça. As vezes eles iam mas eu nunca exigi deles que trabalhasse. Eu trabalhava era sozinho”* (BRAZ, G.C.M. Diário de Alfabetização. Fala de Denis, 2014, p.69).

Enquanto Denis trabalhava, Alderica passava o dia cuidando da casa e dos filhos e tendo que levar comida para o esposo que trabalhava na roça. No período em que os filhos adoeciam, não havia médico, apenas a fé e o uso do conhecimento cultural, por meio do uso de medicamentos, como ervas que eram encontradas na região. O casal

sempre pensou que o estudo era algo muito importante e bom e decidiram que seus filhos saberiam ler e escrever, embora eles não tenham tido essa oportunidade, queriam que os filhos tivessem uma vida melhor. Em alguns raros dias, a rotina passou a ser a seguinte para os filhos mais velhos: de manhã iam para a roça com o Denis e voltavam na hora do almoço para casa para almoçarem e tomarem banho, para a tarde irem à escola. Depois de voltar da escola, iam para a roça terminar de ajudar o pai. Mas pela vontade de Denis, ele preferia que os filhos não fossem para a roça. Os mais novos ficaram com Alderica em casa, pois ainda não conseguiam trabalhar. Em entrevista com alguns filhos, buscando aproximar e ser mais fidedigno com a realidade de vida desta família do interior acrescento a seguir algumas falas dos mesmos. A filha mais velha Maria Onice diz que: *“Lá em casa era uma mistura de hotel, hospital e funerária. Como morávamos na beira da estrada lá em casa parecia um hotel porque todas as pessoas que vinham pegar a condução que só passava uma vez na semana esperavam lá até dar a hora e nisso a mãe fazia comida e às vezes preparava até cama para dormirem. Era hospital também porque vinham doentes e meu pai ficava cuidando deles usando ervas e cascas de árvores. Quando a pessoa não melhorava com aquilo que ele dava, ele pegava o cavalo e ia até a cidade de Formoso onde existia um senhor, Seu Abidias, que ao que se sabe não era médico ou enfermeiro, mas passava receitas para as pessoas e então o pai comprava o remédio e trazia e dava para a pessoa tomar até melhorar. Ninguém que meu pai tenha cuidado faleceu. Era funerária porque quando falecia alguém na redondeza chamavam meu pai para fazer o caixão e junto com a minha mãe dar desde o banho no defunto até preparar o velório”*. Outra filha, Valdenice, traz em sua fala que: *“Sempre que a gente ficava doente o pai ficava com a gente e não ia trabalhar, ele ficava em casa ajudando a mãe, fazendo remédios e o que fosse preciso. Uma postura muito forte da minha mãe foi que abriu mão de ficar com a gente para deixar a gente ir para Brasília pra gente poder seguir os estudos”*. Durcelice tem em memória a sua infância e diz que: *“Quando eu era pequena sempre andava com o pai a cavalo de uma fazenda para a outra. Ele gostava que eu fosse porque eu conversava bastante no caminho inteiro. Da mãe lembro que todos os lugares que ela ia, eu e a Nice íamos juntas. Ela ajudava a gente a pegar as sementes de Tamboril e também sentávamos debaixo do pé de Tamboril para conversar e a mãe aproveitava para explicar pra gente as sementes”*(BRAZ, G.C.M. Diário de Alfabetização. Fala dos filhos, 2014, p.74).

Como Pedro, o irmão de Denis, morava em Brasília, Alderica e Denis resolveram aceitar o convite de Pedro para as meninas mais velhas irem para a cidade estudar e trabalhar. Maria Onice com 9 anos e Durcelice com 7 anos foram as primeiras a irem para a casa de alguns conhecidos de Pedro, onde trabalharam como domésticas, ajudando os pais que ficaram na roça, e conseguiram avançar nos estudos. Alguns anos depois vieram Cleonice e Valdenice, mas Valdenice alguns anos depois voltou para a casa dos pais.

Em 25 de novembro de 1989, Alderica e Denis ficam sabendo da chegada da primeira neta, Géssica, filha de sua primeira filha, Onice. A neta, pouco tempo depois de morar na casa com os padrinhos e a mãe, foi para a casa dos avôs para ser cuidada por estes, visto que Onice tinha de trabalhar e não tinha com quem deixar a filha. Em fala de Alderica e Denis, eles mencionam o momento em que souberam que a filha esperava uma criança e dizem:

“Eu senti pelo pai dela [referindo-se ao esposo Denis] porque ele era uma pessoa assim mais brava. Podia fazer alguma coisa, aí fiquei muito apavorada. Também num (não) falei pra ele, deixei descobrir por outros meio. Meu filho me ligou lá de Brasília e me contou e eu falei vixi. Fiquei assim muito tempo abatida, mas não falava pra ninguém...[Quando fui morar com eles no interior] Eu senti feliz, mas só que eu tinha medo de adoecer lá, porque lá era difícil... Foi uma alegria, um prazer, mas só que a gente só pensava em ter alguma coisa, doença” (BRAZ, G.C.M. Diário de Alfabetização. Fala de Alderica, 2014, p.66).

“Eu fiquei muito feliz, graças a Deus, que bom né. Aí eu nem lembro daquela época. Lembro só de quando você chegou. Ah um bebezinho, uma gracinha. Mas quando eu vi foi muito legal, falei Graças a Deus agora tem uma netinha”(BRAZ, G.C.M. Diário de Alfabetização. Fala de Denis, 2014, p.69).

Após o nascimento, a neta Géssica, ficou no interior com Alderica e Denis por um ano, vindo todos para Brasília em 1991 oficialmente. Para Alderica, a vinda para Brasília foi uma oportunidade de melhorar a sua vida e estar perto de quem ela mais amava, os filhos, que trabalhavam e viviam quase que em sua maioria na cidade. Esse trecho da sua fala traz a importância desse momento em sua vida: *“Eu tive que vir pra perto deles e lá era mais difícil. E eu vindo praqui (pra aqui) ficava mais fácil de eu ficar mais perto de todo mundo, dos filhos”.*

A vinda para a capital do Brasil, Brasília, foi marcada por um lar com afazeres mais brandos que os da roça, e significou ter a família reunida novamente. Sua neta ficou por mais algum período morando com eles na chácara, mas depois se mudou para a casa onde a mãe trabalhava, no Setor Militar Urbano em Brasília e foi viver com ela. Enquanto o tempo passou, Alderica e Denis, talvez bem mais Alderica, não se esquecia de seu grande sonho, desvendar o universo das letras. Então, foi por volta do ano de 2000/2001 que, na Cidade do Cruzeiro (Cidade que faz parte do Distrito Federal), tiveram o seu primeiro contato com a sala de aula. O sonho agora tinha enfim a chance de se realizar. Alderica e Denis estabelecem uma relação muito forte com o papel da educação em suas vidas e expressa isso em suas falas até hoje.

“Se eu já tivesse formado e eu morrer hoje, eu vou feliz porque eu aprendi a ler. É uma missão de vida eu aprender a ler. É uma felicidade é uma glória pra mim. Tem dia que eu dou conta de ler um nome, eu fico feliz, porque eu aprendi. Eu subi (soube) falar aquele nome ali”(BRAZ, G.C.M. Diário de Alfabetização. Fala de Alderica, 2014, p.62).

“Eu queria assim ter alguma coisa dentro de mim, porque o que a gente aprende fica com a gente toda a vida né. Onton (então) eu queria aprender e muitas coisas tenho vontade de escrever”(BRAZ, G.C.M. Diário de Alfabetização. Fala de Denis, 2014, p.70).

Mas, infelizmente, o sonho não se fez realizável, visto que enfrentaram algumas adversidades. A primeira tentativa foi uma dentre as quase seis que se iniciaram e não chegaram ao fim, pelos problemas com deslocamento e somente o período noturno disponível para turmas de EJA. Sobre essas experiências Alderica e Denis falam que:

“Teve de ruim porque eu não consegui aprende o que eu queria aprender porque tava (estava) difíci (difícil), tava (estava) dificultoso. Fui uns tempo aí depois não dava para ir mais. Dentro da sala de aula era difícil só porque eu num (não) sabia. As veiz (vezes) tinha muita gente. Todos sabiam mais que eu, as veiz (vezes) eu num (não) entendi o que eles tava (estavam) fazendo. A professora dava aula pra todo mundo, só que a gente tinha que escrever lá no quadro. Eu ficava em dúvida e tinha veiz (vezes) que eu num (não) fazia o que ela pra escrever porque num (não) dava conta. Foi bom porque eu fui e tentei. Num (não) consegui mas ao menos tentei. Mas pra mim foi bom, só sentia porque num (não) sabia. Elas num (não) podia (podiam) dar

atenção só pra mim porque tinha as outra (outras) pessoa. Mas foi lá que aprendi as letra do alfabeto que eu num (não) sabia” (BRAZ, G.C.M. Diário de Alfabetização. Fala de Alderica, 2014, p.63).

“Eu sabia que ia ser bom, mas eu tinha aquele medo dentro de mim de não dar conta mesmo. Eu achava difícil pra ir pra lá no Cruzeiro (...)lá tinha que esperar a Cléo sair do trabalho pra me trazer. Teve uma professora que dava aula na casa dela, pra mim Alderica e mais umas pouca pessoa lá. Teve outra no Cruzeiro que tinha duas professora que ensinava a gente muito, mas não pude encontrar elas mais” (BRAZ, G.C.M. Diário de Alfabetização. Fala de Denis, 2014, p.72).

Depois de muitos anos, e eu cursando a UnB no curso de Pedagogia, resolvi fazer a disciplina de Educação de Adultos, ministrada pela professora Nirce Barbosa de Castro Ferreira, em março de 2012. No primeiro dia de aula, lembro-me que fui a única pessoa que desejava aprender e ter um norte para poder alfabetizar meus avôs. A professora me felicitou e resolveu convidá-los para conhecerem a turma. O dia em que meus avôs foram à UnB na turma de Educação de Adultos foi um dia muito emocionante para mim e para eles também. No final da aula, a professora resolveu então fazer uma proposta para que juntos realizássemos a alfabetização dos meus avôs e todos aceitaram. Em todos os semestres na UnB na mesma disciplina a professora Nirce fazia o convite e todas as três turmas a minha, de março de 2012, a de outubro de 2012 e a de abril de 2013 aceitaram. Para os meus avôs, estarem na UnB estudando novamente foi:

“É, aquilo pra mim foi uma coisa de Deus que aguiô (guiou) pra aquilo né; ficava com aquilo por dentro, pensando nos meus filho, minha neta que me trouxe pra aqui e eu tinha tanto prezeri (prazer) pra modi (poder) aprender e dar aquele valor pra ela e pra professora também.(...) Eu aprendi muita coisa, aquelas explicação. O que ela ensinou a gente mais ou menos eu aprendi umas coisa. O bate papo, as conversa que a gente tinha lá. (...)Lá era fácil porque assim, você chegava lá e lá tinha tudo né. Tinha os amigos pra receber a gente, a professora, tudo, onton (então) a gente ia e voltada e num (não) precisava ir pras parada de ônibus pra fica... ou deixar de ir porque num (não) tinha como... Eu senti assim aquela vontade de aprender, mas eu sentia dentro de mim que eu ficava com vergonha, porque eu sabia que eu não ia dar conta daquilo ali. Cheguei e vi aquelas pessoa falando aquelas palavra maravilhosa, bonita e eu ficava ali assuntando (prestando atenção) sem saber como responder, porque eu não sabia o

que eu podia responder. As vez (vezes) queria responder uma coisa, mas eu sabia que tava errado, aí não ia dar conta daquilo... Era tudo iguali (igual). Era tudo legali (legal). Que eu falei graças a Deus to me sentindo bem, que tem a Nirce, tem a Géssica, minha netinha que eu adoro muito que tá indo em frente me ajudando, o Rafa, todo mundo”(BRAZ, G.C.M. Diário de Alfabetização. Fala de Denis, 2014, p.71).

“Senti feliz assim, porque quem pensava de eu vim aqui, de eu tá (estar) aqui hoje na UnB. Que coisa maravilhosa! Com as pessoa e todo mundo que tava la que eu conheci. Achei muito feliz(...)A gente sente vergonha assim, mas depois a gente vai acostumando com as coisa e num (não) estranha mais (...)Gostei muito da atenção do povo. Eles era muito atencioso com a gente. A hora que via a gente todo mundo ficava – Ah fulano você tá bem? Tá feliz?”(BRAZ, G.C.M. Diário de Alfabetização. Fala de Alderica, 2014,p. 63).

Como visto anteriormente na fala dos alfabetizandos, foi um momento de experiência, aprendizagem e que lhes deu o sentimento de pertencimento social. Dentro das aulas, eles ensinavam aos alunos que estavam alfabetizando-os. Em meio às aulas, desde maio, comecei a realizar a alfabetização de ambos no ambiente domiciliar também, às vezes na minha casa, às vezes na casa deles, mas com o tempo ficou fixo na casa deles. Meus primeiros passos no caminho da alfabetização de adultos idosos devo às maravilhosas dicas e instruções da professora Nirce. Percebi que haviam caminhos, mas que na verdade, quando alfabetizamos, não temos um “B-A-BA” e temos na verdade que ir tateando, descobrindo o que funciona com aqueles alunos, aliando esse tato e os conhecimentos adquiridos ao decorrer do curso. A alfabetização só ocorre por meio da práxis, associação de teoria e prática.

A partir do fim das turmas na UnB, devido ao encerramento do contrato de professora temporária de Nirce, alguns alunos da última turma de abril de 2013 resolvem então seguir até o final do semestre com a alfabetização, indo até a residência dos próprios alfabetizandos, na chácara. Ainda assim, eu permanecia dando aula para eles em dias diferentes também. A partir do final do ano de 2013 e durante todo o ano de 2014, as aulas têm sido apenas comigo aos finais de semana, e durante a semana de segunda-feira a quinta-feira na área rural Córrego do Urubu, onde residem. A aula é ministrada pela filha mais nova Valdenice, formada em Pedagogia. Também vou uma vez por semana à aula da área rural para ajudar todos da turma. Junto com meus avôs,

são mais ou menos 15 alunos em sala, muitos dos quais tivemos a felicidade de conhecer desde a vinda para Brasília. São moradores e caseiros das chácaras dos arredores. Todos têm histórico de trabalho, de falta de oportunidade nos estudos devido à demanda de terem que cuidar da família por meio do labor. Alguns vieram da Bahia e outros de Minas Gerais. Na sala, o aluno que chamamos de Bino conheceu nossa família no interior de Minas, pois era vizinho por lá. O espaço de sala de aula, do convívio com pessoas trabalhadoras, que migraram para Brasília se assemelha e muito ao histórico dos meus avôs. Ir para a aula é sinônimo de reencontro entre amigos, de alegria.

DOS PROCEDIMENTOS GERAIS NAS AULAS DOMICILIARES

Antes que eu fale aqui das minhas práticas Pedagógicas, trago uma pequena apresentação dos conceitos de alfabetização e com qual tipo eu trabalho. Até a década de 40, o Censo definia o indivíduo como analfabeto ou alfabetizado apenas por meio de uma simples pergunta que era se ele sabia escrever ou não o próprio nome. Na época, a assinatura do nome se fazia mais do que suficiente para que o sujeito pudesse agir diante as exigências políticas como, por exemplo, a assinatura do contrato de trabalho ou de outros documentos. Na mesma década, segundo BORTONI-RICARDO (2006, p.1):

O Censo pergunta se sabem ler ou escrever um bilhete simples ou se simplesmente sabem ler e escrever (...). Na década de 1960, os governos e a Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura(UNESCO) adotaram uma visão mais funcional da alfabetização. Assim, a alfabetização, nessa época, era promovida como uma resposta à demanda econômica, com foco nas capacidades de leitura e escrita necessárias ao aumento da produtividade na agricultura, na produção industrial ou e outras atividades.

Anteriormente, o que definia o indivíduo como alfabetizado ou não, derivava de uma avaliação muito limitada, considerando-se apenas o processo de escrita e leitura, mas a alfabetização que considero em meu trabalho vai além dos conhecimentos gráficos e fonéticos. A alfabetização desenvolvida com Alderica Martins Mascêne e Denis Cândido Ornelas advém de Paulo Freire, que luta contra uma educação bancária; que dá voz ao alfabetizando; que por meio do acolhimento traz e valoriza o seu conhecimento prévio de mundo; que vê na alfabetização um momento de trocas, nas quais o alfabetizando e o alfabetizador transitam em diversos momentos entre o ensinar e o aprender; que trabalha com palavras significativas para o alfabetizando, ou seja, a alfabetização é constituída numa pedagogia humanizadora – dialógica– que possibilita ao educando lutar contra o *status-quo*, transformando e atuando criticamente em sua realidade como cidadão. Todos esses pontos serão tratados a seguir, ao mesmo tempo em que vou fundamentando a nossa práxis alfabetizadora com as falas dos alfabetizandos.

Antes que se inicie a ação alfabetizadora, a autora Lemle, em sua obra intitulada *Guia Teórico do Alfabetizador*, apresenta toda uma gama de conhecimentos básicos por onde se trilham os caminhos da alfabetização em seus processos fonológicos e gráficos. Segundo LEMLE (1995, p.7), para que ocorra o trabalho alfabetizador, faz-se necessário que eu, como alfabetizadora, tenha os conhecimentos básicos sobre os sons/fonemas das falas, devo respeitar meu aluno e acreditar em seu potencial.

Dentro dos saberes que são construídos pelo alfabetizando, existem alguns detalhes interessantes, segundo a autora. O primeiro é que na fase inicial em seus primeiros contatos com o universo das letras, o alfabetizando vê as letras como desenhos, sendo papel do alfabetizador construir com eles as relações simbólicas de sons representados por cada letra. Outro desafio está na grafia das letras do nosso alfabeto, que se fazem muito semelhantes e que podem assim confundir o alfabetizando.

Além disso, há a problemática de no mundo o educando saber que um objeto não muda o seu significado pela posição que ele ocupa. O que quero dizer é que, para os alfabetizandos, um sapato em cima, em baixo ou de cabeça para baixo sempre será um sapato, mas isso não ocorre com as letras. Se as colocarmos na posição diferente ela pode formar outra letra. Meu avô, por exemplo, no início do processo escrevia a letra “s” deitada, o que acabava fazendo-a se parecer com a letra “n”. Logo, percebe-se a necessidade de desenvolver a percepção visual fina dos alfabetizandos.

Claro que, para além de todas as demandas, o processo de alfabetização se complexifica ainda mais, pois, além dos aspectos a serem desenvolvidos, o alfabetizando também necessitará desenvolver uma consciência de percepção auditiva, uma vez que cada letra se associa a um som. Em muitos casos, esses sons podem ser tão próximos que se tornam complicados de identificar. E aqui apresento novamente o meu vô como exemplo, pois minha vó já identificava as letras e fonemas ao passo que com meu avô tenho de ir desenvolvendo essas percepções até hoje. Meu avô confunde, desde o início das aulas em 2012 até hoje, final do ano de 2014, os sons do “m” com o “n” e do “s” com o “f”. Nesse caso, para que ele associe, busco o exercício da pronúncia e associação de palavras de sua realidade, de forma que ele perceba que há sim uma diferença mesmo que sutil. Em “m” e “n”, por exemplo, falo com ele no formato do “m” em nossa “mão” (que também começa com a letra “m”), faço-o repetir e perceber o movimento da língua, da boca e a vibração mais fechada do som do “m”. Em relação ao “n”, faço referência ao nome dele “deNis câNdido orNelas”, ou ao nome do seu filho

“Nia”, e acrescento também a percepção física da língua indo ao céu da boca promovendo um som mais nasalizado.

Um ponto muito forte na alfabetização é sempre essa dedicação que peço de eles de, ao escrever, pronunciarem e sentirem a vibração que cada letra faz em nosso corpo, em nossas cordas vocais. Em quase todas as situações de dificuldades no processo de escrita, ao pronunciarem eles conseguiram exercer com sucesso o mecanismo de autocorreção.

Possivelmente, para nós que já somos letrados, é simples o ato de escrita, mas é uma habilidade complexa, que exige muita atenção e uma forte necessidade de exercitar a memória. Lembremos que a memória, segundo GAZZANIGA e HEATHERTON (2005, p. 216), nos estudos realizados pelo campo da psicologia, se designa como sendo a capacidade do sistema nervoso de adquirir e reter habilidades e conhecimentos utilizáveis, permitindo que os organismos se beneficiem da experiência.

Dentro dos detalhes na aula, trarei alguns importantes conhecimentos dentro da psicologia sobre memória de trabalho, memória de longo prazo e como fazer alguma informação se tornar fixa, ou seja, ser aprendida pelo sujeito.

Continuando sobre as importantes estruturas que compõem o aprendizado e realização da leitura e escrita segundo Lemle, a formação de palavras se faz na união dos sons aos sentidos. Se o alfabetizando não compreende que cada palavra representa um sentido, ele não saberá isolar, por meio da fala, as unidades que aqui são chamadas de palavras e que deverão ser escritas entre dois espaços. Aqui, caro leitor(a), encontro um dos meus pontos de desafios a superar. Minha vó entende um pouco esse conceito, mas meu avô ainda escreve todas as palavras juntas se eu deixo de lhe avisar para dar espaço. Embora fale que a cada palavra que simboliza algo devemos dar um espaço, ainda não consegui trazer a eles de forma mais clara a fim de que compreendam.

Como havia dito, o processo de alfabetização é complexo e nem sempre damos conta de avançar consideravelmente rápido ou mesmo de forma simultânea em todos os pontos que o alfabetizando necessita assimilar. A alfabetização não se faz linear. O alfabetizando, ao menos no caso dos dois com quem estou trabalhando, não seguem de forma sequencial e aprendizagem da nossa língua materna. Meu avô, por exemplo, mesmo ainda não sabendo todas as letras do alfabeto, já consegue, em alguns casos, perceber as letras que compõem uma sílaba e até mesmo já consegue escrever algumas palavras que sejam compostas pelas letras que ele já domina. Se pensássemos de uma

maneira linear, seria impossível ele chegar nesse nível antes de decodificar todas as letras do alfabeto. No entanto, foi um movimento espontâneo da parte dele.

Possivelmente, ele tenha associado e conseguido formar algumas palavras pelo forte fator de derivarem da sua experiência e conhecimento vivencial. FREIRE (2014, p.31) elucida bem esse ponto quando nos fala que ensinar não é transferir conhecimento, não apenas precisa ser apreendido por ele e pelo educandos nas suas razões de ser – ontológica, política, ética, epistemológica, pedagógica –, mas também precisa ser constantemente testemunhado e vivido.

Em sua complexidade, o processo de escrita da palavra passa obrigatoriamente pela relação simbólica, quando, por exemplo, minha vó pensa na coisa chamada “galinha”, após se estabelecer uma relação sonora que compõe a palavra, no caso “galinha”, e, de acordo com os sons, ela realiza a escrita, compreendendo e percebendo que a palavra em questão é composta pela sequência e quantidade de letras G A L I N H A. Ocorrem então duas situações simbólicas essenciais no processo de escrita, a primeira é a representação da coisa pensada de maneira sonora e a segunda, a representação sonora por meio da grafia/escrita das letras.

Outra estrutura linguística que faz-se necessária apresentar ao alfabetizando se vincula à unidade sentença que, segundo LEMLE (1995, p.12), é representada começando por letra maiúscula e terminando por ponto (...), mas essa necessidade não precisa ser colocada logo de início.

Por fim, e não menos importante, é necessário estabelecer e mostrar ao alfabetizando a compreensão de como se utiliza o caderno e sua organização espacial. Este ponto aprofundarei logo mais, nas primeiras impressões do caderno dos alfabetizandos.

Após a compreensão de algumas ações fundantes do processo de alfabetização, apresento as informações sobre as aulas domiciliares ministradas. As aulas duram em média de 4 a 5 horas, sendo realizadas uma vez por semana, totalizando de 16 a 25 horas aulas por mês, em um ano (neste caso como não tiramos férias, se contarmos 12 meses de aula) uma média de 192 a 300 horas aulas, ou seja, ao longo destes dois anos e meio de aulas temos em média 480 a 750 horas de aula. É importante relatar que o ideal deveriam ser mais aulas, porém, devido à dificuldade com deslocamento para a chácara ainda mais em meio aos estudos na faculdade, só pude oferecer para eles um dia de aula, em alguns casos quando consigo passar o final de semana na chácara dou mais aulas.

Um das primeiras práticas fundantes da alfabetização que realizo se inicia no diálogo com os meus avôs. Neste momento, me abro 100% ao meu exercício de escuta e ao exercício e direito de fala deles, para que me relatem informações sobre como foi sua semana, o que ocorreu com eles, o que consideraram importante, o que estão sentindo no dia, que alegrias e dificuldades ou desafios passaram ao longo da semana. Neste momento, realizo o exercício de acolhimento que escrevi sobre a necessidade de atenção que o público idoso precisa. Antes que eu chame alguns autores para fundamentar esta parte, chamo o leitor para a compreensão que inicialmente e possivelmente nem sempre os alfabetizados alcançam, que é o direito de terem voz, assim como compreendem o espaço e direito de voz alheio.

Explico este pensamento quando trago das primeiras aulas um aspecto comportamental de ambos, referente ao momento da fala. Sabemos que quando o outro fala, para que haja compreensão, devemos nos silenciar e ter total atenção àquilo que o outro nos diz. Só que aqui, caro leitor(a), não foi bem assim. Tive de trabalhar esse comportamento com meus alfabetizados, pois em sua cultura o homem, patriarca, tem direito de fala acima do direito de fala da mulher e dos filhos, no âmbito familiar. No momento em que escutava minha avó para recolher informações e saber aquilo que ela desejava escrever no dia, o meu avô a cortava pra acrescentar seu pensamento sobre o que ela dizia. Percebemos com isso que existem relações de poder não apenas no âmbito macro e universal, mas também no âmbito micro, como no seio familiar.

Para superar essa postura do meu vô diante da fala de minha vó, aproveitei a oportunidade e dialoguei com ambos trazendo que quando falamos, desejamos que o outro nos escute, que esse seria o sentido da fala e ambos concordaram. Minha vó ia falar que concordava e imediatamente meu avô entrou novamente com a fala dele de afirmação sobre o que havia dito, cortando-a novamente. Bom, neste momento, ao invés de seguir explicando, coloquei para ambos suas perguntas: hoje quando falei todos ouviram? Fui interrompido? Interrompi? Eu ouvi o que o outro acabou de falar? Conseguiria repetir sua fala? Neste momento, meu avô pareceu tomar consciência, pois sorriu e imediatamente falou que acabou interrompendo a esposa. Aproveitei então para, segurando a mão de ambos (sinto que consigo que me ouçam melhor quando tenho contato físico fraterno e contato visual direto, o “olhos nos olhos”) carinhosamente, dizer que se queremos ter o nosso direito de sermos escutados, temos de respeitar o direito de fala do outro.

Sugeri a eles que, no momento da fala individual, não interrompamos a fala do colega e que, se desejamos acrescentar algum pensamento ou realizar alguma pergunta, façamos após a sua fala, pois assim podemos enriquecer este momento. Bom, todos concordaram, mas claro que vez ou outra, em uma aula e outra tive de repetir e relembrar do nosso acordo até que, finalmente, ambos fixassem que tinham o direito de não mais se silenciar ou que precisavam respeitar a fala do outro.

Para dentro deste episódio, trago então a palavra do outro de FREIRE (2014, p. 114 e 115) que nos diz que:

(...) é preciso porém, que quem tem o que dizer saiba, sem sombra de dúvida, não ser o único ou a única a ter o que dizer (...). O espaço do educador democrático, que aprende a falar escutando, é “cortado” pelo silêncio intermitente de quem, falando, cala para escutar a quem, silencioso, e não silenciado fala.

Em argumento, REIS (2011, p. 71) traz também, dentro de sua prática de alfabetização praxica realizada em Brasília, na cidade do Paranoá, que o ato de fala:

[...] leva ao domínio da fala, da oralidade, à descoberta do poder falar e que esse poder falar significa ter poder. Poder se expor-se, confrontar-se e confrontar, transformar e ser transformado. Influenciar e ser influenciado. Tomar decisões e exercer decisões. De silenciado e em silenciamento, ele pode desenvolver um seu processo de dessilenciamento. Dessilenciamento em que a verbalização e os gestos que o acompanham indicam uma ruptura de antes silêncio opressor.[...]

Seguindo o iniciar da aula, o momento de fala deles é importantíssimo para que eu também saiba a palavra, frase e texto que desejam escrever naquele dia, ou seja, após seus relatos são eles que me dizem o que desejam escrever.

Após a fala individual e com participação coletiva (perguntas e acréscimos após a fala individual) passo com eles a decodificação da palavra própria falada ou texto oral em palavra escrita.

Após esse momento de texto oralizado, lhes pergunto qual a data daquele dia. Geralmente pergunto a meu avô qual a data, pois, a pedido da psicóloga, devemos trabalhar constantemente a noção temporal, porque ele às vezes esquece em que dia, mês e ano estamos. Segundo a psicóloga, talvez meu avô estivesse com problemas mais sérios de memória se não fossem as aulas, que promovem o constante exercício de seu cérebro.

Construo palavra a palavra com cada um, quando percebo que podem conseguir sozinhos, lhes dou espaço livre, como é o caso da minha vó na imagem 7, para que produzam até sentirem que terminaram a tarefa. Em hipótese alguma utilizo frases ou mesmo marcações no caderno de cunho negativo. Na verdade, essas marcações são raríssimas, pois compreendo que o caderno pertence aos alfabetizandos e que se desejam realizar alguma alteração ou aprimoramento é direito deles fazê-lo, não necessitam, portanto, que outro lhes faça como se fossem incapazes disso.



Figura 7: Aula domiciliar com os alfabetizandos. À esquerda minha vó escrevendo e à direita eu auxiliando meu avô na identificação das letras e respectivos fonemas.

Outro fator marcante na alfabetização é que, sob nenhuma circunstância ou hipótese eu expressei falas negativas que inferiorizam e, portanto, oprimem os alfabetizandos. Jamais utilizei frases como: “você errou” ou “não está certo”. Quanto percebia alguma dificuldade da parte deles, solicitava que lessem o que escreviam, e quando não conseguiam, lia junto com eles fazendo a associação som e letra escrita para a formação daquela palavra. Dessa maneira, eles exerciam não só uma escrita mecânica, mas crítica ao mesmo tempo em que realizavam suas autocorreções.

A exemplificar, trago um trecho dos registros que fiz em uma aula em que minha avó tenta sozinha escrever o próprio nome, Alderica. Após terminar o nome que ela havia montado, ela me mostrou e perguntou se estava certo. O nome escrito da seguinte forma: “Laderica”. Solicitei que ela realizasse a leitura. Neste momento é natural que primeiro o alfabetizando de fato não leia a palavra, mas sim que repita aquilo que deseja que esteja escrito. Com delicadeza e tranquilidade, falo a ela que esta é a palavra que ela deseja escrever e que está correta, mas que quero que ela leia sílaba a sílaba para saber o que havia escrito de fato.

Abro um parêntese para informar que no processo de alfabetização de adultos idosos é muito natural que eles se sintam ansiosos em escrever e ler rapidamente e em uma grande quantidade de palavras. Essa ansiedade deriva da necessidade e vontade que sentem dentro de si de se emanciparem, de se sentirem independentes, de resgatar o tempo perdido, e que, no caso dos meus avôs, ficou guardada e presa por anos dentro deles. O alfabetizador precisa então lidar não só com a ansiedade deles, mas com a nossa própria ansiedade de querer vê-los aprendendo. E aqui trago uma fala muito importante da professora Nirce de Castro Ferreira em uma das aulas dentro da UnB com

eles: *“O método Paulo Freire usa muito a liberdade. É preciso trabalhar esse compadecimento que temos em cima das pessoas quando elas estão aprendendo. Queremos que elas aprendam tudo o mais rápido possível, mas temos que respeitar o seu tempo(...). A gente quer dar todo o conhecimento que temos para eles”*(BRAZ, G.C.M. Diário de Alfabetização. Fala da professora Nirce, p.11).

Fundamentando na fala de Nirce, para que houvesse a autocorreção, tive de ter paciência no processo de leitura feito por minha avó, de primeiro falar a palavra que desejava e depois ler de sílaba a sílaba, a fim de formar a palavra. Neste momento, por exemplo, ao ver o “La” ela disse que era “Al”, só que, ao mesmo tempo, ela conseguiu pensar que havia algum equívoco ali quando pensou que o seu nome não era “Laderica”, mas sim “Alderica”. No mesmo momento, ela responde dizendo: *“Ah não, esse L não fica na frente do A neh? Agora sim AL-DE-RI-CA. ALDERICA!”*. Aproveitando o momento, trago informação para ela de que o “l” quando vem depois de vogal, na regra da nossa língua e logicamente na gramática, fica com som de “u”.

Quando esqueciam uma sílaba de alguma palavra, eu pedia para que repetissem a palavra me mostrando quantas vezes pararam para falá-la. Dentro dessas sílabas, que aqui chamo de paradas, procuro ajudá-los a identificar qual não estava escrita. Quantas vezes pararam está associado para eles à quantidade de sílabas existentes. Aqui não vejo a necessidade de exigir deles que apreendam o conceito de sílaba, mas sim que a percebam de maneira rápida e prática. Quando necessário, paro a aula individual para explicar algo para ambos, como plurais, as diferentes formas de escrever no passado ou no futuro, a exemplo: “viajaram” e “viajarão”.

As aulas ministradas são conduzidas exercitando em mim muito mais o exercício de escuta do que o de fala, buscando em todos os momentos dar voz aos alfabetizandos. Outra característica muito marcante neste processo é a afetividade/amorosidade, no sentido de motivação por meio de falas como: “Muito bem!”. “É esse o caminho!”. “Viu como você é capaz?”. “Olha o ganho que tivemos essa semana em relação a outra”.

Aqui, caro leitor, posso afirmar pela experiência vivida que, sem acolhimento, não há alfabetização. Não a alfabetização do simples processo de saber ler e escrever, mas a alfabetização conscientizadora, que faz desse sujeito um sujeito crítico que o faça cidadão e, portanto, atuante em sua sociedade.

Antes de iniciar o processo de alfabetização, o alfabetizando chega com uma imagem de claro reflexo da educação opressora. Ele se vê como inferior aos demais, ele

acredita que nada sabe, que é vazio do saber e que a única coisa válida é a escrita. FREIRE (2009, p.28 e 29) nos diz que:

O caráter mágico emprestado à palavra escrita, vista ou concebida quase como uma palavra salvadora, é uma delas. O analfabeto, porque não a tem, é um “homem perdido”, cego, quase fora da realidade. É preciso, pois, salvá-lo, e sua salvação está em passivamente receber a palavra – uma espécie de amuleto – que a “parte melhor” do mundo lhe oferece benevolente. Daí que o papel do analfabeto não seja o de sujeito de sua própria alfabetização, mas o paciente que se submete docilmente a um processo em que não tem ingerência.

Caro leitor, para afirmar esta máxima, trago a fala principalmente de meu avô, que foi gravada em um vídeo para a disciplina de Leitura e Produção da Imagem com a professora Claudia Linhares Sanz, dentro da Faculdade de Educação da Universidade de Brasília. Peço que a atenção para a grande necessidade do acolhimento num movimento de conscientização e de autovalorização desses alfabetizandos.

“É como se tivesse dentro de um saco preso ou cego porque ocê (você)... Ocê (você) vai aqui ó e num (não) tá vendo nada... É iguali (igual) o cara que não tem estudo, ele tá vendo aquela letra lá, mas ele num (não) sabe o que qui é (que é). Vai inté (até) lá olha, olha e chega, fica lá perto mas ele num (não) sabe dizer aquilo ali... Chega num (em um) lugar tem uma placa, uma coisa escrita lá mas o cara não sabe de nada” (BRAZ, G. C.M. – vídeo duas vidas um sonho, 2013).

Se seu alfabetizando não se sente à vontade a ponto de abrir as páginas de sua vida e seus sentimentos com você, se você não os dá vez e voz, talvez não consigam aprender de maneira significativa. As palavras ditas por outros, alheias ao universo vivencial deles, ficam apenas no campo da memorização, além de não promover neles uma autorreflexão sobre suas vidas e ações cotidianas. A afetividade/amorosidade é a base de um processo de alfabetização libertador e que faz do alfabetizando um sujeito crítico e atuante como cidadão.

Ser acolhedor para seu alfabetizando é ouvir tudo aquilo que o constitui e que o aflige, é trazer o viver dele para dentro de si, é estar disposto a trocar de lugar com ele e se pôr como aprendiz. É a essa questão que FREIRE (2009, p. 27) se refere ao dizer que é preciso que quem sabe, saiba, sobretudo, que ninguém sabe tudo e que ninguém tudo ignora. O mundo já os silenciou, já diminuiu os seus conhecimentos de mundo ao longo da vida toda deles de forma tal que este alfabetizando chega mencionando que nada

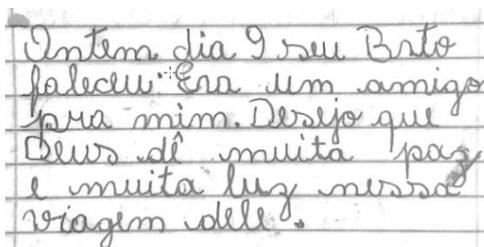
sabe. Ele precisa que antes alguém acredite nele, para que ele comece a desconstruir e ressignificar sua autoimagem.

Para alfabetizar, faz-se necessário fazer florescer a autoestima dos alfabetizandos. Eles passaram uma vida sem acreditar nas próprias capacidades e fazê-los acreditar que podem é um exercício constante e por vezes cansativo também. No meu avô, por exemplo, existem constantes e fortes falas sobre a sensação de incapacidade que ele sente e que são expressadas no decorrer da aula. Elucido com um exemplo tirado do diário em que ele diz: *“Eu não me alembro mais. Tô ruim da cabeça (...) Isso é uma vergonha, gente da cabeça branca e não...”* (se referindo a não conseguir escrever e ler).

Segundo FREIRE (2011, p. 69):

A autodesvalia resulta da introjeção que fazem eles da visão que deles têm os opressores (...) De tanto ouvirem de si mesmos que são incapazes, que não sabem nada, que não podem saber, que são enfermos, indolentes, que não produzem em virtude de tudo isso, terminam por se convencer de sua “incapacidade”. Falam de si como os que não sabem e do “doutor” como o que sabe e a quem devem escutar (...) Dentro dos marcos concretos em que fazem duais é natural que descreiam de si mesmos.

Como alfabetizadora, preciso agir em cima dessas falas a todo tempo de forma amorosa-positiva. Ao ouvir essas falas, trago todos os feitos que o alfabetizando sabe fazer, no caso do meu avô o dom com a carpintaria e no caso da minha vó o cuidado esmeroso com o lar e a família. Às vezes, sente-se que não é que o educando acredite naquelas falas, mas as utilizam para terem alguém que os ouça, que os abrace, que os olhe olhos nos olhos, que escute suas angústias e descontentamentos. E aqui, neste



Intem dia 9 seu Beto
faleceu. Era um amigo
para mim. Desejo que
Deus de muita paz
e muita luz nessa
viagem dele.

Figura 8: Trecho do caderno de Alderica em que ela fala do falecimento de um amigo.

momento, mais do que desejar que escrevam, temos de escutar e, se desejarem escrever sobre algo ruim, como na figura 8, é decisão deles. Em todas as aulas, sem exceção, são eles que ditam o conteúdo a ser escrito. Mas como? Por meio de suas falas. Eles falam sobre sua vida para mim, se abrem.

Mas por que não utilizar um texto previamente escrito, ou um livro? Porque essas pessoas passaram a vida inteira sem terem voz, tendo as suas falas e conhecimentos inferiorizados e, para que consigam se alfabetizar no sentido dito por

Paulo Freire, o sentido libertador, precisam sair do movimento de calar-se para o movimento de terem voz, de agirem em suas vidas e em sua comunidade. E todo esse movimento deriva da ressignificação de sua palavra. Quando o alfabetizando vê em seu caderno a sua fala, a sua história, sente-se imediatamente valorizado. Sente que a sua própria vida está ali, marcada, a sua fala está ali, a sua história também, para que a humanidade o conheça.

Ainda sobre os aspectos emocionais do processo de educação, nem sempre o aluno lhe aparece motivado, às vezes em decorrência de um dia de trabalho exaustivo ou um problema familiar a aula acaba por render menos, causando mais dispersão e erros gramaticais. Nesses dias, não forço nenhum dos dois, muito pelo contrário, reduzo o ritmo e já que meus avôs nunca falam que querem parar, tenho que, observando o comportamento deles, perceber quando estão cansados demais.

Ser alfabetizador requer amor, amor no sentido de tocar seu aluno com um sorriso, olhar nos olhos deles e se preciso pegar em suas mãos segurando firme e falando sempre o quanto eles são capazes. FREIRE (2011, p.110) afirma que não há diálogo, porém, se não há um profundo amor ao mundo e aos homens. Não é possível, a pronúncia do mundo, que é um ato de criação e recriação, se não há amor que infunda. REIS (2011, p.48) enriquece essa relação amorosa trazendo que só ocorre uma transformação do *status-quo* por meio de iniciativas político-pedagógicas, em que, sob determinadas condições objetivas, proporcione-se não só a constituição do sujeito de saber (epistemológico), mas também de um sujeito de poder (político) e de um sujeito que acolhe e é acolhido (amoroso) como base de um e de outro.

Durante todo o processo, nunca realizei nenhum tipo de avaliação e prova por compreender que, quando acompanho meus avôs, durante a própria aula consigo ver quais são suas dificuldades e facilidades. Não me interessa mensurar falhas como ocorre em uma educação bancária, mas ir lhes ajudando a assimilar a escrita e a leitura de forma mais tranquila e no ritmo de cada um. À medida que vamos escrevendo seus textos, as falas orais também conhecidas como textos orais, vamos encontrando as dificuldades, por vezes eles mesmos me perguntam o porquê de tal palavra ser escrita de tal forma e não de outra. Nesse caso, se sei a resposta eu explico na hora, caso não, eu a busco durante a semana e na próxima aula inicio com essa explicação, mas não exijo e nem me preocupo nesse primeiro momento que fixem as regras gramaticais, acredito que este processo deva vir após, quando o processo de leitura e escrita já estiver mais fluente e mais claro para eles.

Mesmo sem planejar a aula, é preciso pensar no processo individual dos educandos. Como trabalhar as dificuldades anteriores como a confusão entre grafias e fonemas, confusão entre um “m” e um “n” como é com meu avô? Sempre consigo superar tudo? Não! Nem sempre conseguimos saber por qual processo os alfabetizandos conseguirão associar alguma informação, mas precisamos tatear, tendo como base aquilo que lhes é próprio, dentro da fala deles e da vivência deles. Como nos diz FREIRE (2009, p.11), a leitura do mundo precede a leitura da palavra, daí que a posterior leitura desta não possa prescindir da continuidade da leitura daquele.

Nesse movimento, já consegui fazer meu avô associar a letra “h” com a base de uma cadeira que consertava. Mostrarei mais abaixo nos processos por meio de imagens como se deu essa associação. Mas como avaliar e planejar a aula? Realizando anotações, fazendo relatórios sobre as aulas ocorridas, no caso faço o uso do meu Diário de Alfabetização. Faço relatos individuais dos meus avôs, escrevendo o que fiz ou eles fizeram assim que cheguei para dar a aula, anoto as falas deles assim que as dizem e, no decorrer da aula, vou anotando suas dificuldades e ganhos num campo que chamo de “observação”.

Diante das dificuldades em entender algumas coisas como sons de letras, etc. Sempre que lhes explico um fonema, peço que me olhem pronunciando-o e em seguida peço que repitam comigo. Caso na repetição ainda confundam a pronúncia, solicito que fechem os olhos e então chego mais perto deles e repito e em seguida peço que repitam. Meu avô tem problemas auditivos, então locais com muitos ruídos o dispersam muito, então preciso que ele esteja em um espaço em que possa ouvir. Outro fator importante das aulas é o local, seja em minha casa ou na casa deles, sempre busco locais mais silenciosos, se a casa está cheia de pessoas, busco fechar as portas do local, se não é possível, vamos para a parte externa.

É preciso que o alfabetizador esteja aberto e disposto a trocar de papel e se colocar como aprendiz. Como assim? Falo aqui no sentido de valorizar a cultura e o conhecimento do seu alfabetizando, num movimento de deixar que ele me transmita e me ensine o que ele aprendeu. A cultura mineira é constituída por uma cultura oral ou o que chamo aqui de cultura do “aprender fazendo”. Meus avôs aprenderam com os mais velhos de sua época e eles valorizam e desejam muito ensinar aos mais novos agora. Durante o processo de alfabetização, fui aluna várias vezes. Meu avô me ensinou a capinar, me mostrou andando pelo cerrado o nome das ervas e cascas de pau e para que tipo de enfermidade serviam. Minha vó me ensinou a fazer chá, a preparar a horta para

plantar e a fazer crochê. Meu vô me explicou como se usava o enxó que ele mesmo fez. E aí nesse momento a gente se diverte, eles com a minha falta de jeito e eu com a rica oportunidade de aprender sempre mais estando ao lado deles. Isso para mim também é dar vez e voz. Acredito piamente que o processo de ensino é um processo de mão dupla. Se você não é capaz de aprender, tão pouco será capaz de ensinar. E me ponho a recorrer novamente à FREIRE (2011, p. 82) quando ele diz que a educação deva implicar na contradição educador-educandos, de tal maneira que se façam ambos, simultaneamente, educadores e educandos.

A alfabetização exige persistência, não no sentido de colocar uma letra, palavra ou frase para o alfabetizando ficar repetindo incessantemente. Refiro-me à persistência de lembrar sempre que, para aprender a escrever com mais facilidade, o seu alfabetizando precisa repetir oralmente as palavras e sílabas enquanto escreve. Bom, esse é um processo que meu avô sempre fez, mas a minha vó não. Já são dois anos e meio de aulas e em todas preciso dizer para ela pronunciar enquanto escreve. Aqui retomo o que disse acima, é necessário ser paciente e agir com amor sempre.

Quanto ao meu posicionamento como alfabetizadora, assim como os alfabetizados, eu também tinha meus dias bons e outros nem tanto. Nos dias em que não estava muito bem emocionalmente ou fisicamente, não podendo me doar cem por cento, eram eles quem me acolhiam, que me abraçavam, que me olhavam nos olhos e me traziam palavras de motivação. Aqui só quem exerce a afetividade com seu alfabetizando é capaz de entender essa reciprocidade. Eles não agiriam assim comigo se eu não os fornecesse também esses sentimentos de amor, de olhá-los como seres humanos com sentimentos, com medos, com fraquezas e com certezas. Pode-se pensar que essa reação deles deu-se pelo fato de eu ser neta de ambos e assim estabelecer um laço familiar com os mesmos, pode ser que tenha contado, não excludo, mas acrescento que como seres humanos formados por relações sociais segundo estudos de Vygotsky, baseado em Marx e Engels, eles reagiram comigo da forma como reagi com eles. Eles só se aproximaram o suficiente, porque eu proporcionei a aproximação. E garanto que, para qualquer alfabetizador, a construção do relacionamento amoroso com seu educando é fundamental para que este aprenda. É uma troca de conhecimentos e de sentimentos.

Em algumas vezes, as dificuldades que foram superadas antes, podem recorrer hoje. É natural termos, como alfabetizadores, de lidar com certa frustração, mas temos de pensar que vários fatores podem fazer essas dificuldades recorrerem e aqui devemos

refletir. Elas foram realmente superadas como pensávamos? Entre os meus avôs a minha vó é muito mais dedicada aos estudos do que meu avô. Isso é natural, até mesmo numa sala de aula. Na vida do meu vô o trabalho sempre foi fator principal, não deixaria de ser agora não é mesmo? A ordem de aprendizado pode não ser sequencial, segundo o que aprendemos na escola. Meu avô aprendeu a ler e a escrever algumas palavras, mesmo sem ter assimilado todo o alfabeto ainda.

Por fim, e não menos importante, o norte da minha prática pedagógica derivou de todos os conhecimentos sobre o processo de ensino que adquiri em cada disciplina na Faculdade de Educação. Mas claro que trago auxílio maior da professora Nirce Barbosa Castro Ferreira que me ensinou, por meio de Paulo Freire e Renato Hilário dos Reis, a ouvir e valorizar o conhecimento prévio de mundo, a dar voz e a registrar no caderno a fala dos educandos. Foi uma rica instrução para que a partir dessa postura pudesse ir descobrindo as formas que mais se adequavam para meus dois alfabetizandos. O caminho que Nirce me ensinou foi o da humanização, da afetividade e da valorização da cultura que pertencia a eles.

Observações sobre o processo de aprendizagem e desenvolvimento dos meus avôs durante esses dois anos e meio no espaço domiciliar.

A primeira impressão do caderno com escrita livre e/ou decorrente da aula de educação de adultos na UnB:

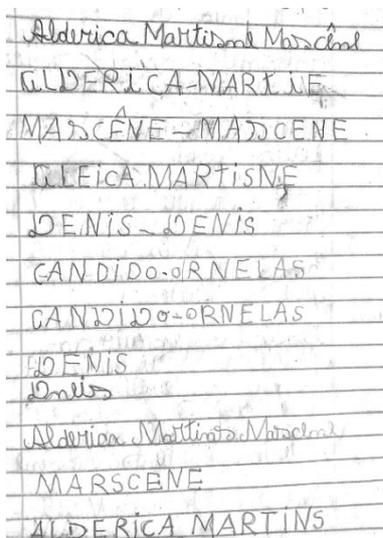


Figura 9: Primeiras palavras escritas no caderno da minha vó, Alderica.

1. Alderica

Apesar do tempo que passaram em sala de aula, encontrei alguns aspectos interessantes ao pegar seus cadernos. Na primeira página, bem no início, havia escrito o seu nome completo em letra cursiva. Em sua explicação por meio da entrevista que consta em meu diário ela diz que: “...*toda a vida eu achei mais interessante foi a cursiva. De primeiro eu aprendi foi a aquela letra de caixa alta aí achava ela mais importante. Depois que eu vi essas outra (outras), achei ela mais importante e milho (melhor) de escrever*”.

Ela não usava o verso das páginas. Pulando para a terceira página no topo havia seu nome completo novamente escrito. Em sequência havia escrito as letras do alfabeto em letra cursiva de forma sequencial e finalizando a página escrito o nome completo do meu vô e depois o nome completo dela novamente. Durante a primeira aula, observei que minha vó, no momento da escrita, misturava letra cursiva com caixa alta e construindo algumas palavras com ela na primeira aula percebi que ela escreveu as palavras todas juntas, sem espaçamento. No geral, a alfabetizanda não tinha neste momento a noção de espaçamento entre as letras na hora da escrita. Houve uma palavra “azeite” em que o “z” estava espelhado/invertido bem como ocultação de letras em algumas palavras.

2. Denis

No caderno do meu avô, também haviam duas páginas escritas. Não havia sequenciamento das palavras escritas que no caso dele estavam todas em caixa alta. A sua escrita do nome e sobrenome estava toda junta, sem espaçamento, faltou o “s” do nome “Denis” e houve uma confusão do “r” com o “b” em “Ornelas”. O engraçado é que nas primeiras linhas as falhas dele são mínimas, mas o espelhamento do “s”

começou a ficar recorrente. Em outra linha o educando pareceu tentar escrever o nome em letra cursiva, mas não estava legível. Pulou quatro folhas e escreveu na primeira linha o seu nome em cursivo, agora corretamente e com ajuda. Em algumas letras observa-se que ele pareceu desenhar as letras sem saber ao certo seu significado. Em algumas palavras houve a ocultação das letras.

PROCEDIMENTO DAS AULAS NO INÍCIO DO ANO DE 2012

Iniciamos todas as aulas com uma breve conversa individual abrindo espaço para se expressarem, momento no qual pergunto a ambos como estão se sentindo e o que fizeram durante os dias/período em que não nos vimos. Enquanto falam, vou anotando algumas palavras-chave que sintetizam suas falas, para que possam então desenvolver a escrita em seus cadernos.

Minha vó dominava bem o alfabeto, estando no nível silábico-alfabético, que na concepção de FERREIRO (2001, p. 27):

Marca a transição entre os esquemas prévios em via de serem abandonados e os esquemas futuros em vias de serem construídos (...). Descobre que a sílaba não pode ser considerada como uma unidade, mas que ela é, por sua vez, reanalisável em elementos menores, ingressa no último passo da compreensão do sistema socialmente estabelecido.

Já meu avô estava no nível pré-silábico chegando ao silábico, pois compreendia algumas letras já, a escrita nessa fase inicial para ele é a representação do objeto. Ao escrever ele faz uso de letras, números, sinais gráficos quaisquer.

Iniciamos com a formação de pequenas palavras em pouca quantidade, como nos exemplos abaixo, que são de algumas aulas:

Géssica: *“Vó o que a senhora fez essa semana?”*

Alderica: *A’h, eu plantei umas rosas, adubei e cuidei da horta.”*

Géssica: *“O que a senhora acha da gente escrever algumas coisas que a senhora tem usado esses dias e que tem visto?”*

Alderica: *“Por mim tanto faz, qualquer um serve.”*

Géssica: “*Então vamos lá. A senhora falou que adubou as rosas e cuidou da horta. O que a senhora acha de aprendemos a escrever a palavra rosa e horta?*”

Alderica: “*Pode ser.*”

Géssica: “*Vô o que o senhor fez essa semana?*”

Denis: “*Eu fui arrumar uma vasilha de madeira que eu fiz.*”

Géssica: “*Qual ferramenta o senhor usou para arrumar a vasilha? De que madeira ela é feita?*”

Denis: “*Ah, eu arrumei ela com o enxó. A madeira dela é ipê.*”

Géssica: “*O que o senhor acha então de escrevermos as palavras enxó, vasilha e ipê?*”

Denis: “*Pra mim táótimo.*”



Figura 10: Meus avôs utilizando o alfabeto móvel e montando alguns nomes

Para ajudar principalmente ao meu avô, que dominava todas as vogais, mas que ainda não sabia de todas as letras do alfabeto e confundia algumas, utilizei o alfabeto móvel, como ilustrado na figura 10. Pesquisei na internet e por meio de diálogos com professoras em meu estágio busquei uma alternativa de auxiliá-lo e foi então que encontrei o alfabeto móvel. O alfabeto móvel é uma ferramenta utilizada no processo de alfabetização composto por várias letras do alfabeto, acentuadas e não acentuadas e em grande qualidade. No caso das utilizadas pelos alfabetizandos, foram acima de 100 letras, todas feitas no computador utilizando a fonte *Arial Black* e em caixa alta. Depois de impressas, colei-as em cartolinas e assim que a folha secou cortei os quadradinhos com cada letra. A finalidade deste material está em promover ao alfabetizando a

identificação das letras e a montagem prévia da palavra antes que ele passe para o processo de escrita no caderno. Enquanto o alfabetizando procura uma letra em específico, ele fica pensando não só em sua forma, mas em seu som, promovendo assim uma melhor aprendizagem entre grafema e fonema de cada letra.

Em algumas poucas aulas, utilizei o cartão conflito para que compreendesse o número de letras que cada palavra teria. Ele foi construído em coletivo com eles durante a aula, trazendo as palavras e imagens de seu mundo e interesse. O cartão conflito é uma ferramenta que inclui também o uso do alfabeto móvel. Foi igualmente uma inspiração que decorreu da minha prática pedagógica em estágios que fazia na Escola Classe 405 Norte, por meio do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID). O cartão com escolha das fotos foram feitas mediante o diálogo inicial dos alfabetizandos, buscando imagens referentes a sua vivência, imagens como madeira, enxada, rosa, horta, et como mostra a figura 11 abaixo. Os materiais que utilizei para a confecção foram: caneta, cartolina e as fotos. Em acréscimo à conexão som e grafia das letras proporcionada pelo alfabeto móvel, com o cartão conflito eu poderia auxiliá-los na compreensão da quantidade de letras que cada palavra possuía. Ao final da escrita, lhes perguntava quantas letras aquela palavra tinha, quais eram, qual era a inicial e a final. Ao passo que com meu avô pedia a leitura de letra a letra, devido ao nível de compreensão silábica de minha vó, com ela já ia pedindo a leitura sílaba a sílaba.

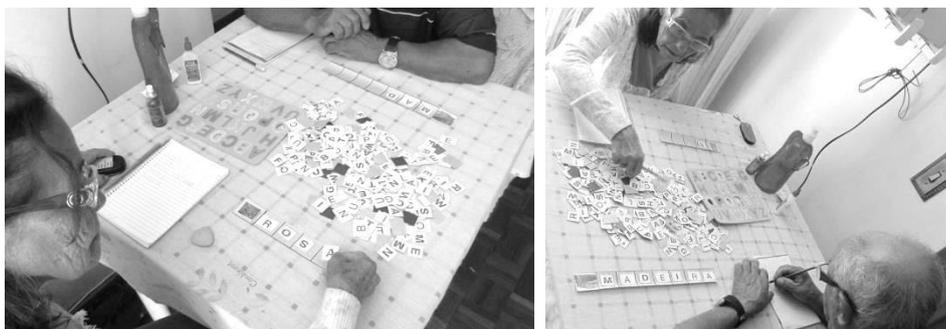


Figura 11: Meus avôs utilizando o alfabeto móvel e aliado ao cartão conflito, montando alguns nomes.

Inicialmente, deixava o alfabeto em ordem ao lado deles, que primeiro escolhiam a letra a ser utilizada nele e só depois iam ao alfabeto móvel buscá-la. Primeiramente, colocava o alfabeto em sequência, mas depois deixava o alfabeto de forma aleatória ou então com alguma lógica como por exemplo, deixava próximas as letras que meu avô confundia como o “m” e o “n”, o “p” e o “q”, o “c” e o “g”. Na figura 12, do lado direito superior as vogais expostas de forma não sequencial (instrução

da Nirce), para que eles não decorassem, do lado superior esquerdo o alfabeto de forma



Figura 12: alfabeto e vogais dispostas aleatoriamente

não sequencial e mostrando prováveis letras juntas e que os alfabetizandos confundiam (em especial meu avô) e na parte abaixo o alfabeto móvel para que eles pudessem compor as palavras antes de escrevê-las no caderno. Uma observação é importante nesse processo inicial: antes que meu avô pegasse a letra do alfabeto móvel, sempre pedia para ele me mostrar no alfabeto grande, de madeira, qual era a letra que ele procurava. Assim que ele mostrava, separávamos ela e colocávamos em cima de seu caderno ou acima das letras móveis, pois depois de procurar por algum tempo ele se esquecia de qual letra estava procurando, então para evitar que ele tivesse receio de perguntar ou mesmo começar a falar negativamente, já estruturei essa forma, para que, se ele esquecesse, bastava olhar e lembrar. O interessante é que, no decorrer desse momento de seleção da letra, ele falava quase que constantemente em voz baixa o fonema da palavra.

Aqui trago a contribuição dos estudos na área da psicologia para compreendemos um pouco dos processos mentais entre memória de trabalho (memória de curto prazo) e memória de longo prazo. Para explicar a importância de que durante a alfabetização faz-se necessário encher de significado por meio da escrita do real concreto do aluno, trago a fala de GAZZANIGA e HEATHERTON (2005, p. 221) que afirmam que é mais fácil lembrar unidades significativas do que unidades sem sentido. O processo de organizar a informação em unidades significativas é conhecido como agrupamento. Quanto mais eficiente agruparmos as informações, mais conseguimos lembrar.

No decorrer das aulas os alfabetizandos utilizam a chamada memória de trabalho que, segundo GAZZANIGA e HEATHERTON (2005, p. 221), é um sistema de processamento ativo que mantém as informações “na linha” para que possam ser utilizadas para atividades como solução de problemas, raciocínio e compreensão.

Dentro dessa memória de trabalho existem três componentes. O primeiro é a executiva central que codifica informações dos sistemas sensoriais e filtra aquelas informações consideradas importantes para serem armazenadas na memória de longo prazo. E é ela a responsável por recuperar informações da memória de longo prazo

conforme necessário, como é o caso dos meus avôs, no momento em que lembram que o som /A/ corresponde a letra/grafema “a”. O segundo é a alça fonológica que codifica informações auditivas e está sempre ativa quando lemos ou repetimos palavras para nós mesmos a fim de não esquecê-las, como é o caso deles ao repetirem/ pronunciarem a letra ou sílaba enquanto buscam sua forma. Aqui encontro a resposta de porque exijo tanto que eles pronunciem durante o processo de escrita. E, por fim, o terceiro componente é o bloco de notas viso espacial que processa as informações visuais de objetos, como é o caso de perceberem as letras no alfabeto móvel, na escrita do caderno, em como as letras e seqüências das mesmas ao escrever, por exemplo, as palavras “madeira” ou “rosa”.

GAZZANIGA e HEATHERTON (2005, p. 222) designa a memória de longo prazo como o tipo de memória que nos permite lembrar canções de ninar de nossa infância, os significados e grafias de palavras raramente utilizadas etc., ou seja, é por meio da memória de longo prazo que eles lembram da sua história de vida e até mesmo de algumas letras como o “d” de Denis e o “a” de Alderica. Existem dois meios de a informação ser armazenada na memória de longo prazo, por meio da repetição e por meio da significação. Mas para que seja mais eficaz a aprendizagem de informações, essas precisam estar repletas de significados aliados à experiência. E aqui voltamos a bater no mesmo martelo de significação, de conter a realidade do alfabetizando.

Enquanto meu avô selecionava alguma letra, eu ia revezando a atenção entre meu avô e minha avó. Em um aspecto geral, minha vó se mostrou mais independente neste processo, possivelmente por já conhecer as letras, mas também neste momento inicial é importante não pronunciar palavras negativas em nenhum momento.



Figura 13: identificação das vogais e consoantes no quadro.

Na fase inicial, também ministrava algumas aulas escrevendo as palavras que eles formaram no quadro e pedindo que circulassem nelas, quais eram vogais e consoantes ou quais eram presentes em seus nomes, como mostra a figura 13.

Em alguns momentos, percebe-se nitidamente a formação da palavra de acordo com a forma como falam. Nesse momento, converso com eles e informo que esta é a forma como falamos a palavra, mas que a escrita dela é de



Figura 14: escrita da forma como se fala

outra maneira. Que a forma como falamos deriva de uma riqueza cultural etc.

MUDANÇAS POSTERIORES NO PROCEDIMENTO DAS AULAS

À medida que fui percebendo que ambos assimilavam melhor a formação silábica, bem como meu avô já havia assimilado uma grande parte do alfabeto, resolvi parar de utilizar o alfabeto móvel e partimos para a escrita direta no caderno. Infelizmente, não anotei essa informação em meu Diário de Alfabetização, mas ela se deu em meados do final do segundo semestre (julho de 2012). Deixar de utilizar esses recursos hoje, não me impedem de futuramente recorrer à eles. São apenas o tatear, o perceber sensível de que naquele momento eles não seria tão proveitosos.

CONHECIMENTO DOS ALFABETIZANDOS NO ÍNICIO DA ALFABETIZAÇÃO

As aulas não são previamente planejadas como dito acima, pois elas derivam da fala dos educandos para que a alfabetização seja significativa para eles. Em um momento inicial, por exemplo quando estava tentando ensinar as letras ao meu vô, ele acabou associando o “a” ao compasso, o “l” ao esquadro e o “h” à base de uma cadeira que estava consertando, como mostra a figura 15 abaixo. Foi muito interessante essa questão da letra “h”, pois, uma vez que associou o “h” à forma da base da cadeira, nunca mais ele esqueceu o nome e a forma da letra. Aqui entramos na importância de ser significativo e de valorizar aquilo que o alfabetizando conhece e vive, pois o ajuda a assimilar mais facilmente sem que não apenas decorem as letras e formas. Aqui chamamos BRANDÃO (2005, p. 33 e 34) que nos diz, se referindo ao método Paulo Freire, que as palavras devem também conter sentidos explícitos, diretos e é bom que eles estejam carregados de carga afetiva e de memória crítica (...). No seu limite mais conciso, estas poucas palavras codificam o modo de vida das pessoas. FREIRE (2009, p. 20) também fala sobre a significação específica que essas palavras devem expressar a linguagem real, os anseios, as suas inquietações, as reivindicações, os seus sonhos.

GAZZANIGA e HEATHERTON (2005, p.228 e 229) colaboram no sentido de explicar que existem e ocorrem as chamadas redes de associação que afirmam que os aspectos distintos de um item estão vinculados de maneira a identificá-lo. O que quero dizer aqui é que a forma da cadeira acaba por se associar à forma da letra “h”, assim como a forma do compasso à forma do “a” e a forma do esquadro à forma do “l”.

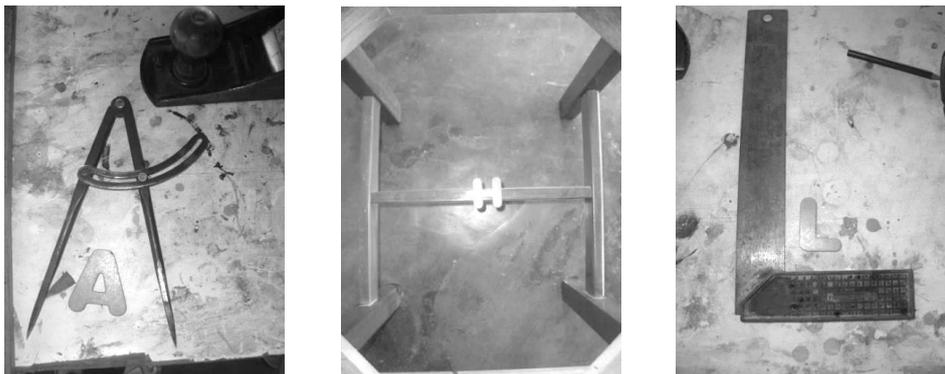


Figura 15: Associação das letras à formas de ferramentas e objetos da vivência do alfabetizando Denis.

No decorrer das aulas, vou motivando a superação de suas dificuldades diante da ansiedade e da sensação de fracasso que eles sentem ao se esquecerem de algo que já haviam feito. É necessário paciência neste processo, no sentido de motivá-los com palavras de que são capazes, dar mais tempo para que possam buscar em suas memórias e se caso não consigam, não ficar muito tempo insistindo, pois a sensação de incapacidade vai crescendo não só dentro deles, como em suas falas também. Quando via que não conseguiriam, com muita calma ia lá e por meio da pronuncia bem puxada das sílabas, mostrava as letras que compunham aquela palavra.

Voltando agora apenas para o processo com a minha avó, no início desta alfabetização (março de 2012) ela já chegou com muito ânimo e no decorrer das aulas sua fala sempre foi muito positiva. Lembro que na formação de sua primeira palavra ela sorriu e quando a olhei nos olhos para dar os parabéns os olhos dela brilhavam de tanta alegria. Minha vó, ao longo desde semestre, não expressava qualquer palavra negativa sobre sua dificuldade ou mesmo sua capacidade, muito pelo contrário, ela falava que só estávamos escrevendo palavras e queria logo começar a escrever frases. Falava durante o processo que o sonho dela é conseguir escrever e ler um texto grande e nesses instantes era necessário que eu a explicasse que iria sim ler, mas que deveria ter calma, pois é um caminho que deveríamos dar um passo de cada vez.

Minha vó tinha dentro dela uma ansiedade muito grande em aprender a ler e a escrever. Quando iniciamos, ela sabia todas as letras do alfabeto e tinha preferência por escrever em cursivo. Embora conhecesse todas as letras, só conseguia juntar as sílabas algumas vezes, mas não compreendia ainda como se dava o processo de formação de uma palavra. Pensava que a palavra saía sozinha ao colocar no papel as letras que conhecia.

Com a minha vó, tinha que incessantemente pedir que ela pronunciasse, pois, ao escrever, como ela não falava e ouvia o som das letras acabava confundindo bastante. Uma adversidade que ela encontrou foi o uso do “lh” e do “nh”, o que começou a ser trabalhado desde maio de 2012 até 2014, utilizando palavras de seu cotidiano como as “galinhas” que ela cuida no quintal. Outra coisa muito recorrente com a minha vó neste processo foi a escrita do próprio nome diversas vezes em uma página ou mesmo em cada folha que escrevíamos, ela parecia assinar acima ou abaixo, como afirmativa de que ela Alderica havia feito aquilo.

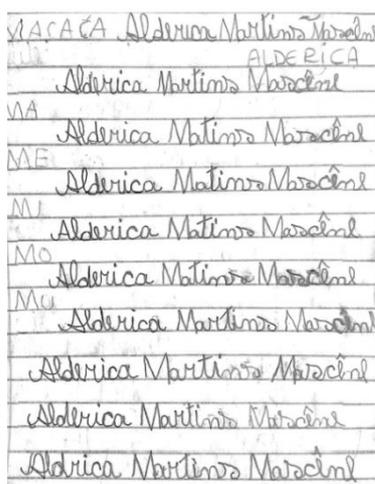


Figura 16: Escrita recorrente do nome de Alderica em seu próprio caderno.

Em sua explicação Alderica afirma que: “*eu acho importante a gente fazer a leitura e ter o nome da gente ali escrito, porque sabe que foi a gente que escreveu. Tem que ter o nome da gente ali*”.

A respeito desse processo de escrita sequencial no caderno de minha avó, para GAZZANIGA e HEATHERTON (2005, p.227), dentro da memória de longo prazo ocorre a chamada repetição de manutenção que envolve simplesmente repetir muitas vezes o item. Esta repetição também promove o processo de memorização.

Algumas dificuldades encontradas por minha avó ocorrem também na escrita de palavras como, por exemplo, “sala”, em que muitas vezes ela inverte a sequência das letras e escreve “asal”, ou seja, pronuncia o “la”, mas escreve “al” como em seu nome “Alderica”. Aqui neste momento a sequência das letras é indiferente, característica do nível silábico. Palavras terminadas com “s” ou “r”, ela ainda não identifica a diferença, por exemplo, ao desejar escrever a palavra “lar”, escreve “la”.

Aqui neste primeiro momento a omissão da letra “e” nas palavras que ela escreve é bem recorrente, percebi que ela não consegue identificar o som separado da letra “e”. A partir daqui, comecei a brincar falando que o “e” é aquela letra que insiste em se esconder e então começamos a trabalhar algumas palavras que antes ela escrevia da seguinte forma “btraba”, conseguíamos por meio da releitura sílaba a sílaba escrever “beterraba”. No caso do “r”, eu brincava com ela falando que o som era forte, então se o som era forte, na hora de falar a gente tinha que pôr dois para reforçar. Mas porque eu

brincava? Nesta fase inicial, como disse mais acima, não me interessa que eles assimilem regras gramaticais, eu preciso explicar para eles o processo de escrita de forma que eles possam compreender com mais facilidade e se esse caminho é pelo lúdico, então iremos por ele. Minha vó acreditava que as letras de uma palavra não podem se repetir. Em algumas palavras como “ovo” quando ela percebe o segundo “o” ela mesma comenta: *“Ah é, e tem outro O de novo né?”*. Nesse momento a escrita conforme a fala aparece várias vezes também, como quando ela deseja escrever a palavra “papagaio”, mas a escreve assim “papahio”. Nesses momentos, é importante mostrar a ela, por meio da pronuncia silábica, neste exemplo falei com ela: *“Vó nós falamos PAPAAGÁIO ou falamos PAPAGAIO?”*. Ela imediatamente responde: *“Ah não! Se for com o H ali o A parece mais grande, mas na verdade é o GA né? Eu respondo: “É isso mesmo voinha. É porque confunde mesmo o H com o AGA né? Fique tranquila que é natural isso viu. Vai que a senhora estava com a palavra com H na cabeça antes né?”*. E ela responde: *“É que eu acho que foi por causa da galinha que escrevi aqui bem antes”*.

Por fim, é importante falar que neste processo a escrita é uma vontade tão grande para a minha vó que na semana seguinte quando vou iniciar a aula ela sempre me aparecia com algo copiado de algum lugar no caderno ou mesmo me trazia embalagens de coisas e perguntava se ali estava escrito, por exemplo, “café”.

Alguns aspectos são importantes de listar sobre o meu avô, como o fato de neste primeiro semestre do ano de 2012, na primeira semana de alfabetização, ele ter se mostrado muito tenso. Quando pegava no lápis percebia tremor em suas mãos, quando falava sobre como foi seu dia, às vezes fechava os olhos ou falava baixo. No decorrer deste semestre, em meio às falas e escritas no caderno ele pronunciava palavras negativas, referindo-se à sua idade e incapacidade intelectual. Uma fala muito interessante que ocorreu na segunda aula domiciliar foi a seguinte: *“Queria que existisse um remédio pra gente ficar inteligente, pra ver se a cabeça funciona direito”*. Em resposta disse que naquele dia ele estava com sorte, porque eu conheço esse remédio. Ele tem de ser usado pelo menos duas vezes por semana. No mesmo instante que falei meu vô começou a rir e minha vó olhou por cima dos óculos e riu. Em seguida perguntei para ele: *“E então seu Denis, quer saber qual é?”*. Ele apenas sorriu e então eu respondi: *“O nome do remédio que faz a gente ficar inteligente é DE-DI-CA-ÇÃO seu Denis. Nada nessa vida vem de graça vô. São como as camas, cadeiras e mesas que*

o senhor faz com tamanha perfeição. Garanto que o senhor não fez na primeira vez tão correto como faz hoje. Então, o que fez o senhor ser ótimo em lidar com marcenaria é justamente a sua dedicação. Então é isso que nos faz também mais inteligente. Dedicção! E então, vamos tomar a dose de hoje de inteligência?”. Meu vô então riu como quem dizia, “essa minha neta não tem jeito mesmo”.

Passamos praticamente todo esse semestre (março de 2012) com ele falando algo negativo sobre sua capacidade, embora essas falas fossem reduzindo no decorrer do processo de acolhimento e de motivação. Quanto ao acolhimento, me refiro ao afeto/amor, ao abraço quando iniciávamos as aulas, aos olhares, sorrisos, aos leves toques que dava em suas costas motivando-o a tentar mais uma vez ou mesmo elogiando quando acertava algo, o “muito bem é isso mesmo”, a paciência de fornecer longas pausas para que ele pudesse pensar, o exercício de escuta de suas experiências e conhecimentos. Tudo isso com o passar das aulas foi promovendo a autoconfiança dele, o saber que alguém acreditava nas potencialidades dele fez com que ele comesse a acreditar também.

Em questões técnicas de grafia e som das letras e palavras, foi perceptível que meu avô, embora tenha ido à escola, não conseguiu assimilar todos os grafemas e fonemas do alfabeto. Assim que comecei as aulas com ele, vi que, apesar de tentar escrever em letra cursiva, a que ele realmente entendia melhor e uma maior quantidade de letras era a caixa alta e então dei sequência a todo o processo de alfabetização utilizando apenas a caixa alta com ele.

As primeiras e as palavras mais importantes para o meu avô eram suas ferramentas de trabalho e sua origem (cidade onde nasceu, Formoso e o nome de sua mãe, Maria Dominga) e foram as primeiras a serem escritas em seu caderno. Em sua fala ele então explica sua preferência dizendo que:

“É perfeitamente, é porque naquela época era assim, era importante trabalhar (...). Eu num (não) pensava em pagamento iguali (igual) hoje que o cara chega e fala que vai aqui trabalhar e pede um tanto de dinheiro não. Eu pensava era de servir pra aquele cara. De eu fazer aquilo e ele ficar bem. Eu tava (estava) pra fazer aquele serviço bem feito, pra modi o cada ver o dono do objeto. Então pra mim era uma felicidade muito grande, nem que eu estragasse as mão o corpo duía (doía) tudo mas eu tava (estava) feliz porque eu tava fazendo aquilo que eu gostaria de fazer pras pessoa. Eu tinha aquela vontade de trabalhar que quando eu tava trabalhando eu começava e só parava de trabalhar na hora em que dava o sono que eu ia dormir... Diz que a primeira caneta que teve no mundo foi a enxada, porque foi

a primeira caneta que Deus deu pra Adão foi a enxada que era o alimento do cidadão. Porque a enxada hoje puxa o chão, cava a terra e tudo, mas é alimento do cidadão. Significa que a enxada era mais que a caneta naquela época”.

Refletindo sobre essa fala, FREIRE (2009, p.20) nos diz que: as palavras com que organizar o programa de alfabetização deveriam vir do universo vocabular dos grupos populares. BRANDÃO (2005, p.33) também diz que quanto às palavras, os seus sentidos devem apontar para as questões da vida, do trabalho; devem ser símbolos concretos da existência real das pessoas, como “chuva”, “enxada” e “lavoura” são para o lavrador. Ao longo do semestre, em seu caderno encontramos muitas palavras recorrentes como o nome de suas ferramentas, o nome dos animais que ele cuida na chácara, os nomes de seus filhos, além de coisas do seu cotidiano.

Iniciei as aulas com escrita de uma palavra por linha baseada na fala dele sobre seu cotidiano e sentimentos, realizada no início da aula, sempre trazendo o som e pedindo que ele repetisse para ver quais letras identificava em cada palavra. O alfabetizando não consegue ainda separar as palavras umas das outras, quando escritas na mesma linha.

QUADRO RESUMO DO CONHECIMENTO DOS ALFABETIZANDOS NO PRIMEIRO SEMESTRE DE 2012

	DENIS	ALDERICA
JÁ SABIA (comportamento/ e conhecimento na língua materna)	<ul style="list-style-type: none"> - Identifica as vogais por meio dos sons das palavras com facilidade. - As letras que mais sabia eram o D E de seu nome, embora o E as vezes apareça espelhado ou mesmo deitado. - Sr. Denis também auxilia Dona Alderica a encontrar as letras, quando ela tem dificuldades ao encontrar as letras dentro do alfabeto móvel. - Prefere usar letra de caixa alta. 	<ul style="list-style-type: none"> - Conhece todo o alfabeto. - Conhece e prefere usar letra cursiva.
APRENDEU	<ul style="list-style-type: none"> - Associou a letra S à cobra Sucuri quando fica levantava para atacar. - Associou a letra B à mulher grávida que carrega dentro da barriga o bebê. - O educando fez associação da letra T com a cruz. - Na última aula o aluno disse, pegando a letra L, que esta parecia um esquadro, feito para medir a madeira. - Escreve mais utilizando as vogais como por exemplo ao invés de escrever BOLA, escreve OA. 	<ul style="list-style-type: none"> - Já está fazendo leitura silábica das palavras. - Pronuncia palavras de motivação. - Não tem noção de como utilizar o caderno de maneira sequencial. Mas aprende depois. - Escrita do nome é algo muito marcante e recorrente. - Consegue escrever palavras com sílabas simples como MATO. - Sempre traz muita vontade de aprender não expressando qualquer

	- Inicia na alfabetização não tem noção de como utilizar o caderno de maneira sequencial.	palavra negativa. - Realiza por iniciativa própria a cópias de revistas e jornais no caderno ou em outros locais.
AINDA NÃO APRENDEU	- Não identifica ainda todas as letras do alfabeto. - É perceptível que o educando ainda se encontra em processo de associação entre a forma das consoantes e seus respectivos fonemas. - Dificuldade em diferenciar o S do N, pois as vezes escreve o S deitado. - Dificuldade em associar o R, G, Q, J, N, M, S (superado com a sucuri), L, P, C, F, H (superado com a tática da cadeira), L (superado com o uso do esquadro), T (superado com associação com cruz), V, X, Z. - Não tem autonomia ou iniciativa de estudar fora do período e dia de aula. - Acredita que em uma palavra as letras não podem se repetir.	- Tem dificuldades com palavras escritas com NH e LH. - Não consegue ler sílabas que terminam com consoantes como por exemplo: AL (às vezes troca a sequência da sílaba. Ex: teria que se construir a palavra LAMA, a educanda escreve ALMA). - Dificuldade em identificar o R e S no final das palavras como por exemplo, galin <u>h</u> as, lavar <u>o</u> . - Omissão da letra E em algumas palavras como por exemplo CNOURA. - Acredita que em uma palavra as letras não podem se repetir.

CONHECIMENTO DOS ALFABETIZANDOS NO SEGUNDO SEMESTRE DE 2012

Algo importante nesse processo durante o ano de 2012 foi que eles começaram a entender como se dá a escrita da palavra, no sentido de termos de pronunciar e pensar no som e passar esse som para uma letra e que temos que unir o que foi escrito antes para prosseguir escrevendo a palavra. Aqui neste momento, algumas vezes eles fazem a escrita e a leitura com a minha ajuda, exceto em palavras mais simples como “dedo”, que eles já conseguem escrever sozinhos.

Neste momento, também parei de usar o alfabeto móvel quando percebi que conseguiam trazer ao papel as letras que precisávamos usar na formação de uma palavra. Quando, por exemplo, meu vô não conseguia se lembrar da letra, eu pegava uma folha e o mostrava ou utilizava o quadro para mostrar a letra.

Meu vô começa a utilizar após a escrita o desenho como ferramenta incluindo aí uma alfabetização imagética artística. Na figura ao lado, ele não só



Figura 17: Utilização de desenhos junto com a escrita das palavras.

escreve o nome das ferramentas ou mesmo o próprio nome, como faz uma representação imagética das ferramentas e de si, ao passo que em outra aula falando sobre os carros de boi, ele me explicava como os construía fazendo ao mesmo tempo e mostrando onde e como ele cerrava e pregava cada prego, além de me dar uma aula falando como o carro de boi funcionava. O desenhar também desenvolve a coordenação motora fina necessária à escrita, em especial a letra cursiva que futuramente lhe será apresentado, após ele compreender todas as letras do alfabeto em caixa alta. Começamos a trabalhar com a letra “c” associada à ferradura e a letra “p” associada ao nome do filho Paulo e do irmão Pedro.

No caso da minha vó, foi a primeira vez em que começou a escrever frases. Em meio a essa prática, ela também tem avançado bastante na leitura silábica. Uma das dificuldades que ela relatava, por exemplo, era que conhecia as letras, mas não conseguia juntá-las. Permanece e ao mesmo tem ficado cada dia mais independente no processo de escrita e leitura. Um forte ganho emocional para minha vó foi o aumento da sua autoestima, ela começa a sorrir e a falar mais.

Ela tem sido uma grande companheira do meu avô no processo de alfabetização, quando em muitos momentos o auxilia a decodificar alguma letra, por exemplo, ele pensa no “m” e ela vai lá e mostra ou escreve para ele o “m”. Aqui, dentre as dificuldades não superadas, ainda se encontra a formação de palavras com “nh” e “lh”, bem como a dificuldade em identificar o “r” e o “s” no final de palavras como, por exemplo, “coisas”, “andar”.

Neste semestre, dentro das práticas domiciliares um livro foi confeccionado por eles, pois ambos me exigiram que queriam ter um livro com as imagens e palavras para que aprendessem. Sugeri então que nós confeccionássemos nosso próprio livro. Trouxe o conhecimento de mundo deles para dentro desta atividade que era composta da seguinte maneira: as fotos tiradas eram exatamente de coisas da vida deles e as palavras escritas foram feitas uma a uma por eles mesmos, as palavras digitadas em caixa alta também foram feitas por eles e atrás de cada imagem, por meio de uma entrevista com eles, eles explicavam para que serviam e qual a importância daquele objeto, daquela prática ou daquele animal.

CONHECIMENTO DOS ALFABETIZANDOS NO SEGUNDO SEMESTRE DE 2012

	DENIS	ALDERICA
JÁ SABIA	Mesmas informações que na tabela do primeiro semestre de 2012 referente ao tópico APRENDEU.	Mesmas informações que na tabela do primeiro semestre de 2012 referente ao tópico APRENDEU.
APRENDEU	<ul style="list-style-type: none"> - Consegue identificar o fonema das letras presentes nas sílabas de uma palavra por meio da fala. - Consegue assimilar melhor as palavras por meio da união com grafia e desenho. - Em seu comportamento começa a diminuir as falas negativas, chegando até o final do ano sem falar nada negativo. - Está identificando as sílabas foneticamente, mesmo que embora não estivesse as identificando em sua forma. 	<ul style="list-style-type: none"> - Já identifica em algumas palavras o uso do NH. - Já está fazendo leitura silábica das palavras. - Já apresenta escrita livre. - Já apresenta leitura livre. - Apresentou melhoramentos na autoestima visíveis nos sorrisos e nos diálogos mais frequentes com os familiares e conhecidos. - A educanda já lê algumas palavras presentes em revistas e meios de comunicação. - Já lê palavras curtas. - Não inverte mais a letra Z.
AINDA NÃO APRENDEU	<ul style="list-style-type: none"> - Confunde o N com o S. - É perceptível que o educando ainda se encontra em processo de associação entre a forma e/ou grafemas das consoantes e seus respectivos fonemas. - Não tem noção de como utilizar o caderno de maneira sequencial. - Confunde o som das letras M e N. 	<ul style="list-style-type: none"> - Tem dificuldade com NH, LH. - Dificuldade em identificar o R e S no final das palavras como por exemplo, galinha<u>s</u>, lava<u>r</u>.

CONHECIMENTO DOS ALFABETIZANDOS NO PRIMEIRO SEMESTRE DE 2013

Infelizmente, caro leitor, dentro do diário não constam muitas informações sobre as aulas durante esse período, devido a problemas com a perda de documentos e relatórios. Apresento então sinteticamente o que me lembro desse período. Obviamente no quadro e nos relatos abaixo poderão estar faltando informações.

Um dos grandes marcos para mim e para minha vó foi a superação do uso de “nh” e “lh”. Como ela ainda não havia assimilado o uso deles, resolvi fazer a aula com ela apenas usando palavras ou frases que as comportasse. Brincamos associando as sílabas no momento de sua pronúncia a uma sensação de nojo como usamos quando falamos que alguém é cheio de nhenhém, ou seja, pessoa fresca³. Em seguida para que soubesse quando usaria “n” ou “l”, recorremos à fonologia destas palavras, ou seja, a forma como a língua se comporta ao dizer cada uma, enquanto o “n” é mais nasalizado o “l” é mais aberto.

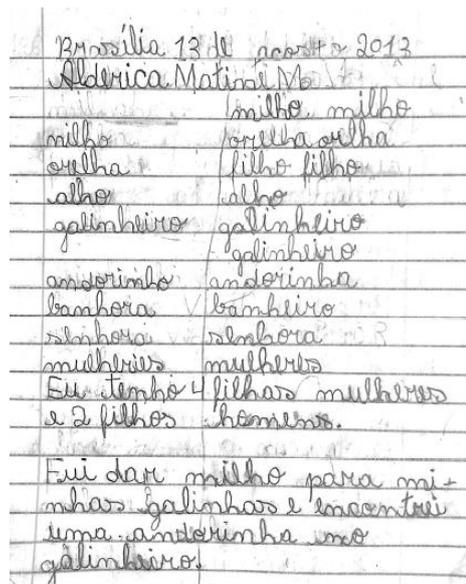


Figura 18: Trabalhando o LH e o NH com Alderica.

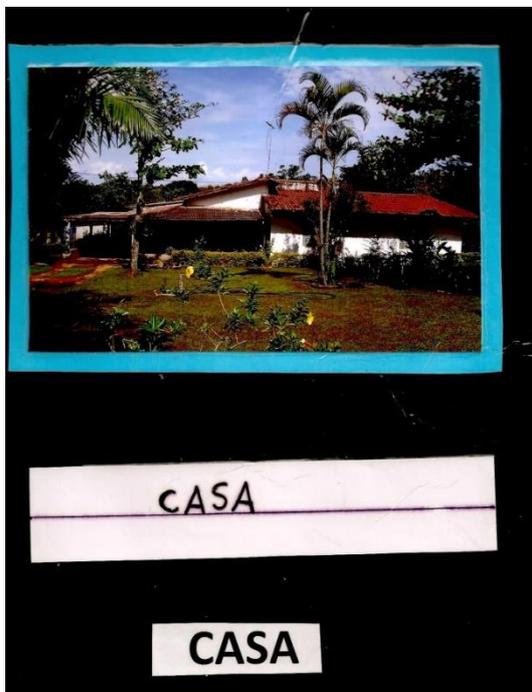
Em relação ao meu avô, começamos (eu e a turma de alunos da UnB que foram até a casa deles dar aula) a trabalhar a letra “c”, buscando ajudá-lo a associar o grafema “c” ao fonema /CÊ/. Embora ele ainda fale que ao escrever a palavra “cavalo”, por exemplo, ele tenha no início as letras /QA/ (sonoramente falado), ele escreve o “ca”.

Para exemplificar, apresento algumas imagens do livro logo abaixo, seguidas de explicações ou mesmo da fala dos alfabetizandos.

³Fresca deriva do termo frescura, segundo Dicionário da Língua Portuguesa é designado como: enjoamento; chatice.

PARTE DO LIVRO DA MINHA VÓ ALDERICA:

Como a imagem ficaria muito pequena aqui, reescrevo a fala que foi digitalizada colada atrás da imagem:



CASA

“A casa pra mim é uma vida, é onde eu moro, onde eu moro, onde eu durmo, onde eu vivo, sobrevivo. É tudo isso. Sinto feliz aqui. Ela faz parte da minha vida. É onde eu cultivo minhas plantas, minhas rosa, minhas galinha. No final de semana vem os outros filhos e netos”.



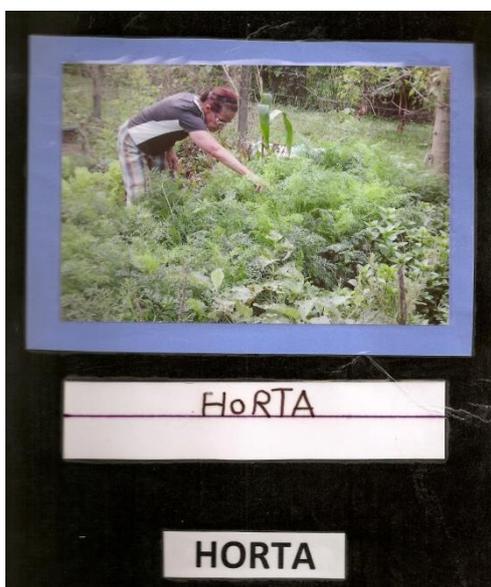
MÁQUINA DE COSTURA

“Eu tenho ela desde 79, era a máquina da Dona Juliana. Eu comprei na mão dela por 100 mirreiros (mil reais). Eu uso ela pra consertar roupa (roupa), remendar, costurar algum lugar que desmantela. Só não sei (sei) costurar (costurar) porque nunca me ensinaram. Mas eu sei meche com ela. Eu faço barra de calça e algumas roupinha”.



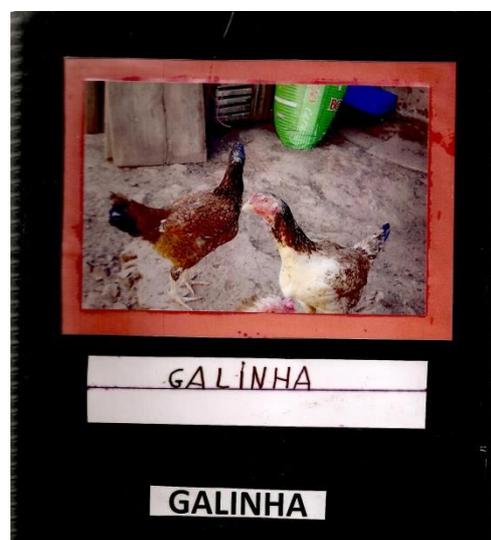
PONTO CRUZ

“O ponto cruz eu aprendi sozinha e escondida da minha madrinha, porque ela não queria que eu aprendesse. Eu dimantelei (desfiz) o bordado dela e aprendi a fazê (fazer). Eu gosto de fazê (fazer) e acho bunito (bonito)”.



HORTA

“Pra mim distrai, me divirto. Tô fazendo alguma coisa, porque num posso fica sem fazê (fazer) nada. Vô lá arranco um pé de planta, adubo, molho as veiz (vezes) se tive seco. Eu uso as coisa da horta pra cumê (comer), fazê (fazer) chá e remédio”.



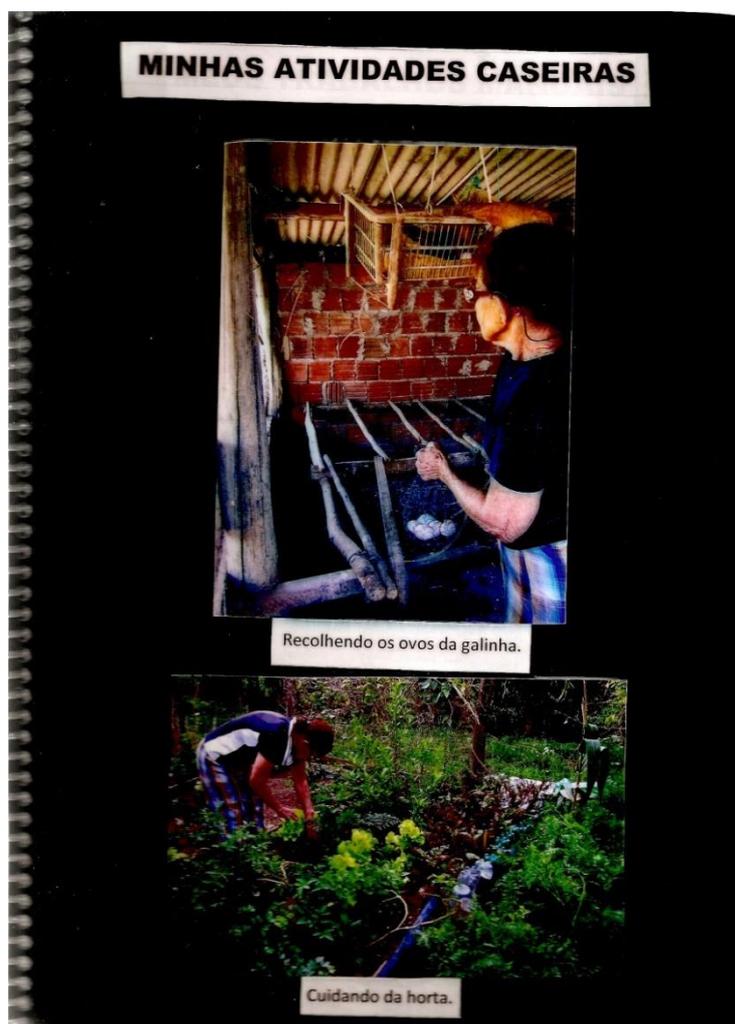
GALINHA

“Eu tenho elas pra pô os ovos, comê (comer), vende, dá pro povo de casa. Tem meu netinho que gosta muito de ovo. Tenho mais é das galinha comum. As arrupiada (arrepriadas) vieram de Formoso em Minas. Todos os ano elas choca, mas esse ano com tinha um bocado eu deixei de por pra chocá (chocar), porque dá muitas (despesas)”.



MELADO

“Eu faço o melado pra ajuda as criança e adulto pumodi (por causa da) tosse e gripe. Eu aprendi com a minha sogra. Ele é feito de sabuguera, hortelã, poejo, a favaca (alfavaca), foia (folha) de canela, açapexe do campo, manjeriçã, agrião, gengibre, foia (folha) de guaco e mel de abelha. Eu ponho as foia (folha) na janela, depois ponho açúcar e ponho no fogo pra ele vira aquele mel. Faço o lambedô (melado) como diz o povo mais velho e acrescento o mel e depois (depois) ponho num pote”.



MINHAS ATIVIDADES CASEIRAS



Recolhendo os ovos da galinha.



Cuidando da horta.



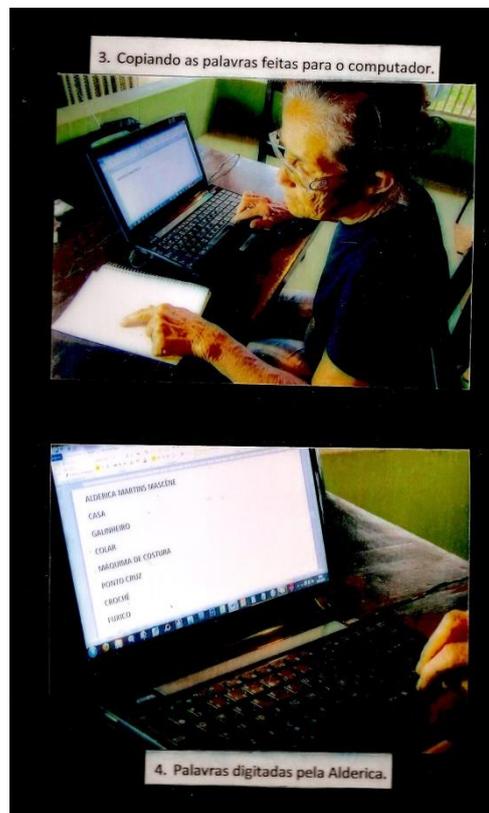
PARTE DO LIVRO COM O TÍTULO: Minhas atividades sobre a confecção do álbum

Na imagem:

1. Escrevendo o nome das fotos do álbum no caderno.

2. Escrevendo o nome das fotos no álbum.

3. Copiando as palavras feitas para o computador.



4. Palavras digitadas pela Alderica.

PARTE DO LIVRO DA MINHA VÔ DENIS



ENXADA

“A enxada do dizer antigo da Bíblia contava o principio do século. A enxada foi a primeira caneta de Adão e Eva pra ter alimento do cidadão. Eu tava (estava) com 6 anos e meu pai me arrumo uma enxadinha A inxada (enxada) faz a limpeza da terra, ajuda o processo do Brasil, traz o alimento, a limpeza”.



COMPASSO

“O compasso serve pra medir a madeira (madeira). Você risca uma coisa bem redondinha com ele faz a medida, pode por de trevesa (atravessado) que ele marca. É uma ferramenta muito boa, porque ele faz mutia (muita) coisas diferente na madeira (madeira)”.



ENXÓ

“Enxó é uma coisa de pareá madeira (deixar a madeira igual), pra fica uma madeira (madeira) boa. Serve pra deixa um pau redondo, faze um pardal; Eu usava muito, mas quase num tô trabaiano (estou trabalhando) porque num tem um lugar pra trabaiaá (trabalhar) e madeira ta difíci (madeira esta difícil). Quando tinha madeira (madeira) eu trabalhava direto. Já utilizei o enxó

pra fazê (fazer) gamela, arrumá (arrumar) cama, porta”.



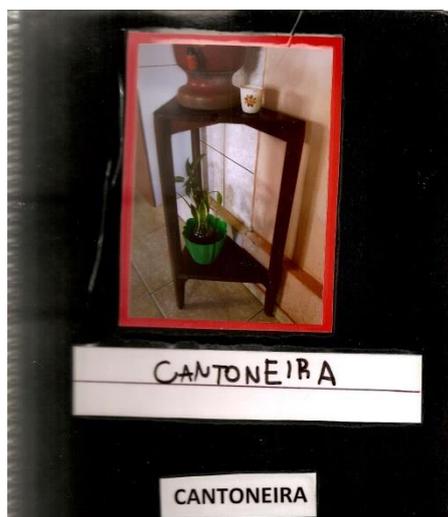
ESQUADRO

“Servi pra esquadrejá a maderá (madeira). O esquadro serve para fazer uma quina de uma mesa, porta e mais. É a mesma coisa do metro e do nivelado (nivelador). Quando você for cortar a maderá (madeira), risca a maderá (madeira) e corta e fica certinha”.



CAMA

“Aquela eu fiz de Aruera e Ipê. A maderá (madeira) das pernas dela foi tudo feita de ipê e os varal e as cabicera (cabeceira) foram feitas de Aruera. Eu fiz na época pra gente aqui dentro de casa e depois ficou com a minha filha e agora tá com a minha filha Nice, mãe de minha primeira netinha Géssica”.



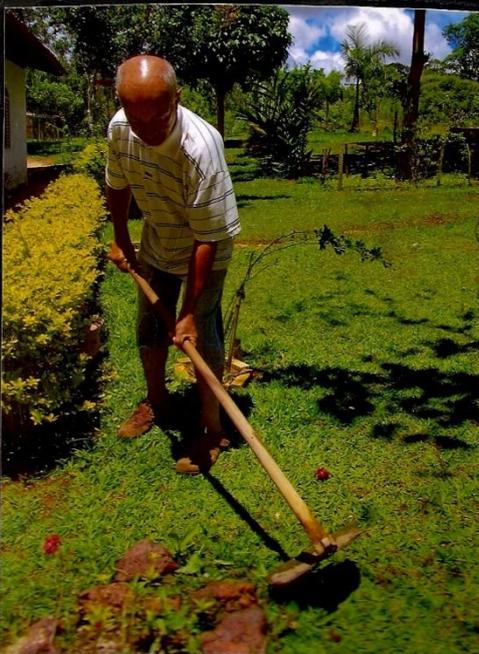
CANTONEIRA

“É coisa que existe na época das pessoa velha. Era onde colocava a água pra esfriá (esfriar). Essa eu fiz na época que morava o Passa Três (Três), na região de Urucuia, Município de Buritis. Essa foi feita com maderá de ipê”.

MINHAS ATIVIDADES CASEIRAS



Arrumando a gamela de
madeira usando o enxó.



Capinando.

PARTE DO LIVRO COM O TÍTULO: Minhas atividades sobre a confecção do álbum



Copiando a palavra formada para o caderno.

Escrevendo o nome das fotos no álbum.

CAMA

Na imagem:

1. Escrevendo o nome das fotos do álbum no caderno.

2. Escrevendo o nome das fotos no álbum.



Copiando as palavras feitas para o computador.

3. Escrevendo o nome das fotos no álbum.

4. Passando os nomes escritos no caderno para o computador.

CONHECIMENTOS DOS ALFABETIZANDOS AO LONGO DO ANO DE 2014

No decorrer do ano de 2014, tive de persistir muito com a minha vó na questão da pronúncia. No início do ano, começamos a trabalhar bem palavras como “outras”, pois ela não conseguia ainda identificar o “r” entre o “t” e o “a”. Promovi essa identificação por meio da pronúncia pausada de cada tom de cada letra dentro da palavra. Falamos sobre o uso do “l” com som de “u”, como o próprio nome dela. 2014 foi um ano de muita independência da minha vó tanto na escrita como na leitura de palavras. No aspecto emocional, no início do ano ela estava bem sensível e com falas muito negativas referentes à sua incapacidade, ao final de 2014 ela ainda persiste às vezes com a fala, mas não perde mais tanto tempo e resolve tentar até que consiga realizar a palavra que almeja escrever.

Em relação ao meu avô, Denis, ao decorrer desse ano ele assimilou quase todas as letras do alfabeto. Consegue escrever e ler muitas palavras simples como “mato”, “pau” etc. Percebi que meu avô consegue desenvolver uma linha de raciocínio bem interessante. Ele compreende muitas coisas com facilidade e de forma rápida. Muitas vezes basta que eu explique apenas uma vez alguma coisa e ele já consegue fazer com mais autonomia e independência. Meu avô tem expressado ainda as falas negativas, mas no decorrer do ano tem se esforçado até mesmo em ler algo fora do período das aulas, coisa que apenas minha vó fazia. Foi trabalhado bastante o “m” e o “n”, mas meu vó ainda não o associou por completo. Neste mesmo ano começou a confundir o som do “s” com o do “f”.

Em relação a ambos (Denis e Alderica) tenho exigido bem mais a pronúncia, a fim de que consigam encontrar os sons das letras para escrevê-las. Trabalhamos o “s” no final de algumas palavras indicando plural. Trabalhamos o “m” ou o “ão” indicando passado ou futuro, por exemplo em: “passaram” e “passarão”. Resolvi conversar com eles e explicar bem detalhadamente como ocorre a leitura. Que ao ler, devemos ir guardando aquilo que já lemos e juntando com o que estamos lendo para que haja compreensão do que está escrito. Expliquei que lemos sílaba a sílaba de forma que possamos compreender qual a palavra e que é um processo naturalmente demorado. Tivemos algumas aulas com temas bem recorrentes, como a medicação que ambos utilizam. Escrevemos e lemos o nome de cada medicamento, para o que ele servia e em qual horário são tomados. Um pouco diferente dos outros anos, neste, volta e meia eles

resolveram expressar que desejavam passar uma aula ou outra apenas lendo. Conversamos neste ano sobre sentimentos, o que pensam sobre cada um (raiva, perdão, paz, felicidade, tristeza etc.) e como devemos agir com cada um. Acabamos pensando nesse tema, pois ambos por vezes estavam muito irritados ou tristes em algumas aulas. Foi a forma que consegui pensar para trocarmos ideias e assim fazê-los expor mais do que estava acontecendo e como poderiam lidar com as situações que os desagradavam. Um fator interessante que tem sido muito recorrente nas aulas é que no momento em que ajudo a minha vó a formar alguma palavra, meu vô parece parar a palavra que estava fazendo e auxilia minha vó. Por exemplo, se estou com a minha vó e pergunto que letras compõem a sílaba “BA” da palavra babado, o meu vô imediatamente responde que é o “B-A”. Aqui recorremos a interrupção dele ainda na fala dela, mas por outro lado me anima muito ver a colaboração mútua deles e essa expressão de que meu avô assimilou a relação fonema e grafema de algumas letras. Claro que as vezes peço que ele não interfira para que minha vó possa também pensar e encontrar as letras, mas em outras eu permito, assim como permito q ela mostre à ele qual é a letra que ele as vezes tem dificuldade em saber o grafema. Acredito que essa troca, essa ajuda mutua deles possa ser benéfica ao processo de aprendizagem, bem como , para a relação de companheirismo entre eles.

	DENIS	ALDERICA
JÁ SABIA	Referente às tabelas anteriores no tópico APRENDEU.	Referente às tabelas anteriores no tópico APRENDEU.
APRENDEU	<ul style="list-style-type: none"> - Começou a associar o som de duas letras juntas, ex: B+A=BA. - Fala o G como /gue/ apesar de escrever corretamente o G. 	<ul style="list-style-type: none"> - Consegue escrever a palavra Brasília, sem ajuda. - Sabe que uma frase começa com letra maiúscula e termina com ponto final. - Raras tem sido as vezes em que minha vó precisa de ajuda para escrever, no geral eu tenho mais pedido para ela pronunciar do que precisado ajudá-la a ler.
AINDA NÃO APRENDEU	<ul style="list-style-type: none"> - Ainda troca o S pelo F. - Ainda não consegue saber quando há espaço entre uma palavra e outra. - Trabalhei o N associado ao nome dele deNis câNdido orNelas. -Trabalhei o M associado ao M que temos na mão. Em questão do 	<ul style="list-style-type: none"> - Dificuldade com palavras terminadas e S e R. - Em palavras como grama, a vó tem dificuldades em escrever o GRA, pronuncio e a faço também pronunciar para perceber o G quase bloqueando a garganta, o R e o A.

	<p>fonema/som buscando associar o M com N falava e mostrava que ao falar o N a língua vai no céu da boca e a boca não fecha e o som sai um pouco pelo nariz ao passo que o M a gente fecha a boca.</p> <ul style="list-style-type: none">- Fala que o com do C é /que/ em por exemplo CASA, mas na hora de escrever escreve corretamente o C.- Não identificou o J ainda.- Confunde o som do grafema S e F.	<ul style="list-style-type: none">- Trabalhamos o L com o som de U em algumas palavras, mas ainda não houve aprendizagem ainda.- Confunde em algumas palavra o G com o J.- Fala o G como /gue/.
--	---	---

2.5.Considerações Finais

Esse trabalho de conclusão se apresenta com o objetivo de alfabetização de dois adultos idosos, Alderica e Denis, meus avôs. A vontade de alfabetizá-los teve início no processo de escolha de disciplinas para o segundo semestre de 2012, em que escolhi a disciplina Educação de Adultos para cursar, visando realizar a vontade de alfabetizar meus avôs.

Este sonho começou a ser realizado por meio das orientações da professora Nirce Barbosa de Castro Ferreira, na disciplina de Educação de Adultos, na Faculdade de Educação dentro da Universidade de Brasília. Em seu processo, a práxis pedagógica foi realizada em dois momentos. Um envolvendo toda a turma e a professora regente na disciplina educação de adultos na Faculdade de Educação da Universidade de Brasília, durante três semestres, de março de 2012 a junho de 2013. O segundo simultaneamente realizado em espaço domiciliar entre eu e meus avôs, desde maio de 2012 e em prosseguimento. É possível afirmar que esse processo vivido tanto por mim em espaço domiciliar e também pelo coletivo dentro da UnB, trouxe verdadeira transformação na maneira de olhar a educação de adultos. A alfabetização que realizamos em conjunto se baseou na humanização, significação, na valorização do conhecimento de mundo dos alfabetizandos e no dessilenciamento dos mesmos.

É fundamental a mobilização e realização dessa alfabetização promovendo a práxis dentro do espaço acadêmico no decorrer da formação do Pedagogo(a)/ Licenciado(a), como afirma a aluna Anna Carollina Mendonça do 1º semestre de 2012 ao dizer que: *“Fora que aqui só aprendemos teoria e será um prazer ensinar seus avôs. E professora, também agradecemos à você por abrir espaço para que a gente tenha essa prática aqui em sala de aula. Nunca vi nenhum professor fazer isso”* (BRAZ, G.C.M. Diário de Alfabetização, 2014, p.7).

Os objetivos da proposta, foram alcançados, até o presente momento. Isso pode ser observado pelas transformações observadas, relatadas e analisadas ao longo deste trabalho. Em referência ao primeiro objetivo específico de desenvolver com intervenção-ação o processo de alfabetização domiciliar de dois idosos como acima discorrido e analisado. Dentro deste processo conseguimos ganhos e claro, também existem aqueles momentos em que os alfabetizandos ainda não conseguem compreender alguma estrutura no processo de escrita. Para mim, participar do processo de alfabetização dos meus avôs, Alderica Martins Mascêne e Denis Cândido Ornelas,

concretiza uma jornada, ainda em seu momento inicial rumo ao aprendizado do que é uma alfabetização verdadeiramente libertadora. Ao analisar os relatórios de aulas ministradas, percebo a importância do fato para uma construção mais fidedigna e até reflexiva sobre os processos de alfabetização. Apresento a ressignificação que meus avôs têm sobre o processo deles, recorrendo ao relatório que realizei com entrevista para responder ao leitor. Alderica primeiramente me diz que a diferença que percebe entre o seu início em 2012 e agora em 2014 é de que: *“Lá eu num (não) sabia nada, hoje eu já sei algumas coisa, já entendo, compreendo. Tinha muitas coisa que eu num (não) intidia (entendia)”*(BRAZ, G.C.M. Diário de Alfabetização. Fala de Alderica, 2014, p.64).

Ao passo que Denis fala que: *“Hoje eu sinto bem melhor porque eu to entendendo mais as letra. Queria era entender mais e conhecer mais diritinho (direitinho). Eu queria ter uma pessoa pra todos os dias ao menos meia hora ficar comigo pra me ajudar a entender as letra, porque as veiz (vezes) eu pego uma palavra ou tento escrever mas não tem ninguém que eu possa perguntar o que ta escrito ali ou qual é aquela letra”*(BRAZ, G.C.M. Diário de Alfabetização. Fala de Denis, 2014, p.72).

Concluo este trabalho de pesquisa em alfabetização de adultos idosos, sabendo que ela não é uma prática inédita, que ainda se mantém em construção sabendo que somos seres humanos inacabados e em constante aprendizagem. A transformação da vida de meus avôs e igualmente de todos que se viram envolvidos em cada etapa desse processo acabou por estabelecer uma grande relevância na construção de uma educação de adultos mais pautada na vida real e concreta dos alfabetizandos.

Acredito e aprendi com minha família que devemos sempre ajudar o próximo em suas necessidades e que, ao realizar essa ajuda, acabamos por vezes recebendo bem mais do que doamos em relação a nos sentirmos mais completos, úteis e realizados também. Alfabetizar meus avôs é retribuir a educação que me deram e é também lutar contra um sistema que oprime, que faz das pessoas apenas objetos utilizados e ao mesmo tempo descartáveis. Alfabetizar vai muito além de decodificação da língua materna em suas formas e sons, ela se estabelece primeiro por meio dos laços afetivos/amorosos que o alfabetizador deve estabelecer com seu alfabetizando. A alfabetização libertadora e cidadã se dá por meio do exercício de escuta, de valorizar a

palavra e o conhecimento daqueles que sustentaram e educaram toda uma família em meio a uma época e local sem recursos e oportunidades. Alfabetizar meus avôs é sentir a alegria deles fluir dentro de mim em cada letra e sílaba que escrevem e leem. Em cada sorriso e esforço deles ver que a história de suas vidas está sendo contada e escrita por eles e estará ali para que o mundo nunca mais os esqueça. Para que o mundo saiba e aprenda com seus saberes.

Me sinto feliz de estar promovendo a felicidade deles e ter tido a ajuda de tantas pessoas que mudaram a vida dos meus avôs. Sendo assim, finalizo este trabalho de conclusão de curso com a declaração da importância e efeito dessa diferenciada alfabetização.

“Senti feliz assim, porque quem pensava de eu vim aqui, de eu tá (estar) aqui hoje na UnB. Que coisa maravilhosa! Com as pessoa e todo mundo que tava la que eu conheci. Achei muito feliz(...). A gente sente vergonha assim, mas depois a gente vai acostumando com as coisa e num (não) estranha mais (...). Gostei muito da atenção do povo. Eles era muito atencioso com a gente. A hora que via a gente todo mundo ficava – Ah fulano você tá bem? Tá feliz?(...) Eu aprendi do momento que eu tive moral de falar com as pessoa” (BRAZ, G.C.M. Diário de Alfabetização. Fala de Alderica, 2014, p. 63 e 65).

“É, aquilo pra mim foi uma coisa de Deus que aguiô (guiou) pra aquilo né; ficava com aquilo por dentro, pensando nos meus filho, minha neta que me trouxe pra aqui e eu tinha tanto prezeri (prazer) pra modi (poder) aprender e dar aquele valor pra ela e pra professora também.(...)Era tudo iguali (igual). Era tudo legali (legal). Que eu falei graças a Deus to me sentindo bem, que tem a Nirce, tem a Géssica, minha netinha que eu adoro muito que tá indo em frente me ajudando, o Rafa, todo mundo”(BRAZ, G.C.M. Diário de Alfabetização. Fala de Alderica, 2014, p. 70).

2.6. Anexos

ANEXO 1 – ALGUNS TRECHOS DO DIÁRIO DE ALFABETIZAÇÃO

1. Observações 1º semestre de 2012 dentro da sala de aula na Faculdade de Educação na Universidade de Brasília:

DENIS

No quadro escrevi: ENXADA – MADEIRA, ENXADA

Denis: “A primeira ferramenta que a gente usava era a enxada. Aí tinha a madeira para fazer as coisas. Usava o cerrote para cerrar a madeira, o esquadro para medir também.”

Onice (filha): “Pai, desculpe te interromper. Fala aquele negócio do mutirão, como era feito naquela época.”

Denis sorrindo fala: “É! Naquela época cada um levava sua ferramenta e juntava aquela turma toda... A gente não tinha relógio, então o galo era o relógio. Na primeira vez em que o galo cantava aí era uma hora... Quando era umas quatro horas tinha merenda e voltava a trabalhar. A noite depois da janta o pessoal puxava a sanfona e era aquela festança a noite inteira.”

ALDERICA

Aluna: “A senhora escreveu rosa. Por que escreveu a palavra rosa?”

AldERICA responde: “É que eu gosto de plantar porque eu acho bonito. Dizem que a flor embeleza a casa. A flor dá alegria onde a gente mora.”

Professora: “Quais cores de rosa que a senhora tem?”

AldERICA: “Tem branca, amarela, vermelha. Tem de todas as cores.”

Aluna: “Como a senhora planta a rosa?”

AldERICA: “Eu abro o buraco, coloco terra, porque lá só tem cascalho.”

Professora: “A senhora dá as rosas pra alguém?”

AldERICA: “Eu não dou não. Planto lá e depois elas caem. Bonito é ela no pé.”

Professora: “E porque a palavra GÉSSICA aparece nos dois eim?”

Respod(i) (Eu): “Ah é que eu estava lá e como estávamos trabalhando o CA, usei meu nome como exemplo.”

Professora: “Será? Vamos ouvir o que eles pensam desse nome?”

AldERICA: “É que ela é a única que se encarrega de ensinar a gente.”

Denis: “Foi a primeira neta e veio cheia de amor.”

AldERICA: “Ela ajuda a nós(nós) e é um jeito de nós (nós) ajudar ela também.”

PERGUNTAS (DENIS E ALDERICA) para a classe:

AldERICA pergunta à turma: “E vocês tem alguém para ajudar e ajudar vocês?”

Priscila (monitora): “Eu ajudo uma senhora que é faxineira.”

Onice: “É importante a gente ajudar os outros.”

Denis: “Deus ensinou para a gente ajudar um ao outro.”

Géssica: “Você se sente útil. Se sente bem.”

Natália: “Tive experiência com a minha vó. Ajudei a alfabetizá-la.”

2. Observações de 2014 das aulas domiciliares:

AldERICA: Hoje os dois resolveram escrever o nome dos medicamentos e para que servem e depois ler. Hoje iremos escrever e ler os três primeiros medicamentos que eles ingerem no dia.

- *Frases/texto escrito:*
- 1 Sustrate – taquicardia;*
- 2 Neoprazol – gastrite;*
- 3 Atenolol – pressão;*
- 4 Oscal – Osteoporose.*

OBS.:

Retomando a tarefa que deixei de copiarem o texto que faltava... Avó acabou pulando uma linha “Fiquei muito feliz que meu filho”. Mas como ela queria escrever sobre os medicamentos seguimos para as palavras de hoje.

Como em todos os dias, iniciamos com a data. Tenho seguido esse roteiro da data, pois, após uma consulta a psicóloga disse para trabalhar com eles a memorização. Ambos no período em que iam na psicóloga não conseguiam informar o dia, mês e ano em que estavam.

Ao escrever o nome dos medicamentos, iniciamos com o SUSTRATE, mas, ao invés de dar na mão para a vó, pedi que para entre os 4 medicamentos dela, ela me mostrasse qual ela achava que seria ele e ela acertou.

Escrita da palavra “TAQUICARDIA” a vó escreveu tudo muito bem, só não adquiriu ainda o “qUi” e no final da palavra “dia” tive que pedir para fechar os olhos e falar novamente para saber qual é a última letra.

Voinha tem conseguido escrever as sílabas sozinha, raras são as vezes em que precisa que eu fale a resposta. No máximo tenho feito ela escutar o som das letras. Como hoje a empregada que morava com ela, uma senhora voltou para a terra Natal, a vó quis colocar no caderno que ela fora embora. E a vó ficou feliz por em casa agora ter apenas gente da família.

Denis:Hoje os dois resolveram escrever o nome dos medicamentos e para que servem e depois ler. Hoje iremos escrever e ler os três primeiros medicamentos que eles ingerem no dia.

Frases/texto escrito:

1 Pantoprazol – gastrite;

3 Puran T4 – tireoide;

4 Benicar – pressão;

5 Natrilix sr- pressão.

Hoje a céu foi embora.

OBS.:

Retomando a tarefa que deixei para casa de copiarem o que faltou. O vô só copiou até “No centro”.

Como em todos os dias, iniciamos com a data. Tenho seguido esse roteiro da data, pois, após uma consulta a psicóloga disse para trabalhar com eles a memorização. Ambos no período em que iam na psicóloga não conseguiam informar o dia, mês e ano em que estavam.

Antes de escrever o nome coloquei o vô para identificar cada letra da palavra PANTOPRAZOL e ele acertou quase todas, exceto o “Z” que ele nomeou como “N”.

Formamos a palavra “GASTRITE” e a única coisa que o vô errou foi “TRI por TI”.

O vô conseguiu escrever toda a palavra “Tireóide” me informando as letras que formavam cada sílaba.

Hoje no geral o vô identificou muito mas muito bem as letras e até o som das sílabas. Acho que a diferença foi que ele passou a semana toda estudando o que havia pedido. Até terminou antes da vó.

Depois de escrever tudo, minha mãe releu com ele.

O vô escreveu também que a céu foi embora.

Em outra aula

Alderica:

Como hoje é aniversário da filha caçula do dois (Val), resolvemos escrever um cartão de aniversário para ela.

Frases/texto escrito:

Essa semana choveu bastante, a máquina de lavar quebrou. A Durce viajou e hoje estou gripada.

OBS.:

- 1) Voinha estava bastante atenta hoje apesar da gripe.*
- 2) Teve dificuldades ao escrever o “brou” da palavra quebrou. Busquei indicar para ela os sons das letras separadamente “B”, “RO”.*

Denis: Como hoje é aniversário da filha caçula do dois (Val), resolvemos escrever um cartão de aniversário para ela

Frases/texto escrito:

Limpei o terreno, cortei grama e cuidei dos cachorros também. Passei o domingo trabalhando com o Paulo.

OBS.:

- 1. O vô tem identificado todas as letras hoje.*
- 2. Me pareceu muito ressentido e dizendo que estava muito velho.*
- 3. No momento em que escrevemos a palavra “DOS” e antes de escrever a palavra “Cachorros” parei a escrita com os dois para explicar plural. Expliquei que quando acrescentamos S significa que é mais que um. Fiz uma tabela com nome de coisas que são do cotidiano deles, que eles mesmos ditaram como (queijos, ovos, enxós, cerrotes, galinhas, linhas, agulhas, sapatos, roupas) colocando a letra S em vermelho e ao lado escrevendo o nome do singular e desenhando um item e abaixo escrevendo no plural dando ênfase a letra S e desenhando mais que uma coisa. O vô começou a rir quando começou a falar no plural e a vô achou muito legal.*
- 4. Não conseguiu fazer o “LHA” de trabalhar identificando apenas o “A”. Mas ainda não trabalhei firme com ele o uso do H no meio das palavras.*
- 5. Quando precisa identificar a letra “L” o vô chamada de “N” em por exemplo “Paulo” falava que o final era “NO”.*

ANEXO 2 – TRABALHO REALIZADO COM OS ALFABETIZANDOS A RESPEITO DO SEU CONHECIMENTO CULTURAL COM PLANTAS, E CASCAS MEDICINAIS. FOLHAS E CASCAS NAS FOTOGRAFIAS FORAM TIRADAS DA PRÓPRIA RESIDÊNCIA DELES. O TRABALHO FOI APRESENTADO JUNTAMENTE COM ELES PARA A TURMA DE AGRICULTURA ALTERNATIVA NA UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA NO 1º SEMESTRE DE 2013.

NOME	FINALIDADE SEGUNDO MEUS AVÓS	DESCOBERTAS DA MEDICINA
 <p>ALECRIM</p>	<p>Serve para fazer chá para o coração e gripe (expectorante) e também para cicatrizar. Tomar chá a noite antes de deitar que no outro dia amanhece melhor. Gosto bom!</p>	<p>ansiedade, asma, cabelos grisalhos, calvície, caspa, debilidade, depressão, dispepsia, dor de cabeça, dor de garganta, epilepsia, fadiga, flatulência (gases intestinais), gengivite, intoxicação gastrointestinal, neuralgia ciática, repelente, reumatismo, tensão, úlceras bucais, vertigem.</p>
 <p>ALFAVACA</p>	<p>Serve para gripe e é expectorante. Tomar chá a noite antes de deitar que no outro se sente melhor. Gosto bom!</p>	<p>bronquites, conjuntivite, distúrbios do trato gastrointestinal e do trato urinário, doenças mentais, dores de cabeça, epilepsia, estresse, fadiga, gripe, infecções cutâneas, micoses, tosse, pneumonia, prurido, reumatismo.</p>
 <p>ALFAZEMA</p>	<p>Serve para machucado, para desinflamar, cicatrizar e aliviar a dor. Gosto bom!</p>	<p>Analgésica, Antisséptica, Anti-inflamatória, Aromática, Calmante, Carminativa, Cicatrizante, Desodorante e tônica.</p>
 <p>ANGICO</p>	<p>Serve para tratar a tosse, inflamação, bronquite. Dá para fazer o lambedor (melado) que ajuda. Serve tanto a casca como a rezina. Pode colocar para ferver para servir de chá ou deixar na água curtindo (de um dia para o outro). Gosto amargo. Não pode tomar muito porque intoxica.</p>	<p>Propriedades adstringentes, depurativas e hemostáticas, usado para asma, bronquite e tosse.</p>
 <p>BALSAMO (leite)</p>	<p>Serve para infecção, corte. No corte e machucado põe direto no local, se for uma dor toma ele após pingar as gotas na água. Pode riscar a madeira que é a mesma coisa. Gosto amargo!</p>	<p>Contusões, torções, machucaduras, feridas gangrenosas, úlceras, epilepsia, inflamações gastrintestinais e da pele e nas cefaleias.</p>

 <p>ERVA CIDREIRA</p>	<p>Serve para pressão alta e é calmante, ajuda a dormir. Gosto não muito bom.</p>	<p>ansiedade, catapora, caxumba, cólica, demência, depressão, dismenorria, dor de cabeça, eczema, enxaquecas, epilepsia, febre, flatulência, gripe, herpes, hipertensão, hipocondria, histeria, insônia, náuseas, nervosismo, resfriados, taquicardia, vertigem.</p>
 <p>EUCALIPTO</p>	<p>Serve para sinusite, desobstrui. Pode colocar na água quente e depois respirar o ar que subir dele, tipo uma infusão. Não se faz chá.</p>	<p>artrite, asma, catarro, difteria, disenteria, dor de garganta, escarlatina, febre, febre tifóide, feridas, gripe, herpes, infecções, malária, resfriados, tosse crônica, tuberculose, úlceras.</p>
 <p>GUACO</p>	<p>Serve para a gripe e para a febre, se sentir o corpo ruim. Chá é bom.</p>	<p>alergias, artrite, asma, cândida, catarro, dores, eczema, inflamações, inflamação intestinal, febre, feridas, gripe, mordidas de cobra, levedura, protozoários, prurido, resfriados, reumatismo, tosse, úlceras.</p>
 <p>HORTELÃ PIMENTA</p>	<p>Serve para garganta. É o gosto bom.</p>	<p>artrite, azia, cãibras, cálculos biliares, catapora, cólica, colite, congestão de tórax, dismenorria, dispepsia, Doença de Crohn, dores, dor de cabeça, dor de estômago, dor de dente, entorpecimento muscular, enxaqueca, fadiga, febre, gases intestinais, gripe, halitose, herpes, indigestão, indisposição, inflamação, irritação intestinal, náuseas, neuralgia, queimaduras, resfriados, reumatismo, sarampo, sarna, soluços, tensão, tosse.</p>
<p>MASTRUZ</p>	<p>Serve pra gripe, tosse, dor de garganta, pneumonia, machucado e verme. Tem um gosto ruim e enjoativo.</p>	<p>amebas, asma, cólica, febre, feridas, gases intestinais, fungos, hemorroidas, lombrigas, mordidas de cobra, tosse.</p>
 <p>PATA DE VACA (casca de pau)</p>	<p>Serve para problema de colesterol alto, calmante. Gosto nem ruim nem bom.</p>	<p>cistite, colesterol alto, diabetes, diarreia, doenças urinárias, elefantíase, hanseníase, pedras nos rins, picadas de cobra, problemas de pele, obesidade, poliúria, sífilis, vermes intestinais.</p>
 <p>POEJO</p>	<p>Serve para dar para criança e adulto, serve para gripe, dor de barriga. Tem um gosto bom.</p>	<p>catapora, caxumba, cólica, dismenorria, dispepsia, dor de cabeça, erupção cutânea, febre, flatulência, gota, gripe, herpes, histeria, lepra, náuseas, psoríase, resfriados, reumatismo, sarampo, sarna, sumagre-venenoso, tensão, tosse, urticárias.</p>

2.7. Apêndices

TERMO DE CONSENTIMENTO 1
Universidade de Brasília
Faculdade de Educação
Graduação em Pedagogia

Linha de Pesquisa: Alfabetização, escolarização e desenvolvimento humano.

Orientador: Dr. Renato Hilário dos Reis

Trabalho de Conclusão de Curso:

O itinerário alfabetizador de dois idosos: Alderica e Denis.

Cara colaboradora,

Desde 2012, realizo o processo de alfabetização com os meus avôs, Alderica Martins Mascêne e Denis Cândido Ornelas em ambiente domiciliar, com o objetivo de promover a alfabetização de ambos.

Em 2014, eu, Géssica Cândida Mascêne Braz, graduanda em Pedagogia, sob a orientação do prof. Dr. Renato Hilário dos Reis, realizo o meu trabalho de conclusão de curso com a temática em cima da minha práxis pedagógica na alfabetização de adultos especificamente voltada para dois idosos.

Nesse sentido, o trabalho de conclusão solicita a sua permissão para a citação do seu nome e depoimento no trabalho final e em futuras publicações, bem como a utilização de fotografias e imagens do caderno com a única finalidade de ilustrar o trabalho, dando maior visibilidade ao trabalho.

A pesquisadora compromete-se com a não utilização indevida ou antiética do material coletado, gentilmente construído e cedido por vocês.

Após ter sido devidamente informada de todos os aspectos desta pesquisa e ter esclarecido todas as minhas dúvidas, eu Alderica Martins Mascêne concordo em participar do trabalho de conclusão de curso e autorizo a graduanda a utilizar o material coletado, verbal e audiovisual.

Brasília – DF, dia 10 de novembro de 2014.



Assinatura da alfabetizanda



Assinatura da Graduanda

TERMO DE CONSENTIMENTO 2
Universidade de Brasília
Faculdade de Educação
Graduação em Pedagogia

Linha de Pesquisa: Alfabetização, escolarização e desenvolvimento humano.

Orientador: Dr. Renato Hilário dos Reis

Trabalho de Conclusão de Curso:

O itinerário alfabetizador de dois idosos Alderica e Denis.

Caro colaborador,

Desde 2012, realizo o processo de alfabetização domiciliar com os meus avôs, Alderica Martins Mascêne e Denis Cândido Ornelas em ambiente domiciliar, com o objetivo de promover a alfabetização de ambos.

Em 2014, eu, Géssica Cândida Mascêne Braz, graduanda em Pedagogia, sob a orientação do prof. Dr. Renato Hilário dos Reis, realizo o meu trabalho de conclusão de curso com a temática em cima da minha práxis pedagógica na alfabetização de adultos especificamente voltada para dois idosos.

Nesse sentido, o trabalho de conclusão solicita a sua permissão para a citação do seu nome e depoimento no trabalho final e em futuras publicações, bem como a utilização de fotografias e imagens do caderno com a única finalidade de ilustrar o trabalho, dando maior visibilidade ao trabalho.

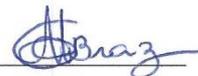
A pesquisadora compromete-se com a não utilização indevida ou antiética do material coletado, gentilmente construído e cedido por vocês.

Após ter sido devidamente informado de todos os aspectos desta pesquisa e ter esclarecido todas as minhas dúvidas, eu Denis Cândido Ornelas concordo em participar do trabalho de conclusão de curso e autorizo a graduanda a utilizar o material coletado, verbal e audiovisual.

Brasília – DF, dia 10 de novembro de 2014.



Assinatura do alfabetizando



Assinatura da Graduanda

2.8. REFERÊNCIAS

BORTONI-RICARDO, S.M.; FREITAS, V. A. L.; RIBEIRO, V. M.; CAXANGÁ, M. R. R.; SCHMEISKE, C.; LINS, M. V.; SOUSA, M. A. F.; SILVA, M. G. T. **Reflexões sobre analfabetismo e alfabetismo funcional**. In: I Congresso Interinstitucional de pós-graduação stricto sensu em educação, UCB/UnB. Brasília-DF, 2006, 1-11 p.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **O que é método Paulo Freire**. São Paulo: Ed. Brasiliense, 2005, 115p.

FERREIRO, Emilia. **Reflexões sobre Alfabetização**. São Paulo: Ed. Cortez, 2001, 104p.

FREIRE, P. **A importância do ato de ler**. São Paulo: Ed.Cortez, 2009. 87p.

_____. **Pedagogia da autonomia**. Rio de Janeiro: Ed. Paz e Terra, 2014. 143p.

_____. **Pedagogia do oprimido**. Rio de Janeiro: Ed. Paz e Terra, 2011. 253p.

GALIAZZI, M. C. e LINDEMANN, R. H. **O diário de estágio: da reflexão pela escrita para a aprendizagem sobre ser professor**. Olhar do Professor, v.6, p. 135-150, 2003. 135-150p.

GAZZANIGA, M. S. & HEATHERTON, T. F. **Ciência Psicológica**. Ed. Artmed. 2005, 215 – 247 p.

LEMLE, Miriam. **Guia teórico do alfabetizador**. São Paulo: Ed. Ática, 1995, 69 p.

MARCONI, Marina de Andrade. LAKATOS, Eva Maria. **Fundamentos de metodologia científica**. 7. ed. rev. São Paulo: Atlas, 2010, 297 p.

MARQUES, Denise Travassos. **Educação de Jovens e Adultos: uma perspectiva de alfabetização com idosos**. Campinas: PUC – Campinas, 2010. 151p.

REIS, Renato Hilário. **A constituição do ser humano: amor-poder-saber na educação/alfabetização de jovens e adultos.** Campinas – SP, 2011, 260 p.

YIN, Robert K. **Estudo de caso – planejamento e métodos.** (2Ed.). Porto Alegre: Bookman, 2001.

3. PROJETO DE VIDA PROFISSIONAL

Meu grande sonho há mais ou menos 5 anos tem sido a fotografia, para quem me conhece sabe que lutei muito e ainda luto para seguir a carreira como fotógrafa profissional.

O diploma em Pedagogia, apesar de toda a longa experiência em salas de aula com crianças e o rico conhecimento que adquiri, acabei resolvendo que não desejo trabalhar com essa faixa etária. Por meio do meu desejo em alfabetizar meus avôs, seguindo pela grande motivação e influência do GENPEX (Grupo De Ensino-Pesquisa-Extensão Em Educação Popular e Estudos Filosóficos E Histórico-Culturais) e agora na sala de aula em área rural com minha tia, desenvolvi um grande amor pelo público de jovens e adultos, onde penso sinceramente em seguir minha estrada profissional como pedagoga. Eu e minha tia Valdenice temos conversado muito sobre desenvolver um projeto com esse público na área rural Córrego do Urubu voltado para a educação, promovendo a alfabetização de muitos na região.

Em uma oportunidade posterior junto com o grupo GENPEX (Grupo De Ensino-Pesquisa-Extensão Em Educação Popular E Estudos Filosóficos E Histórico-Culturais) e a professora Nirce, pretendo desenvolver um artigo sobre a alfabetização dos meus avôs, só que agora voltado para a realização desta durante três semestres dentro da Faculdade da Educação, promovendo também a coparticipação dos alunos do curso de Pedagogia nesta caminhada.